



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E
CIÊNCIAS SOCIAIS – INHCS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA – MESTRADO PROFISSIONAL**

MICHELE KEROLEM DE ALELUIA BATISTA

**DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA E DESINFORMAÇÃO:
A disseminação de fake news nas redes sociais durante a eleição presidencial brasileira
de 2022**

CATALÃO (GO)

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
Telefone: - - <https://www.ufca.edu.br>

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA)

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E
DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCA)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Catalão (UFCA) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFCA), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFCA é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o(a) autor(a) e o(a) orientador(a) Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação ou Tese?

Dissertação (Trabalho de Conclusão de Mestrado)

2. Nome completo do autor: Michele Kerolem de Aleluia Batista

Nome completo do(a) orientador(a): Lilian Marta Grisolio

3. Título do trabalho

Título: DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA E DESINFORMAÇÃO: A disseminação de fake news nas redes sociais durante a eleição presidencial brasileira de 2022

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento: [X] SIM [] NÃO¹

[¹] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs.: Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor



Documento assinado eletronicamente por LILIAN MARTA GRISOLIO, Orientador(a), em 11/07/2025, às 14:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Michele kerolem de aleuia batista, Usuário Externo, em 11/07/2025, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 0191983 e o código CRC 3EF76998.

MICHELE KEROLEM DE ALELUIA BATISTA

DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA E DESINFORMAÇÃO:

**A disseminação de fake news nas redes sociais durante a eleição presidencial brasileira
de 2022**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional, do Instituto de História e Ciências Sociais, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação. Linha de Pesquisa: História, Sociedade e Práticas Educativas

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Marta Grisolio

**CATALÃO (GO)
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborada pelo bibliotecário-documentalista
Marcio Luiz Fernandes Barbosa (CRB 1/3161)

Batista, Michele Kerolem de Aleluia

Deus, pátria e família: a disseminação de fake news nas redes sociais durante a eleição presidencial brasileira de 2022. / Michele Kerolem de Aleluia Batista. - 2025.

Catalão (GO) : Editora Gráfica Modelo, 2025.

133, f.: il.

Orientadora: Profª. Drª. Lilian Marta Grisolio.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto de História e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Formação de Professores, Catalão, 2025.

Bibliografia.

1. Antipetismo. 2. Cultura Digital. 3. Democracia. 4. Extrema-direita.
Título.

316.776.3:324.843"21"



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
Telefone: - - <https://www.ufcat.edu.br>

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 157 da sessão de Exame de Defesa de Michele Kerolem de Aleluia Batista, estudante de mestrado no Programa de Pós Graduação em História - Mestrado Profissional da Universidade Federal de Catalão.

Aos dezanove dias do mês de março de dois mil e vinte e cinco, a partir das 14:30, remotamente, via Meet, realizou-se a sessão pública de exame de defesa de dissertação de mestrado intitulada "DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA E DESINFORMAÇÃO: A disseminação de fake news nas redes sociais durante a eleição presidencial brasileira de 2022". Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Lilian Marta Grisolio (PPGH-MP/UFCAT), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor José Luis Solazzi (PPGH-MP/UFCAT) e Professora Doutora Patricia Sposito Mechi (UNILA). Após a arguição do(a) candidato(a), a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta, a fim de concluir o julgamento da dissertação, tendo sido a candidata aprovada em seu Exame de Defesa. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Lilian Marta Grisolio, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos dezanove dias do mês de março de dois mil e vinte e cinco.

Título Sugerido:



Documento assinado eletronicamente por LILIAN MARTA GRISOLIO, Orientador(a), em 11/07/2025, às 15:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por JOSE LUIS SOLAZZI, Professor(a) do Magistério Superior, em 28/07/2025, às 10:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por PATRICIA SPOSITO MECI, Usuário Externo, em 28/07/2025, às 10:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 0209914 e o código CRC 47D2CA58.

Referência: Processo nº 23852.001781/2025-91

SEI nº 0209914

Em memória de Maria, minha avó querida;

À minha mãe, Neusa Lúcia;

À Renato e Luanna, meus irmãos;

E à toda a minha família.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora, Dra. Lilian Grisolio, por sempre me incentivar e me apoiar desde a graduação. Assim como pela orientação, paciência e por acreditar no potencial deste trabalho. As suas orientações foram fundamentais para a construção desta pesquisa.

Aos meus professores e colegas do programa de pós-graduação, por todo o apoio e incentivo e pelas valiosas contribuições para o aprofundamento do meu conhecimento e para a qualidade deste estudo.

Aos meus amigos, pelo estímulo constante e por estarem sempre ao meu lado, me ouvindo e me acalmando nos momentos de dificuldades. A presença de vocês foi fundamental para que eu pudesse manter a motivação e seguir em frente.

Agradeço a Deus, pela saúde e perseverança. À minha família, em especial a minha mãe e tias, Neusa, Júlia e Talina, que sempre me apoiaram na busca pelos meus sonhos e me ofereceram todo o suporte necessário ao longo dessa trajetória.

Por fim, agradeço a banca examinadora, ao professor Solazzi e a professora Patricia pelas valiosas sugestões e contribuições. Ao apoio da minha psicóloga, Larissa Araújo, aos meus cachorros e gatinhos pelo suporte emocional. Ao ex secretário do programa, Alex de Souza Oliveira e aos demais funcionários do PPGH-MP e a UFCAT. E também a agência financiadora, Carrefour, pela sua contribuição financeira para a realização deste estudo. A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho. A cada um de vocês, minha profunda gratidão.

“O súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento). ”

(HANNAH ARENDT)

“O maior inimigo do conhecimento não é a ignorância, é a ilusão do conhecimento. ”

(Stephen Hawking)

"A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo."

(Nelson Mandela)

“Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo” ...

(Racionais MC's)

RESUMO

As redes sociais conquistaram um grande número de usuários ao redor do mundo, tornando-se na última década uma importante plataforma para interações sociais, além do compartilhamento de notícias e informações. Nos dias atuais, estar conectado e ativo em uma rede social muitas vezes implica em reconhecimento, pertencimento, isto é, existência no mundo contemporâneo. Nesse cenário, as mídias digitais exercem enorme potencial social e político. Assim, este trabalho realiza uma análise qualitativa de doze *fake news* coletadas no Facebook, Twitter e Instagram, após o término da campanha presidencial de 2022 no Brasil. A coleta foi baseada em quatro eixos temáticos, considerando as narrativas mais mobilizadas contra o candidato Luiz Inácio Lula da Silva: o discurso anticomunista, o discurso antissistema, a rejeição à chamada "ideologia de gênero" e a defesa de valores religiosos. O objetivo foi refletir sobre como essas *fake news* podem ter sido usadas para intensificar a rejeição ao Partido dos Trabalhadores (PT) e, assim, favorecer a reeleição de Jair Bolsonaro. A pesquisa é de caráter bibliográfico-documental, fundamentada em autores como Wilson Gomes; Tatiana Dourado (2019), Raquel Recuero; Anatoly Gruzd (2019), Matthew D'Ancona (2018), Alysson Leandro Mascaro (2022), Enzo Traverso (2023), Rodrigo Motta (2018, 2020), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Antipetismo; Cultura digital; Democracia; Extrema-direita; *Fake News*.

ABSTRACT

Social media has gained a large number of users worldwide, becoming important platforms for social interactions, as well as for sharing news and advertisements. Nowadays, being connected and active on a social network often implies recognition and existence in the contemporary world. In this context, these digital media have enormous social and political potential. This paper presents a qualitative analysis of twelve fake news pieces collected on Facebook, Twitter, and Instagram, after the conclusion of the 2022 Brazilian presidential campaign. The data collection was based on four predetermined thematic axes, considering the narratives most mobilized against candidate Luiz Inácio Lula da Silva: anti-communist discourse, anti-system rhetoric, rejection of the so-called "gender ideology," and defense of religious values. The objective is to reflect on how these fake news, based on this sample, may have been used to intensify hostility towards the Workers' Party (PT) and, consequently, favor the re-election of Jair Bolsonaro. The research is bibliographic and documentary in nature, grounded in authors such as Gomes and Dourado (2019), Recuero and Gruzd (2019), D'Ancona (2018), Mascaro (2022), Traverso (2023), Motta (2018, 2020), among others.

KEYWORDS: Anti-PT; Digital culture; Democracy; Far-right; Fake News.

LISTA DE SIGLAS

- ARENA** – Alianza Republicana Nacionalistax
- DOI - CODI** – Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna
- ESG** – Escola Superior de Guerra
- Fidesz** – Aliança dos Jovens Democratas (Fiatal Demokraták Szövetsége, em húngaro)
- FIESP** – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
- FMLN** – Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional
- FPE** – Frente Parlamentar Evangélica
- GANAN** – Grande Aliança pela Unidade Nacional
- GEA** – Grupo de Estudo e Ação
- IPES** – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais
- MBL** – Movimento Brasil Livre
- MDB** – Movimento Democrático Brasileiro
- MPL** – Movimento Passe Livre
- MPF** – Ministério Público Federal
- NHS** – Sistema Único de Saúde (National Health Service, em inglês)
- PL** – Partido Liberal
- PNE** – Plano Nacional de Educação
- PSC** – Partido Social Cristão
- PSDB** – Partido da Social Democracia Brasileira
- PSL** – Partido Social Liberal
- PSOL** – Partido Socialismo e Liberdade
- PRN** – Partido da Reconstrução Nacional
- PRTB** – Partido Renovador Trabalhista Brasileiro
- PT** – Partido dos Trabalhadores
- PV** – Partido Verde
- PPE** – Partido Popular Europeu
- STF** – Supremo Tribunal Federal
- TSE** – Tribunal Superior Eleitoral
- UE** – União Europeia
- URSS** – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Fake news relacionando Fernando Haddad a legalização da pedofilia
- Figura 2:** Fake news relacionando Fernando Haddad a criação do “Kit Gay”
- Figura 3:** Publicação questionando a sanidade de Dilma Roussef
- Figura 4:** Publicação questionando a capacidade de governar de Dilma Rousseff
- Figura 5:** Fake news sobre o Brasil seguir os mesmos rumos da Venezuela
- Figura 6:** Comentários da publicação anterior
- Figura 7:** Fake news sobre a prática de comer carne de cachorro na Venezuela
- Figura 8:** Fake news sobre a possibilidade de uma ditadura comunista no Brasil
- Figura 9:** Fake news sugerindo que Carmen Lúcia praticava censura em apoio ao PT
- Figura 10:** Fake news condenando a suposta censura a Jovem Pan
- Figura 11:** Fake news sobre o apoio da Rede Globo e Data folha a Lula
- Figura 12:** Fake news sobre a criação de banheiro unissex
- Figura 13:** Fake news em que Nikolas Ferreira discursa sobre a criação de banheiro unissex
- Figura 14:** Fake news sobre descriminalização do aborto e implantação da ideologia de gênero
- Figura 15:** Fake news sobre falsas propostas do governo Lula
- Figura 16:** Fake news em que líder religioso condena supostas propostas do governo Lula
- Figura 17:** Fake news sobre o apoio do influenciador satanista, Vicky Vanilla, ao PT

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. COMUNICAÇÃO POLÍTICA CONTEMPORÂNEA: INTERNET E REDES SOCIAIS.....	18
1.1 Comunicação política nas redes sociais	19
2. FAKE NEWS: A ARTE DE DESINFORMAR.....	30
2.1 Extrema-direita em ascensão no século XXI: o uso das redes sociais	37
2.2 Antipetismo e <i>fake news</i> : nas ruas e nas redes	47
2.3 Antipetismo e misoginia: o caso Dilma Rousseff	63
3. A REDE ANTIPETISTA: ANTIPETISMO NAS REDES SOCIAIS.....	69
3.1 Memes, <i>fake news</i> : o discurso de ódio.....	74
3.2 O antipetismo como protagonista.....	77
3.3 O discurso antissistema: “contra tudo que está aí, ok?”	86
3.4 A invenção da “ideologia de gênero”	94
3.5 A defesa da família e dos valores cristãos.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar como as *fake news*¹, um fenômeno que ganhou maior relevância com a popularização das redes sociais, foram utilizadas como instrumento político para aumentar a rejeição ao Partido dos Trabalhadores (PT) durante as eleições presidenciais de 2022², favorecendo, assim, a reeleição de Jair Bolsonaro³. Consideramos que essa pesquisa possui uma função social, partindo do pressuposto de que a desinformação causada pela propagação de notícias falsas representa um risco às sociedades democráticas. Tendo em mente que “a democracia que não se consolida, que não se cuida, que não se protege tende a degenerar em demagogia.” (MARCIA TIBURI, 2022).

As redes sociais têm sido utilizadas para deslegitimar ou legitimar determinados governos, partidos ou candidatos e, dessa forma, interferir na opinião de seus usuários, influenciando na tomada de decisão. Nesse sentido, a questão norteadora dessa pesquisa foi analisar como as *fake news* amplificaram o antipetismo na eleição de 2022, além de favorecer Bolsonaro, o candidato da extrema-direita que pretendia ser reeleito.

O interesse por essa problemática surgiu a partir da percepção da crescente discussão sobre a relação entre a mídia e a política, observada durante a pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de curso (TCC), ainda durante a graduação em Licenciatura em História na Universidade Federal de Catalão em Goiás (UFCAT). O objetivo desse estudo foi analisar a cobertura eleitoral da revista *VEJA* na eleição presidencial de 1989, a fim de verificar se o periódico apresentou um posicionamento favorável a algum candidato. Durante a análise das edições, notamos o uso de mecanismos como manipulação de dados, tipo de notícia, espaço para candidatos, padrão de redação e vocabulário favoráveis ao candidato Fernando Collor de Mello e desfavoráveis em relação aos demais candidatos, especialmente a Lula.⁴

¹Nessa pesquisa entendemos que *fake news* são informações falsas ou distorcidas, elaboradas e divulgadas intencionalmente para enganar, manipular e influenciar. No capítulo 2 abordamos mais a fundo a discussão conceitual.

² O título desta pesquisa é uma alusão ao slogan de campanha utilizado por Bolsonaro nas eleições de 2018 e 2022, “Deus, Pátria, Família e Liberdade”.

³ Vale ressaltar que nessa eleição Bolsonaro pleiteava a reeleição, objetivo que não teve êxito, pois o candidato Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito no dia 30 de outubro de 2022. Conforme o TSE, “Lula obteve 59.563.912 votos (50,83% dos votos válidos), contra 57.675.427 votos (49,17% dos votos válidos) de Bolsonaro.” (TSE, 2022).

⁴ Para uma discussão aprofundada sobre os aspectos de manipulação utilizados pela imprensa ver o livro Padrões de manipulação na grande imprensa de Perseu Abramo. 2. ed. 2016.

A partir do notável crescimento do candidato esquerdista nas pesquisas de opinião e intenção de voto, foi perceptível o acirramento de ataques ao plano de governo do PT, que, conforme a revista, apresentava um comunismo fora de moda, era considerado confuso e inviável. Nesse momento, já era notável uma rejeição incipiente ao partido. Percebemos, ao longo da análise das matérias de capa, que o periódico se posicionava de maneira incrédula em relação a possibilidade de um partido de esquerda, de trabalhadores e com um candidato analfabeto, chegar à presidência.

O perfil socioeconômico e cultural de Lula, além de aspectos físicos, era ressaltado de forma negativa. Havia nas matérias conteúdos tendenciosos a respeito da ideologia do partido e do candidato. O periódico previa que, em caso de uma vitória petista, o país enfrentaria um caos social, sendo possível até mesmo a necessidade da volta dos militares ao governo. O trecho a seguir é um exemplo da forma ofensiva e desfavorável com que a revista falava sobre o petista:

A questão concreta da atual fase da campanha, entretanto, é que o candidato do PT com sua barba de camponês, sua barriga de Pancho Villa e seus erros de concordância de quem não completou o curso ginásial, tornou-se um concorrente com chances de, ao menos em tese, instalar-se futuramente na residência oficial de chefe da nação, com pompa, com fraque e com direito constitucional de fazer e acontecer, por mais que sua visão esquerdista possa assustar todos aqueles que terão de trata-lo como presidente da República. Um espanto. (VEJA, 1989, p. 45).

A partir da compreensão dessas análises do antipetismo através da imprensa na década de 80, foi possível compreender o potencial dos conteúdos midiáticos como fonte de pesquisa. A percepção sobre o crescente posicionamento contrário à esquerda e, principalmente, contra o PT, fez surgir o desejo de aprofundar as pesquisas a respeito da relação entre a História, mídia e política. A proposta inicial era refletir sobre a trajetória do PT, concomitantemente ao fortalecimento do discurso antipetista. Para tanto, pretendíamos utilizar algumas edições da *VEJA* lançadas entre 1989 e 2018 como fonte de análise.

No entanto, já na fase inicial da pesquisa alguns obstáculos em relação a fonte principal, alterou o projeto. Desde meados de 2021 o acervo digital da revista *VEJA* está passando por uma reformulação. Assim, não foi possível acessar as edições. Vale informar que até o momento, final de 2024, o acervo ainda está sendo reformulado, sendo possível acessar apenas as edições a partir de 2016.⁵

⁵ Link de acesso do acervo Veja <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja>

“*VEJA* diz ter a responsabilidade de narrar o presente, avaliá-lo, selecionar o que importa, sintetizar, explicar (...). Além disso, diz ser capaz de demonstrar o que seria a opinião pública.” (CARLA SILVA, 2005, p. 626). Nesse sentido, considerando as perspectivas calorosas referentes a possibilidade da saída da extrema-direita e do retorno do PT à presidência em 2022. E reconhecendo o posicionamento neoliberal, sabidamente conservador e antipetista que o periódico historicamente apresenta, esse longo período de reformulação de seu acervo é um tanto controverso.

Consequentemente, com a impossibilidade de prosseguir a pesquisa com a revista *VEJA* como fonte, foi necessário realizar uma reestruturação do tema. Somado a isso, é notório que a mídia tradicional vem disputando espaço com a mídia digital. É fato que o alcance que revistas e jornais impressos, assim como de programas de rádio e televisão, está diminuindo com a evolução das novas mídias como redes sociais, podcast⁶, streaming⁷, etc. Assim, considerando que as redes sociais podem ser poderosas ferramentas de influência da opinião pública, acreditamos que estudos sobre a comunicação e campanhas na internet e nas redes sociais sejam fundamentais para o contexto atual e para a História.

No momento de elaboração desta pesquisa muitos episódios que comprovam essa questão foram acontecendo e na medida do possível citamos para ilustrar nossas ideias aqui defendidas. Um desses episódios foi a eleição de Donald Trump nos EUA em 06 de novembro de 2024, mesmo após lançar várias *fake news*, como por exemplo dizer que, estrangeiros estavam comendo pets (cachorros) de moradores em Springfield, Ohio:

Springfield, em Ohio, ficou famosa mundialmente depois que Donald Trump, em seu único debate com Kamala Harris nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, em setembro, falou sobre uma *fake news* que havia viralizado sobre imigrantes haitianos que estariam comendo pets na cidade. (GI, 2024)

Para a execução dessa dissertação, realizamos uma análise qualitativa e bibliográfica-documental. As *fake news* foram coletadas manualmente logo após o período de campanha eleitoral. As amostras foram selecionadas de acordo com quatro eixos temáticos que emergiram das análises, sendo estes 4 temas os que apareceram com maior recorrência: o discurso anticomunista, o repúdio à ideologia de gênero, a defesa dos valores cristãos e o discurso antissistema.

⁶ Arquivo digital de áudio transmitido pela internet.

⁷ Transmissão de áudio ou vídeo feito em tempo real do servidor para o dispositivo.

Foi selecionado um exemplo referente a cada eixo supracitado e rede social, Instagram, Facebook e Twitter, totalizando, então, em doze amostras. Os formatos das publicações são variados: vídeos, imagens, frases, charges, fotos e textos. Os *posts*⁸ escolhidos se encaixam no conceito de meme⁹, ou seja, publicações que se espalharam rapidamente no ambiente online, tiveram uma interação (curtidas, comentários, visualizações e compartilhamentos) considerável e são formados por mensagens em tom humorístico e/ou de denúncia sensacionalista.

Vale mencionar que a etapa de classificação foi um tanto complexa, uma vez que, na maioria das *fake news*, os temas se cruzam e se mesclam, quase sempre recorrendo a questões de gênero, morais-religiosas, antissistema e anticomunistas. Nesse sentido, percebemos que, por meio desse entrelaçamento de narrativas, forma-se um discurso de deslegitimação do PT e de fortalecimento da extrema-direita e de Bolsonaro.

Partindo dessas primeiras considerações sobre o objeto de estudo e as fontes, alguns autores foram essenciais para compreender as discussões aqui levantadas. Dentre estes, destacamos Wilson Gomes; Tatiana Dourado (2019), Raquel Recuero; Anatoly Gruzd (2019), Matthew D’Ancona (2018), Alysson Leandro Mascaro (2022), Enzo Traverso (2023), Rodrigo Patto Sá Motta (2018, 2020), Rodrigo Nunes (2022) e Marcos Nobre (2019).

Uma vez que o objeto de análise desse estudo são as *fake news*, recorreremos ao estudo de Wilson Gomes; Tatiana Dourado. No artigo *Fake News, um fenômeno da comunicação política entre jornalismo, política e democracia* tratam acerca da relação entre os campos midiático e político e dos desdobramentos para a democracia. Os autores indicam que as *fake news* assumem, comumente, a forma de relatos jornalísticos para transmitir credibilidade e, dessa forma, convencer mais pessoas com o intuito de criar um contexto de desinformação.

Embora eles entendam que a criação de notícias falsas seja inerente a política, os aspectos próprios das redes como a abundância e velocidade da informação representa uma ameaça as sociedades democráticas. Nesse sentido, defendem que as *fake news* não é um problema próprio do campo midiático, mas sim do campo político, justificando que é a política sabotando a democracia.

Em concordância com o artigo anterior, *Cascata de fake news política: um estudo de caso no twitter* de Raquel Recuero; Anatoly Gruzd, apontam que as *fake news* são ferramentas

⁸ Conteúdo criado e compartilhado na internet em diferentes formatos

⁹ Meme no vocabulário atual é capaz de engajar o público como se fosse espontâneo pois “viral”, ou seja, é repassado melhores de vezes. O meme como estratégia de divulgação alia a facilidade da linguagem com a viralidade para promover marcas, produtos e ideias.

intencionalmente criadas com o propósito de enganar. Para isso, são utilizados métodos jornalísticos para conferir credibilidade e legitimidade. Nessa lógica, propõem que existe três elementos essenciais para definição de uma *fake news*: o uso de componentes noticiosos da narrativa jornalística, a falsidade total ou parcial e intenção de adulterar a verdade, para então produzir desinformação.

Dessa forma, a partir desses artigos, refletimos sobre a definição do termo, assim como sobre o contexto em que conquistou ampla popularidade, além dos antecedentes que contribuíram para a sua concretização e dos mecanismos de engajamento e validação das *fake news* e dos seus efeitos para as sociedades democráticas.

Nesse sentido, considerando que as *fake news* são parte de um quadro social-político mais complexo, no livro *Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*, Matthew D’Ancona aborda as diferenças conceituais entre *fake news*, desinformação e pós-verdade, além de explicar suas correlações. Além disso, no decorrer do livro, o autor trata do limiar da atual conjuntura de banalização da verdade e a instrumentalização de notícias propositalmente fraudulentas no debate político. Pós-verdade não é a mesma coisa que mentira. Os políticos, afinal, mentem desde o início dos tempos. O que a pós-verdade traz de novo não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso. ” (D’ANCONA, 2018, p. 9).

É preciso destacar que a popularização das fake news ocorre num contexto global de radicalização das direitas, com a ascensão dos discursos fascistas e governos de extrema-direita. Sendo assim, as obras de Alysson Mascaro, Enzo Traverso e Giuliano de Empoli auxiliaram para a reflexão sobre esses movimentos.

Além disso, tendo em vista o revigoramento do discurso anticomunista e a ascensão da extrema-direita no Brasil, recorreremos aos estudos de Rodrigo Patto Sá Motta (2018), que discute questões que indicam que o antipetismo parece ter assumido o lugar que antes o anticomunismo ocupava, assim investigamos os mecanismos utilizados para intensificar a rejeição ao PT concomitante o fortalecimento da direita radical.

Por último, Rodrigo Nunes indica que:

Os últimos quinze anos foram um período em que o impensável não parou de acontecer, e a extrema direita soube melhor que ninguém usar as muitas crises do presente para trazer o indizível para o centro do debate público e tornar o inconcebível um dado corriqueiro. (NUNES, 2022, p. 17).

Para refletirmos sobre essa consolidação do bolsonarismo em paralelo ao fortalecimento do antipetismo, buscamos nos livros *Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*, de Marcos Nobre e *Do transe à vertigem: Ensaio sobre o bolsonarismo em um mundo em transição*, de Rodrigo Nunes, fundamentação teórica para embasar as nossas análises.

Para discutir as questões ora apresentada, bem como o debate estabelecido com o referencial teórico e análise das fontes, dividiu-se esta dissertação em três capítulos. No primeiro capítulo, discutimos sobre comunicação política digital, destacando o potencial político da internet e das redes sociais, e os mecanismos utilizados para impulsionar conteúdos, como o filtro bolha¹⁰ ou *clickbait*¹¹, dentre outros. Ademais, refletimos a respeito dos desafios à democracia que têm sido evidenciados.

Em seguida, no capítulo 2, abordamos o conceito e a história das *fake news*, assim como suas implicações na esfera política. Foram apresentados exemplos de países onde ocorreu um avanço da extrema-direita associado a um contexto de desinformação provocado pela ampla propagação de *fake news*, incluindo o Brasil. Logo após, fizemos uma contextualização sobre a política brasileira na última década, destacando momentos importantes que culminaram na ascensão de um governo extremista em 2018. Por fim, uma breve reflexão sobre a misoginia ferrenha que Dilma sofreu nesse período.

No último capítulo, uma breve apresentação da história do PT, sua importância no cenário político. Em seguida, tratamos da metodologia de seleção, classificação e análise das *fake news* utilizadas para a pesquisa. Finalmente, concluímos o texto com a análise dos memes e suas narrativas, observando além das questões levantadas inicialmente, quais temáticas emergem do tema central de cada meme e como no conjunto, essas *fake news* indicam o intuito de deslegitimar a imagem do PT e do Lula e beneficiar uma visão mais conservadora de sociedade.

Visto que esta pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da UFCAT, além da dissertação, desenvolvemos também um produto social com a intenção de extrapolar o âmbito acadêmico e alcançar outros indivíduos para além dos muros da Universidade. O PPGH-MP estimula a elaboração de produtos e estratégias

¹⁰ Fenômeno em que algoritmos definem o que a pessoa verá com base nos seus hábitos de consumo de conteúdo.

¹¹ Consiste em colocar títulos sensacionalistas para atrair cliques e visualização.

coletivas que impactem a realidade na qual se inserem, sejam em contextos de educação formais ou informais.

Para tal, escolhemos produzir um livro de apoio, conciso e em formato digital, focado na prática da educação midiática em diferentes espaços. Assim sendo, trata-se de um pequeno guia para que pessoas interessadas em trabalhar com letramento digital, possam utiliza-lo como referência. Acreditamos que não basta a denúncia acadêmica sobre os mecanismos de propagação das *fake news*, é preciso também instrumentalizar a sociedade para alertar e combater tais práticas.

Pensando nisso, a estrutura do *e-book* é composta por uma breve introdução, explicando o propósito do guia. Em seguida, há uma reflexão sobre a importância e urgência de se investir na educação midiática, considerando-a uma ferramenta crucial para neutralizar os malefícios causados pelas *fake news*. O *e-book* é composto por dois capítulos. No capítulo 1, discutimos o fenômeno das *fake news*, incluindo o conceito e a origem. No segundo, é exposto uma metodologia simples para a identificação das *fake news* e ainda são apresentados cinco exemplos de propostas de atividades para trabalhar com educação midiática em escolas, Ongs, eventos educativos, museus, centros culturais, entre outros espaços.

Consideramos que o letramento digital é fundamental para uma leitura crítica do mundo, podendo evitar exclusões e manipulação no ambiente mais usado para se informar na atualidade. Assim, a proposta é que o *e-book* seja uma cartilha/ferramenta de auxílio nesse letramento.

Posto isto, partimos nesse estudo do que Walter Benjamin (2012) fala em sua obra *Magia e Técnica, arte e Política* sobre como o tempo de produção artesanal ditava o ritmo, assim era possível contar ou narrar a história e passar essa memória para futuras gerações. Já o tempo capitalista tem um caráter rápido do processo industrial isso atropela a memória e as tradições, que se perdem, no que ele chama de um depauperamento da arte de narrar. Aplicando isso aos nossos dias com o aceleração causado pela internet, excesso de informações e lógica do funcionamento das redes sociais; podemos aferir que as *fake news* fazem parte dessa lógica que pretende transformar através da narrativa um acontecimento irreal em fato, ou o contrário, negar e transformar um fato histórico numa narrativa fictícia.

Nesse sentido, a partir desta dissertação e do produto social, esperamos contribuir com uma leitura enriquecedora para o debate acadêmico sobre a comunicação política digital e de seus desafios atuais. Nessa perspectiva, embora, conforme Eric Hobsbawm (2013), haja questões complexas para o pesquisador da História do Tempo Presente devido à proximidade

com os eventos estudados, o que exige maior rigor metodológico e cuidado para não se deixar influenciar pelas narrativas vigentes. Além da ampla disponibilidade de documentos em virtude da abundância informacional provocada pelos avanços tecnológicos, em concordância com Anderson dos Santos acreditamos que:

A História do Presente é tanto legítima quanto necessária. Legítima, de acordo com Jean-Pierre Rioux, na medida em que seus objetivos, seus métodos e suas fontes não diferem em nada da "História do Passado" e necessária porque é a própria sociedade que estimula o historiador a lançar seu olhar sobre ela. (SANTOS, 2008, p. 10).

Além disso, apesar do negacionismo e do anticientificismo instaurados na sociedade atual, que têm provocado uma desmoralização das Ciências, especialmente das Ciências Humanas, muitas vezes consideradas enviesadas e doutrinadoras, cremos que é o papel da História, da Sociologia, da Filosofia e de outras áreas do conhecimento humano construir projetos interdisciplinares de conscientização e tentativa de minimização dos efeitos das *fake news*, bem como de resistência aos discursos antidemocráticos.

1. COMUNICAÇÃO POLÍTICA CONTEMPORÂNEA: INTERNET E REDES SOCIAIS

A partir do desenvolvimento e popularização da internet e das mídias digitais tornou-se comum debates a respeito do potencial social, político e democrático que estas possuem na contemporaneidade. A formação da rede, como se conhece hoje, foi um processo gradual, envolvendo diferentes atores, até ocorrer a sua universalização, assim como da linguagem digital. O considerado pai da internet, Tim Bernes¹², pretendia que ela fosse um meio de comunicação aberto e livre, ou seja, um meio democrático de comunicação e informação.

Ao mesmo tempo que a internet era desenvolvida, também ocorria a criação das primeiras redes sociais. Os anos 2000 ficaram marcados pela expansão da rede, bem como pela eclosão das redes sociais e pela adesão significativa de usuários. Especialmente depois dos anos 2010 houve um aceleração nas mudanças significativas nas redes com uso do algoritmo, rolagem infinita, postagens de vídeos instantâneos, curtidas, etc. Dentre as várias redes sociais que surgiram no início do século XXI, temos, por exemplo, o Friendster, o LinkedIn, o MySpace e o Orkut.¹³

Segundo Recuero (2009), as redes sociais ou sites de redes sociais, como o Facebook ou Instagram, por exemplo, são ambientes digitais que possibilitam e facilitam as conexões e interações sociais; porém, não são redes sociais de fato. Uma vez que redes sociais são constituídas pelos indivíduos que interagem entre si, independentemente do espaço em que essa interação ocorre. Desse modo, compreendemos que essas plataformas são apenas sistemas

¹² Timothy John Berners-Lee mais conhecido como Tim Bernes é um renomado físico britânico. Com um trabalho de destaque na computação, Bernes criou em 1989 a World Wide Web. Pretendia que ela fosse um meio de comunicação aberto e livre, ou seja, um meio democrático de comunicação e informação.

¹³ O Friendster oferecia novas possibilidades, como colocar fotografias e enviar mensagens para os “amigos virtuais” ou “friendsters” e criar link para as páginas destes. [...] o Friendster era utilizado para sair com alguém ou socializar. Sendo inicialmente utilizado por jovens de São Francisco, rapidamente se tornou popular, cativando variados tipos de internautas. (MARIA COSTA, 2010, p. 32).

O LinkedIn foi fundado em maio de 2003, alguns meses após o Friendster, com o intuito de criar conexões profissionais, “A missão do LinkedIn é simples: conectar profissionais do mundo todo, tornando-os mais produtivos e bem-sucedidos”. (LinkedIn, 2024).

O Myspace era comumente utilizado pelos usuários para compartilhamento de músicas e outros conteúdos artísticos. “O MySpace foi um sistema lançado em 2003, que permitia a mostra de redes sociais e a interação com outros usuários através da construção de perfis, blogs, grupos e fotos, música e vídeos. Sua criação foi inspirada no sucesso do Friendster, que era contemporâneo [...]”. (RECUERO, 2009, p. 172).

O Orkut foi lançado em 2004, fez um grande sucesso desde o princípio, em especial, no Brasil e, posteriormente, na Índia. Em 5 meses após o lançamento já havia aproximadamente 2 milhões de perfis. “[...] o Orkut combinava diversas características de sites de redes sociais anteriores (como a criação de perfis focados no interesse, a criação de comunidades e, mesmo, a mostra dos membros da rede social de cada ator)”. (RECUERO, 2009, p. 165).

facilitadores de interação social. Entretanto, as redes sociais são, verdadeiramente, constituídas pelos agentes que as utilizam¹⁴. Logo, a autora (2012, p. 132) indica que “os sites de rede social, de uma forma geral, representam redes sociais e permitem que as pessoas estabeleçam conexões sociais (ou laços) ”.

Além disso, vale mencionar que, embora os termos “redes sociais”, “mídias sociais” e mídias digitais sejam comumente utilizados como sinônimos, há diferenças. Mídia digital refere-se a qualquer conteúdo transmitido por tecnologias digitais como *podcast*, jogos digitais, vídeos e blogs, por exemplo. Enquanto mídia social é um subconjunto de mídia digital. Trata-se de plataformas utilizadas principalmente para compartilhar conteúdo. Nessas redes também é possível ocorrer interação entre o divulgador e o público, a partir de *likes*¹⁵ e comentários. Um exemplo bastante conhecido de mídia social é o Youtube¹⁶, criado com o objetivo primário de compartilhamento de vídeos.

Por último, as redes sociais ou sites de redes sociais são, essencialmente, criadas para promover a conexão e interação de indivíduos. Contudo, nessas redes, também é possível o compartilhamento de conteúdo, como vídeos, fotos etc. Recuero define como:

Sites de redes sociais propriamente ditos são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores. São sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes. É o caso do Orkut, do Facebook, do LinkedIn e vários outros. São sistemas onde há perfis e há espaços específicos para a publicização das conexões com os indivíduos. (RECUERO, 2009, p. 104).

Nesse sentido, podemos considerar um site de rede social como uma subcategoria de mídia social. Ou seja, os conceitos de mídia digital, mídia social e rede social são relacionados, porém distintos.

1.1 Comunicação política nas redes sociais

A comunicação política acontece a partir da interação dos campos político e midiático com a sociedade civil. Atualmente, houve a apropriação dos benefícios da internet e dos

¹⁴ Compreendendo o conceito de redes sociais e de sites de redes sociais, será utilizado nesse estudo o termo “rede social” para facilitar o entendimento.

¹⁵ Curtir a publicação

¹⁶ Plataforma de compartilhamento de vídeos na internet. Criado em 2005, permite a criação, compartilhamento e visualização de vídeo, além da interação entre os usuários por meio de curtidas e comentários.

dispositivos móveis. No ambiente digital vimos o início de muitas transformações sociais, como greves e manifestações políticas, por exemplo. A internet é um espaço que facilita a comunicação e amplia o fluxo de movimentação graças a velocidade acentuada, à conectividade permanente e a quebra de barreiras de tempo e espaço.

Paulatinamente, a internet e as redes sociais conquistaram grande relevância como fonte de informação e, conseqüentemente, um considerável potencial de influenciar a opinião pública. Dessa maneira, tornaram-se um espaço altamente atraente em momentos eleitorais, bem como no cotidiano dos governos eleitos e da oposição. No contexto político, além de informar, as redes são utilizadas como instrumento de campanha e de monitoramento. Por meio de bases de dados, é possível segmentar a população de acordo com a raça, classe social, gênero, religião, nível de instrução, dentre outras variáveis. Assim, com esses dados, podem ser medidos e categorizados os interesses dos eleitores, permitindo uma requintada personalização de conteúdos conforme o público alvo.

Percebemos que com a evolução tecnológica das últimas décadas, ocorreram importantes transformações na comunicação, o que incidiu de forma considerável na forma de viver e interagir socialmente¹⁷. À vista disso, também são perceptíveis mudanças no campo político, pois a internet e as redes sociais ampliam o espaço para a prática política. Assim, os partidos e candidatos que, anteriormente, não conseguiam capital eleitoral suficiente, por não possuírem visibilidade relevante nos meios de comunicações tradicionais, como tempo no horário eleitoral gratuito, atualmente podem recorrer às redes para buscar maior reconhecimento¹⁸.

Desse modo, percebendo as potencialidades da comunicação digital, estudos sobre a ligação das mídias sociais com a política se intensificaram a partir das eleições presidenciais estadunidense de 2008. Durante a campanha eleitoral dessa eleição, destacou-se a copiosa utilização de mídias sociais na campanha de Barack Obama, que as usou para organizar a sua campanha, aproximar-se do eleitorado e angariar recursos financeiros.

¹⁷ O uso do celular concentra grande partes das funções antes espalhadas, e agora concentrados em aplicativos como transporte, banco, comunicação, agenda, alimentação, etc. Nas escolas o seu uso aumentou exponencialmente com aplicativos educativos, porém nos últimos anos ocorreu um recuo visto a aparecimento de problemas como ansiedade, dependência e falta de concentração.

¹⁸ - Na última eleição municipal ocorrida em outubro de 2024, a candidatura de Pablo Marçal (PRTB), candidato com discurso extremado à direita, próximo ao bolsonarismo, com comportamento polêmico e histriônico, conhecido por ser "coach" de autoajuda com milhares de seguidores, alcançou reconhecimento midiático, ficando várias vezes na lista de assuntos mais comentados e acessados (trends).

“As eleições presidenciais americanas eram marcadas pelo uso da internet não apenas como ferramenta de divulgação de ações de campanha, mas também de arrecadação de dinheiro e de interação entre representados e candidato.” (ALINE CAMARGO et al., 2018, p. 115). Com essas estratégias, Obama obteve mais êxito do que o seu concorrente, o senador John McCain, ao conquistar cerca de 52% dos votos e se tornar o primeiro presidente negro.¹⁹

Contudo, a internet começou a ser utilizada em campanhas eleitorais um pouco antes, mais precisamente no início da década de 1990, nos Estados Unidos. Na eleição de 1992, a internet foi utilizada pela primeira vez para comunicados de imprensa e programas eleitorais. “A utilização da Web para fazer campanha e discutir assuntos políticos começou nos Estados Unidos. Em 1996, a Internet já era utilizada como veículo de informação política pelos partidos.” (ROSÁLIA RODRIGUES, 2010, p. 9).

No Brasil, o uso da internet para fins eleitorais teve início em 1998, com o uso de websites por candidatos e partidos. Gradualmente, novos dispositivos virtuais foram incorporados, como fóruns e chats. Nesse período, a rede era utilizada de forma complementar as mídias tradicionais, bem como ao contato físico entre candidato e eleitor. Até a eleição de 2006, a utilização da internet era limitada apenas a esses espaços, visto que havia restrições que limitavam seu uso, como aponta Camargo et al:

No Brasil não era permitido aos candidatos utilizarem, por exemplo, canal no Youtube. Até então a propaganda eleitoral na internet somente era permitida na página do candidato destinada exclusivamente à campanha eleitoral. A mudança veio a partir da Resolução nº 12.034, de setembro de 2009, quando passa a ser permitida a propaganda por meio de blogs, redes sociais e sites de mensagens instantâneas [...] (CAMARGO et al., 2018, p. 115).

Logo após a Resolução nº 12.034, em 2009, nas eleições de 2010, a internet e as mídias sociais começaram a conquistar mais espaço. Assim, o fluxo de conteúdo político e a disputa

¹⁹ O democrata Barack Obama foi o primeiro negro a ser eleito presidente dos Estados Unidos – por 349 votos contra 162 de McCain no colégio eleitoral, o que representava 52% contra 47% do total de votos – em uma votação com a maior taxa de participação da história do país. Sua trajetória era a concretização do sonho americano. Filho de um negro queniano e uma americana do Kansas, viveu, durante a infância, com a mãe e o padrasto, na Indonésia, e com os avós, no Havaí. Aluno exemplar, estudou ciências políticas na Universidade de Columbia e direito na conceituada Universidade de Harvard. Uma vez baseado em Chicago, advogou em defesa da comunidade negra, deu aulas na Universidade de Chicago e tornou-se senador pelo estado de Illinois. Sua campanha foi marcada por uso intenso de redes sociais e conquistou apoio maciço de jovens. Com o slogan “yes, we can” (sim, nós podemos, em inglês), buscava reconciliar um país de ânimo abalado por anos de guerras e uma grave crise econômica, com promessas de esperança para as novas gerações. (GI, 2008).

por atenção aumentaram consideravelmente. Nessa eleição, destaca-se a utilização do Twitter²⁰ pelo candidato do PSOL, Plínio de Arruda Sampaio:

Em 2010 ocorreram eleições no Brasil e as redes sociais já se colocavam como um instrumento de comunicação eleitoral. Este exemplo pode ser observado na campanha do presidencial Plínio de Arruda (PSOL), que não despontou nas pesquisas eleitorais, mas foi um fenômeno no Twitter. (SANTOS et al., 2020, p. 70).

Além disso, a partir de 2010, redes como o Facebook e Twitter, aos poucos, tornaram-se importantes ferramentas de campanha. Sobre a eleição de 2010, Sérgio Braga (2011) afirma que há indícios de que a utilização da rede agregou valor a esta disputa política, ao ser utilizada por militantes para coordenar ações, e tornar mais personalizada a mensagem dos candidatos. De acordo com a literatura, nesse pleito, além de Plínio de Arruda, os candidatos José Serra (PSDB) e Marina Silva (PV) fizeram um uso expressivo do Twitter durante a corrida eleitoral. Ademais, houve um movimento significativo de difamação contra a candidata do PT, Dilma Rousseff, baseado em narrativas relacionadas ao aborto²¹.

Na eleição presidencial seguinte, em 2014, o Facebook foi bastante utilizado pelos candidatos à presidência. Nessa rede, eles buscavam apoio de seus eleitores através da estratégia de incentivo ao engajamento. Isto é, de empenho em uma causa, um comprometimento que leva a uma ação afetiva de visualizar, comentar, compartilhar e curtir.

Esse incentivo é feito muitas vezes de maneira simples nas postagens, como pedir para curtir o post, compartilhar, assistir o programa televisivo ou ainda acessar algum link que proporcione mais informações sobre aquilo que está sendo tratado. (MICHELE MASSUCHIN; CAMILLA TAVARES, 2015, p. 107).

A respeito dessas eleições, Massuchin; Tavares (2015) indicam que foi a campanha mais moderna em comparação às anteriores, no que se refere ao uso da tecnologia e fomento financeiro. Sobre a popularização do uso de redes sociais durante períodos eleitorais, Sérgio Braga e Márcio Carlomagno (2018, p.7) afirmam que:

²⁰ O Twitter é uma rede social que permite aos usuários publicar e interagir com mensagens curtas, chamadas de “tweets”. Em outubro de 2022, Elon Musk, um dos empresários mais ricos do mundo, comprou o Twitter por US\$ 44 bilhões. A rede passou então a se chamar “X”, além de outras mudanças.

²¹ Segundo Naara Luna (2014) na eleição de 2010 o tema aborto foi utilizado recorrentemente para atacar a imagem da candidata Dilma Rousseff, que foi até acusada por Monica Serra, esposa do também candidato José Serra, de ser “a favor da morte de criancinhas”.

[...] as eleições de 2014 e 2016 consolidaram essa tendência, com virtualmente todos os candidatos aos cargos majoritários e grande parcela dos candidatos a cargos proporcionais, utilizando a internet e algum tipo de mídia digital como ferramenta de comunicação e interação com os cidadãos, de maneira geral, e não apenas com o potencial eleitor.

O ápice das e-campanhas²² no Brasil ocorreu em 2018, com o candidato Jair Bolsonaro sendo a principal referência na apropriação do potencial das redes sociais, visto que foi eleito com um forte protagonismo do ambiente digital.

Sendo assim, as eleições para a Presidência da República do ano de 2018 marcam uma nova maneira de se comunicar na política, e conseqüentemente, de se fazer a política. Se antes os candidatos dependiam do tempo de TV que provinham de coligações partidárias e verbas milionárias, nesta eleição este modelo de marketing eleitoral foi posto em dúvida. (LUIZ RANZANI; NIRAVE CARAM, 2019, p. 3)

Durante o período de campanha, conforme Ranzani; Caram (2019) Bolsonaro possuía apenas 8 segundos de tempo na televisão, enquanto o seu principal concorrente, Fernando Haddad, tinha mais de 2 minutos. Em contrapartida, em mídias como o Youtube, Facebook, Twitter e WhatsApp, o candidato do PSL contava com uma presença marcante. No Twitter, Bolsonaro frequentemente interagiu com sua base eleitoral por meio de mensagens curtas e pontuais. As outras redes também tiveram notável relevância, de acordo com Alexandra Avelar (2018) apud Ranzani e Caram (2019, p. 13):

O Facebook era usado por 57% dos eleitores de Bolsonaro, contra 40% de Haddad, por exemplo. No WhatsApp, o candidato do PSL se comunicava com 61% de seu eleitorado, contra 38% do concorrente do PT. O presidente eleito tinha a maior base que compartilhava conteúdo sobre política e eleições, em ambas as plataformas, entre todos os candidatos: 31% no Facebook e 40% no WhatsApp (Haddad com 21% e 22%, respectivamente). Um levantamento da Socialbakers, plataforma de análise e gestão de plataformas digitais, mostra que Bolsonaro saiu de 6,9 milhões de seguidores (Facebook, Twitter, YouTube e Instagram) em janeiro de 2018 para 17,1 milhões em outubro. No mesmo período, Haddad foi de 742 mil para 3,4 milhões.

Percebemos que assim como as mídias tradicionais outrora conquistaram a atenção de candidatos e eleitores, o ambiente virtual atualmente desempenha um papel importante no jogo

²² Forma abreviada de campanha eletrônica ou online.

político, sendo utilizado para driblar a desvantagem de tempo na TV e rádio, por exemplo. A partir das redes sociais, candidatos com menos visibilidade buscam impulsionar as suas campanhas, visto que “desde o advento da internet, o Brasil sempre foi um dos países que se destacaram na utilização de plataformas digitais de maneira geral.” (NOBRE, 2022, p. 87). É difícil pensar em questões sociais e políticas sem considerar o papel que a internet desempenha.

[...] é pelos sites de redes sociais que grande parte daqueles que acessam a internet trafega para consumir e compartilhar informações, ingressar em discussões e debates, expor opiniões, fazer comentários, manifestar posições e interagir diretamente com outros usuários. (CAMILO AGGIO; LUCAS REIS 2013, p. 162).

Logo, a rede conquistou um espaço importante não somente durante períodos eleitorais, mas também no dia a dia das questões políticas.

Com o passar do tempo as estratégias de comunicação passaram a ser mais precisas, quando a internet se tornou uma ferramenta popular, a assertividade se acentuou. As mídias sociais possibilitam acesso a dados sobre o que está sendo falado e qual o sentimento das pessoas em relação a cada assunto. Atualmente as campanhas seguem métricas sofisticadas de opinião e de mensuração de resultados. Portanto a comunicação política no século XXI está intimamente ligada com a internet. (RANZANI; CARAM, 2019, p. 10).

O advento e a evolução da internet provocaram importantes transformações na comunicação política, facilitando o acesso a uma infinidade de conteúdos, além de aproximar e conectar as pessoas. Nesse sentido, de acordo com Antônio Magnoni et al. (2017), comumente, quando há grandes mudanças nos meios de comunicação, reflete-se a respeito do seu potencial democrático. Assim, a internet é considerada por muitos estudiosos como um meio democratizante, dado a sua superação de barreiras como o tempo e espaço. Com a evolução tecnológica, hoje é possível receber informações ou se comunicar em tempo real, independentemente da distância. Além disso, segundo os defensores dos espaços digitais, a internet pode possibilitar que o cidadão comum participe de debates político-sociais.

Em contrapartida, há também estudiosos do tema que questionam esse suposto potencial democratizante da internet, já que ainda não há um acesso universal e grande influência dos algoritmos²³ e interesses da publicidade. Assim, mesmo que o debate político tenha sido

²³Segundo Filipe Garrett (2024) algoritmo é uma sequência de instruções que um software segue para resolver problemas. É como uma receita de bolo, usada por programadores para criar soluções computacionais. Um exemplo é a inicialização do computador, onde um software testa componentes e carrega o sistema. No contexto

amplificado graças às facilidades proporcionadas pela rede, o acesso depende da possibilidade de obter um dispositivo com conexão à internet.²⁴

O acesso à internet é bastante heterogêneo, variando de acordo com a faixa etária, classe social e localidade, por exemplo. Assim sendo, considerando que não há um alcance pleno à rede por toda a sociedade, seu potencial democratizante no Brasil ainda é bem limitado, mesmo que “entre as 149 milhões de pessoas que usaram a internet no ano passado, 142 milhões acessaram a rede todos os dias ou quase todos os dias.” (G1, 2023).

Nessa perspectiva, Magnoni et al. (2017) defendem que para a internet realizar seu potencial democratizante, é fundamental que se amplie as condições de acesso para toda sociedade. Além disso, em relação à participação política, o alcance a dispositivos conectados à rede não é o único fator limitante. É preciso que população tenha interesse e letramento digital para participar do debate político de forma consciente. Dessa preocupação, advém o nosso produto, resultado dessa pesquisa.

Dessa forma, por mais que se pense na internet como um espaço de troca, disseminação de ideias e um ambiente democrático - pois cada vez mais as pessoas podem acessar e participar do debate, comentando ou criando conteúdo - ainda assim, os contextos de profunda desigualdade social, cultural e educacional são um obstáculo para essa real democratização.

Apesar disso, com o crescimento contínuo de usuários de internet e de redes sociais, além da adaptação das estratégias de comunicação política a lógica dos meios digitais, em que estas são utilizadas como fonte de informação, ferramenta de campanha, por exemplo, há, atualmente uma intensa disputa por visibilidade e atenção. Sendo evidente hoje a figura dos influenciadores de opinião seja para produtos ou ideias.

Os candidatos, partidos e responsáveis pelas campanhas eleitorais estão numa constante busca por estratégias que possibilite maior alcance e engajamento de seus conteúdos. Além disso, ficam atentos à reação popular, observando se há mais aprovação ou rejeição, as redes assumem também o papel de termômetro da opinião pública.

das redes sociais, os algoritmos organizam e priorizam os conteúdos com base na preferência do usuário, assim como da relevância e engajamento.

²⁴ Conforme a pesquisa TIC Domicílios 2022 “Cerca de 36 milhões de pessoas não acessaram a internet no Brasil em 2022. O número representa 19% da população com 10 anos ou mais.” (G1, 2023). O estudo mostra ainda que “uma em cada três pessoas das classes D e E não acessaram a internet; 28% da população da área rural não usou a internet – na área urbana, índice é de 18%; Pessoas entre 16 e 24 anos são as mais conectadas (94%), enquanto a faixa etária menos conectada é a de pessoas com 60 anos ou mais (43%) [...]” (G1, 2023).

Este meio como plataforma eleitoral revolucionou a maneira com a qual as pessoas se relacionam com seus candidatos, a comunicação entre os eleitores e seus representantes passa a se dar de maneira direta, sem o intermédio de uma emissora ou qualquer moderador que seja. Além disso, a comunicação horizontal, ou seja, de todos para todos (diferente da comunicação verticalizada, de um para muitos) e sem a presença de um intermediador, possibilitou não só a interação entre eleitores e candidatos, mas também o debate entre os eleitores e o debate entre os próprios candidatos. (RANZANI; CARAM, 2019, p. 3).

Por conseguinte, os atores políticos desfrutam desses importantes benefícios das redes, aproveitando a ausência de filtros e regulamentos claros, o que permite uma comunicação direta com seus eleitores, estratégias nem sempre possíveis nas mídias tradicionais.

O ambiente online permite uma profusa propagação de conteúdos que podem influenciar a opinião pública e, conseqüentemente, a disputa política. Contudo, vale destacar que a internet, por si só, não determina resultados eleitorais, sendo necessária um conjunto de fatores que corroborem com determinados objetivos.

Nenhuma tecnologia jamais foi capaz de inventar realidades. Elas são, fundamentalmente, mídias ou mediações. Enquanto tal, não causam nenhum fenômeno, mas introduzem vieses que favorecem certos direcionamentos latentes na sociedade, e não outros. (LETICIA CESARINO, 2022, p. 5).

Com o mesmo ponto de vista de Cesarino, Nobre (2022) afirma que:

De modo algum se pretende aqui superdimensionar a importância das transformações digitais como se fosse a causa de todas as transformações sociais relevantes da atualidade. Trata-se tão somente de reconhecer que a revolução digital tem conseqüências estruturantes para a maneira de perceber e de fazer política. (NOBRE, 2022, p. 52).

A partir dessas considerações, entendemos que a internet e as redes sociais, neste momento, representam desafios complexos. Por um lado, Camargo et al (2018, p. 112) aponta que “a virtualização tem ampliado a participação cidadã a partir do maior acesso à internet e da criação de iniciativas governamentais e autônomas que incentivam o engajamento do usuário em questões de interesse público. ” Por outro, Antônio Magnoni et al. (2017), ressalta que é importante refletir se o ambiente digital tem realmente dado voz aos indivíduos que antes eram excluídos do debate político, ou se apenas expandiu o espaço para atores sociais já atuantes nesse contexto. Esse debate é fundamental e faremos mais adiante.

Vale considerarmos ainda que, apesar de qualquer pessoa com um dispositivo conectado à rede poder manifestar suas ideologias e pensamentos, o alcance que um indivíduo comum pode ter é, certamente, inferior ao de uma figura pública. E deve-se ainda levar em consideração os patrocínios e algoritmos. No espaço digital, blogueiros, youtubers, twiteiros etc., com amplo engajamento, isto é, os populares *influencers* da atualidade, assim como celebridades, políticos, líderes religiosos, ou seja, pessoas conhecidas socialmente, são importantes formadores de opinião. Dessa maneira, independente do embasamento e veracidade dos conteúdos compartilhados, quem alcança maior visibilidade tem mais poder de influenciar a opinião pública.

Além disso, é importante mencionar os modernos mecanismos utilizados nas redes sociais para amplificar determinados discursos em detrimento de outros. Levando em consideração que o acesso à internet cada vez mais sofre a interferência de algoritmos, que direcionam os usuários a conteúdos relacionados às suas crenças e valores, esse processo acaba confirmando a sua forma de ver o mundo e os distanciando de outras visões. Logo, esse fenômeno favorece a formação de bolhas sociais, em que todos parecem compartilhar da mesma opinião.

O “filtro bolha” é um conceito utilizado para denominar a ação dos algoritmos como filtros no ambiente virtual, que atuam como motores de previsão que influenciam e direcionam o acesso de conteúdo baseado no perfil e hábitos de consumo do usuário dando a sensação de eficiência na busca de ideias e informações, mas restringindo a maneira com a qual é realizada a pesquisa, ou mesmo, a definição de conteúdo. Esse mecanismo é muito utilizado, por exemplo, por buscadores como Google ou mídias sociais como o Facebook. (ELI PARISER, 2011 apud ANGELO SASTRE et al, 2018, p. 6).

De acordo com Sastre et al. (2018), muitos usuários tendem a confundir credibilidade com relevância ao utilizar ferramentas de busca como o Google. Assim, os resultados que aparecem nas primeiras posições são frequentemente considerados mais confiáveis. No entanto, essa percepção é moldada pela orientação de algoritmos e pelos chamados “filtros-bolha”.²⁵

A formação dos “filtros bolhas” são estimuladas pelos *bots*, ou seja, contas automatizadas que parecem ser reais, mas funcionam por meio de *softwares*²⁶, com o propósito

²⁵ Vale destacar que existem inúmeros mecanismos assim e atualmente muito se tem estudado a influência da internet e das redes em várias áreas do conhecimento, mas é um campo ainda pouco explorado nas ciências humanas. Nossa intenção aqui é fazer uma pequena contribuição neste tema tão importante para a história política.

²⁶ Dados ou programas que permitem que um dispositivo eletrônico funcione.

de atingir mais pessoas e, assim, ampliar o alcance de conteúdos, como *fake news* e discurso de ódio. Além dos *bots*, existem também os *trolls*. Ambos possuem ações semelhantes; contudo, enquanto os *bots* são automatizados, os *trolls* são pessoas ou grupos de pessoas que deliberadamente compartilham conteúdos nocivos, com o intuito de influenciar a opinião pública.

Outro fenômeno importante é o de cascata de *fake news*. Segundo Recuero e Anatoly Gruzd (2019, p. 34), “uma cascata é qualificada pela reprodução de informações baseadas na compreensão do comportamento dos atores anteriores como verdadeiro pelos posteriores, mesmo que estes não tenham como saber.” Dessa forma, a partir das cascatas, um pequeno grupo de usuários pode estimular a viralização de *fake news*.

Existem também as chamadas câmaras de eco que, de forma semelhante ao “filtro-bolha”, são espaços onde as pessoas recebem apenas informações que corroboram suas crenças. A diferença entre ambos é que, enquanto os filtros são criados por algoritmos, as câmaras de eco surgem a partir da interação entre indivíduos com interesses e opiniões semelhantes. Além disso, no ambiente digital, a homofilia refere-se à tendência que pessoas com inclinações parecidas têm de se conectar entre si nas redes sociais, o que estimula a formação dessas câmaras de eco.

Por último, o *clickbait* é outro mecanismo que impulsiona a desinformação nas redes sociais. “Consiste em fazer títulos chamativos com o intuito de atrair receita on-line, através de manchetes que desprezam critérios de qualidade e de credibilidade, tem confirmado um espaço grande para a disseminação das denominadas *fake news*.” (HALLINI JARDIM; PHILLIPE ZAIDAN, 2018).

Citamos alguns dos populares mecanismos utilizados na comunicação digital, cujo o objetivo é ressaltar, manipular ou estimular determinados conteúdos nas redes. Sobre esse aspecto, Cesarino, infere que:

Nesse modelo de internet, os usuários vão perdendo o controle daquilo que aparece para si e de como eles mesmo aparece para os outros. Essas decisões vão sendo delegadas para os algoritmos e os usuários passam a uma posição cada vez mais passiva. (CESARINO, 2022, p. 58).

Por conseguinte, o cenário hiperconectado em que vivemos representa um desafio aos governos democráticos, dado que as inovações tecnológicas da comunicação transformaram a interação social e o debate político. A rápida propagação de informações no ambiente digital,

combinada com o excedente informacional gerado pela velocidade sem precedentes, e os mecanismos de impulsionamento de conteúdos controversos nas redes sociais favorecem a formação de um contexto de desinformação. Nesse sentido, as *fake news*, juntamente com o fortalecimento de discursos ultraconservadores nos últimos anos, são questões complexas na contemporaneidade.

Por esse ângulo, a pesquisadora Bruna Della Torre, que estuda sobre indústria cultural e agitação fascista no Brasil, pondera que para compreender esse cenário, é preciso analisar a organização da extrema-direita contemporânea a partir de uma perspectiva atualizada da teoria da indústria cultural. Levando em consideração que essa foi uma importante ferramenta promotora do fascismo, Torre (2021) argumenta que, por meio do que ela chama de “indústria cultural digital”, tem ocorrido uma superação da importância do partido político.²⁷ Essa mudança foi possibilitada pela ascensão da internet e das redes sociais. A autora indica que:

Antes do advento da internet, os agitadores antidemocráticos precisavam ir às escolas, igrejas, rádios, fábricas, à televisão, etc. Em todos esses lugares e meios, em maior ou menor grau, o acesso possui regras e é limitado. É certo que a indústria cultural já havia sido um dos principais instrumentos do fascismo, mas ela não compensava a importância do partido. O mais recente desenvolvimento das forças produtivas promoveu essa mudança. O surgimento das redes sociais derrubou qualquer barreira para esse tipo de agitação, deslegitimou inclusive os meios de comunicação mais tradicionais e tirou de cena o partido de massas. As redes sociais possuem mais capilarização social que qualquer organização jamais sonhou. (TORRE, 2021).

Diante disso, inferimos que o atual cenário de desinformação e o avanço da extrema-direita se valeram de mecanismos descritos pela teoria da indústria cultural de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Conforme os autores, a cultura seria vendida como um produto, ou seja, seguindo a lógica do mercado, além de ser produzido com a intenção de influenciar a sociedade. Sob essa perspectiva, as *fake news*, amplamente disseminadas pelos avanços da comunicação digital, têm sido uma importante ferramenta política, dado o seu potencial de interferir na opinião pública.

Além disso, de maneira semelhante ao que foi caracterizado pela teoria da indústria cultural em relação ao uso que o fascismo fez dos meios de comunicação para promover sua

²⁷ As já citadas eleições municipais de 2024 mostraram uma grande mudança nesse cenário, sendo menos importante a sigla partidária e cada vez mais relevantes a posição política centro, esquerda, direita e extrema-direita, por exemplo.

ideologia, a extrema-direita contemporânea têm se apropriado das mídias digitais, simplificando discursos complexos e utilizando forte apelo emocional para conquistar aprovação social.

Percebemos, assim, que a evolução da comunicação política digital desempenha um papel ambíguo nas sociedades contemporâneas. Por um lado, oferece benefícios como o amplo acesso à informação, permitindo que os cidadãos acompanhem o contexto político, cobrem seus representantes e tomem decisões de voto informadas. Por outro lado, o excesso de informação tem gerado confusão social, promovendo desinformação, discurso de ódio e a banalização de questões complexas.

2. FAKE NEWS: A ARTE DE DESINFORMAR

O termo *fake news* está entre as palavras mais populares em todo o planeta. Conforme o Collins English Dictionary, *fake news* pode ser definida como “false, often sensational, information disseminated under the guise of news reporting²⁸. ” Em contrapartida, o Oxford Learner’s Dictionaries conceitua como “false reports of events, written and read on websites²⁹.” Por fim, o Cambridge Dictionary define o termo como “false stories that appear to be news, spread on the internet or using other media, usually created to influence political views or as a joke³⁰. ”

Entretanto, na literatura ainda não há um consenso epistemológico acerca do conceito de *fake news*. Alguns estudiosos do tema defendem que a definição conforme os dicionários não conseguem traduzir, de fato, a complexidade do problema. Além disso, ressaltam que o termo *fake news* oferece uma visão equivocada do tema, pois uma notícia pode ser falsa de forma não intencional.

Nessa pesquisa partimos do entendimento de que as *fake news* são informações totalmente ou parcialmente falsas, criadas e compartilhadas com o propósito deliberado de enganar ou manipular e, assim, influenciar a opinião pública. Nesse ponto de vista, Recuero; Gruzd (2019, p. 32) afirmam que “o conceito de *fake news* é hoje sinônimo de desinformação, utilizado livremente pelos veículos noticiosos para indicar rumores e notícias falsas que

²⁸ Informações falsas, muitas vezes sensacionalistas, disseminadas sob o disfarce de reportagens.

²⁹ Relatórios falsos de eventos, escritos e lidos em sites.

³⁰ Histórias falsas que parecem notícias, divulgadas na Internet ou através de outros meios de comunicação, geralmente criadas para influenciar opiniões políticas ou como uma piada.

circulam, principalmente, na mídia social. ” Outrossim, Gomes e Dourado (2019) complementam que:

Nos últimos tempos, reservou-se (e, com isso, popularizou-se) o termo *fake news* para designar os relatos pretensamente factuais que inventam ou alteram os fatos que narram e que são disseminados, em larga escala, nas mídias sociais, por pessoas interessadas nos efeitos que eles poderiam produzir. A expressão se refere, principalmente, aos relatos inventados ou alterados e difundidos com propósitos políticos. (GOMES; DOURADO, 2019, p. 5)

As *fake news* são compartilhadas em diversos formatos como vídeos, áudios, textos, charges ou imagens, que apresentam narrativas que provocam desinformação por meio de uma notícia distorcida, incompleta, parcial ou completamente falsa. Elas são criadas com o intuito de espalhar informações errôneas, comumente a partir da utilização de um disfarce de notícia jornalística para conferir maior credibilidade. Assim sendo, Recuero; Gruzd (2019) indicam que existem três elementos essenciais que constituem uma *fake news*: o uso de componentes noticiosos da narrativa jornalística, a falsidade total ou parcial do fato e, por último, o objetivo comum de manipular a realidade.³¹

Logo, compreendemos que *fake news* são notícias criadas com o intuito de falsear a realidade. Com tal objetivo, métodos sensacionalistas e/ou jornalísticos são utilizados para simular notícias reais e, assim, induzir ao erro e manipular a opinião pública de modo intencional. Ademais, as *fake news* podem estimular a difamação, ofensas e atitudes extremas como a prática de violência e crimes de ódio, dependendo da forma como o seu conteúdo se apresenta.³²

³¹ Recentemente Donald Trump disseminou várias *fake news* sobre a passagem do furacão Milton, considerado um dos piores em escala por especialistas. Algumas dessas notícias falsas falavam que os democratas estariam desviando os furacões para os estados republicanos ou ainda que o governo Biden, atual presidente democrata dos EUA, retirou as verbas de ações de emergências climáticas para construir moradias para imigrantes ilegais. Sobre isso, “Uma deputada do Partido Republicano, o mesmo de Trump, insinuou nas redes sociais que o governo americano teria o poder de controlar fenômenos climáticos para prejudicar a oposição nas eleições de novembro. ” (GI, 2024).

³² O caso da "Bruxa do Guarujá" é um exemplo trágico de como a disseminação de *fake news* pode ter consequências fatais. Em maio de 2014, na comunidade de Morrinhos, no Guarujá, Maria Fabiane de Jesus, uma dona de casa de 33 anos e mãe de duas filhas, foi brutalmente espancada por moradores que acreditavam que ela sequestrava crianças para rituais de magia. O boato se originou de uma publicação no Facebook, na página *Guarujá Alerta*, onde foi divulgada a imagem de um retrato falado de uma mulher suspeita, erroneamente associada a Fabiane. O pânico gerado por essa falsa acusação levou a comunidade a cometer um ato de violência extrema, que resultou na morte de Fabiane devido a um traumatismo craniano. Após o ocorrido, as investigações comprovaram que Fabiane era inocente e que não havia qualquer indício de sequestros de crianças na região. Esse caso foi utilizado em 2023 na campanha *Brasil contra Fake*, promovida pelo Governo Federal, com o objetivo de conscientizar a população sobre os perigos da desinformação nas redes sociais e a necessidade de combater as *fake news*, que podem alimentar o medo, o preconceito e a violência.

Por outro lado, Gomes e Dourado (2019) argumentam que o termo *fake news* pode ter diferentes significados, de acordo com o contexto. Para um liberal, por exemplo, trata-se de um fato adulterado visando um objetivo político, enquanto, para conservadores, normalmente, é tudo que se refere à mídia tradicional. Nessa perspectiva, os autores defendem que o conceito de *fake news* pode mudar de acordo com o viés político-ideológico de quem utiliza o termo. Acrescentam, ainda, que, para conservadores de direita, via de regra, verdade ou mentira não estão relacionadas a fatos concretos, mas sim aos seus valores e crenças.

A chave para entender a correlação está no tema da pretensa “crise epistêmica”, intencionalmente, produzida pela nova direita em seu próprio benefício, e que consiste em desqualificar todas as instituições tradicionalmente dotadas de credibilidade para arbitrar sobre o conhecimento socialmente aceito sobre fatos, a saber, a ciência, a universidade e o jornalismo. (GOMES; DOURADO, 2019, p. 36, 37).

Contudo, apesar de ser um tema atual, ao contrário do que o senso comum tende a acreditar, o fenômeno das *fake news* não é inerente ao avanço das mídias digitais.

A expressão *fake news* surgiu no século XIX, em substituição ao termo ‘false news’, para representar as notícias fabricadas e fraudadas pelos meios de comunicação de massa e impostas como verdades por revistas, jornais, rádios e canais de televisão. (ADRIANA TEIXEIRA 2018 APUD PAULA FALCÃO; ALINE SOUZA, 2021)

Dessa forma, muito antes da era da informação, já existia a criação e propagação de notícias falsas, com a finalidade de adulterar a realidade de acordo com determinados interesses. O século XXI e a internet trouxeram nova roupagem e amplitude.

Para fazer uma breve contextualização da instrumentalização das notícias falsas ao longo da história, antes da invenção da prensa gráfica, no século XV, as informações importantes eram grafadas em pergaminhos que ficavam sob o cuidado de líderes religiosos e membros letrados da nobreza. Nesse período, as castas inferiores, eram em sua maioria, analfabetas, o que contribuía para o controle da informação e, assim, garantia o controle intelectual do clero e da nobreza sobre o restante da população. Dessa maneira, essa realidade facilitava a disseminação de notícias falsas, sem que houvesse grande possibilidade de refutação.

A desinformação gerada pela difusão de notícias falsas não surgiu com as redes sociais e nem é um elemento exclusivo de nossa época. Trata-se, em verdade, de um fenômeno tão antigo quanto o modelo de negócios que sustenta boa parte das grandes empresas que atuam na Internet – como Google e Facebook – segundo o qual o serviço e o conteúdo são ofertados gratuitamente aos usuários em troca da revenda de sua atenção para anunciantes. (LUCAS CARVALHO, 2020, p. 176).

Posteriormente, a invenção da prensa gráfica facilitou a produção e maior circulação da informação, a partir da produção em massa. Entretanto, o analfabetismo ainda era predominante, assim, a minoria letrada continuava a controlar a produção e a possibilidade de manipulação do conhecimento.

Pensando no cenário brasileiro, há vestígios de propagação intencional de notícias falsas na esfera política desde o período colonial. Um caso famoso, já do período republicano, é o Plano Cohen, um suposto projeto de avanço do comunismo no país. Em novembro de 1937, Getúlio Vargas, presidente constitucionalmente reconhecido, firmou uma aliança com os militares, além de receber apoio midiático, o que resultou na instalação do Estado Novo, um período autoritário justificado pela urgência de conter o avanço comunista. Contudo, o Plano Cohen³³ não existiu de fato, foi apenas um pretexto, propositalmente criado, para instaurar uma ditadura no país.

Outro exemplo é o golpe de 1964³⁴, quando, novamente, um falso rumor de investida comunista no país culminou na implantação de uma ditadura civil-militar. Essa ação foi apoiada pelas classes dominantes e, mais uma vez, contou com um importante protagonismo da mídia brasileira, por meio de propagandas e da transmissão de notícias parciais que contribuíam com o interesse militar. Conforme Jardim; Zaidan (2018), a desinformação e a censura foram importantes estratégias para a ditadura, pois, a partir delas, foi possível alterar a realidade no imaginário da população e criar um clima de terror, alicerçado nas supostas ameaças comunistas, o que facilitou o controle dos militares.

³³ Para saber mais sobre o tema ver o livro *História do Brasil* de Boris Fausto ou *História do Brasil República* de Marcos Napolitano.

³⁴“O Golpe Militar de 1964 representou uma interrupção na democracia, desde que o Brasil adotou o presidencialismo, quando proclamou-se a República em 1889. O regime militar durou 21 anos, sendo marcado pela tortura e morte aos opositores, censura à imprensa e aos artistas contestadores e restrição de direitos políticos. “A ditadura militar, desde 64 até 85, viveu mais de 20 anos de uma suspensão dos diversos direitos que compõem aquilo que chamamos de estado democrático de direito”, afirma André Fabiano Voigt, professor de história da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)”. (COMUNICA UFU, 2024).

Assim, tanto em 1937 quanto em 1964, além de vermos uma manipulação da realidade por meio de informações e notícias falsas, vemos também a importância da articulação do discurso anticomunista. Sobre esse aspecto, Motta (2018) indica que:

Nos documentos fundadores de ambos regimes ditatoriais, a Constituição de 1937 e o Ato Institucional de 1964, o tema aparece em destaque. No preâmbulo da Carta de 1937 está escrito que a extensão da infiltração comunista no Brasil exigia remédio radical, ou seja, a ditadura, enquanto o Ato Institucional de 9 de abril de 1964 prometia drenar o “bolsão bolchevista” e “destituir o governo (de João Goulart) que se dispunha a bolchevizar o País”. (MOTTA, 2018, p. 7).

Sobre a importância da propaganda anticomunista nesse período, vale citar a atuação do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), uma organização criada em agosto de 1961 pelos principais empresários do eixo Rio-São Paulo, além de oficiais da Escola Superior de Guerra (ESG), diretores de multinacionais, intelectuais e jornalistas. O ponto em comum que uniu esses diferentes segmentos sociais foi a ideologia conservadora e anticomunista. O propósito oficial que levou à formação desse grupo era realizar estudos e discussões sobre a situação política do país. Dessa maneira, produziam diversos materiais, como livros e revistas, filmes e documentários e também realizavam palestras.

Todavia, a real atividade desse grupo foi de conspirar contra o governo de João Goulart por meio de uma ativa campanha de propaganda anticomunista, além de incentivar ideologicamente e financeiramente grupos antigoverno ou de extrema-direita a se manifestarem contra Goulart. A organização era custeada por membros do empresariado, mas também contava com uma importante contribuição estrangeira, dos Estados Unidos e de alguns países europeus. Seus dez Grupos de Estudo e Ação (GEA) atuaram intensamente no levantamento de informações e produção de materiais voltados a doutrinar, desinformar e manipular a opinião pública. Assim, o IPES foi um importante agente disseminador do anticomunismo, tendo um papel essencial no golpe que deu início ao longo período ditatorial.

Dessa maneira, percebemos que a prática de propagar desinformação intencionalmente possui uma longa tradição histórica. Apesar disso, é com a evolução da comunicação digital que a popularização e o alcance das *fake news* começaram a atingir níveis nunca visto antes, uma vez que a internet possui uma velocidade incomparavelmente maior do que da mídia tradicional. Outro aspecto que tem favorecido a desinformação são os memes, definidos por Giselle Beiguelman (2021, p. 142) como “imagens características da internet, os memes são

imagens feitas para serem compartilhadas. Irônicos, expressam uma cultura de consumo rápido que adere a temas do momento. Outrossim, Núbia Coelho explica que:

Em linhas gerais meme de internet consiste, basicamente, em uma imagem, texto, vídeo, ou uma mistura desses elementos, portadora de uma mensagem que é apresentada de forma direta, por frases ou expressões curtas, ou indireta, através da compreensão da relação entre imagem, texto e contexto. (COELHO, 2023, 443).

A autora aponta ainda que:

Percebe-se, portanto, que os memes de internet podem ser compreendidos também em sua dimensão cultural e simbólica, como representantes de ideias, valores de um grupo, não estando restritos ao ambiente da “zueira”. Desta forma, o contexto em que estão inseridos é crucial para sua compreensão por parte daqueles entre os quais circula e para a análise mais aprofundada. (COELHO, 2023, p. 443).

Além disso, Beiguelman ressalta que o *boom* dos memes na internet acontece no século XXI, com a popularização das modernas redes sociais.

Foi nos anos 2000 que o termo ganhou força e a compreensão que temos dele na atualidade, explodindo nas redes sociais, pelo fluxo de compartilhamento, no Twitter, no Facebook e no Instagram. Nesse contexto, os memes expandiram-se, incluindo não só no mundo pop, como também o da publicidade e o da política [...] (BEIGUELMAN, 2021, p. 142)

Vale pontuar que as mídias sociais são uma área bastante lucrativa. O foco das *big techs*, isto é, das grandes empresas de tecnologia e inovação, como o Google e a Meta, não está na qualidade dos conteúdos disseminados nas redes, mas sim em manter as pessoas conectadas o maior tempo possível. Dessa maneira, a internet e as redes sociais, que anteriormente eram consideradas ferramentas com um grande potencial democrático, em virtude do acesso, atualmente causam grande apreensão sobre o futuro das democracias, por favorecerem a polarização política e discursos extremistas.

Foi a partir de 2016, durante a disputa presidencial estadunidense, que o termo *fake news* foi difundido amplamente a partir das falas do candidato Donald Trump. A popularização do termo acontece no contexto denominado de pós-verdade. A expressão refere-se a um cenário em que crenças pessoais são mais importantes do que os fatos objetivos. Ou seja, estar de acordo com determinadas crenças e valores faz mais sentido, mesmo que a informação não seja

verdadeira, do que fatos comprovadamente verídicos, mas que se opõem às convicções pessoais.

Não por acaso, em 2016, o Oxford Dictionaries escolheu “pós-verdade” como sua palavra do ano, definindo-a como forma abreviada para “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e a crença pessoal” (D’ANCONA, 2018, p. 20).

No mesmo sentido, Müller Spinelli e Jéssica Santos (2018) reforçam que:

O termo se encaixa em um mundo em que mentiras, rumores e fofocas se espalham velozmente, formando um cenário propício para a formação de redes cujos integrantes confiam mais uns nos outros do que em qualquer órgão tradicional da imprensa. (SPINELLI; SANTOS, 2018, p. 4).

Logo, compreendemos que as *fake news* são produtos da pós-verdade, pois, através da sua propagação, é possível criar uma espécie de realidade paralela, em que as *fake news* confirmam o que determinadas pessoas querem acreditar, gerando um ambiente de desinformação. Isso ocorre porque informações notoriamente falsas são compartilhadas de acordo com certos propósitos. Segundo D’Ancona (2018, p. 49), “Essas campanhas de desinformação prepararam o terreno para a era da pós-verdade.” À vista disso, fica claro que o fenômeno das *fake news* é apenas uma parte de um problema maior.

A partir dessa concepção acerca do atual cenário de desinformação e pós verdade, vemos que está acontecendo no presente o que Hannah Arendt (2013) descreveu sobre os regimes totalitários do século passado:

Do mesmo modo como o terror, mesmo em sua forma pré-total e meramente tirânica, arruína todas as relações entre os homens, também a autocompulsão do pensamento ideológico destrói toda relação com a realidade. O preparo triunfa quando as pessoas perdem o contato com os seus semelhantes e com a realidade que as rodeia; pois, juntamente com esses contatos, os homens perdem a capacidade de sentir e de pensar. O súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento). (ARENDR, 2013).

A autora alerta sobre o perigo que o totalitarismo representava para a o pensamento autônomo e crítico, uma vez que influenciava a percepção humana em relação à realidade, aniquilando, dessa forma, a noção de verdade e mentira, de fato e ficção. Além disso, interferia

na forma que as pessoas interagiam entre si, provocando um isolamento a partir do terror. Dessa maneira, Arendt explica que era formado um terreno perfeito para a manipulação e controle social.

No mesmo sentido, percebemos que na atual conjuntura, as *fake news* têm falseado a realidade e moldado a percepção de muitos indivíduos sobre o que é real ou não, sobre o que é ou não confiável. Assim, têm facilitado a manipulação da opinião pública e, conseqüentemente, contribuído para a formação de um ambiente de pós-verdade, em que a emoção sobrepõe a razão.

Além do mais, vemos nas redes sociais os algoritmos segmentando o público conforme seus posicionamentos, desse modo, formando câmaras de eco ou “bolhas sociais” que dividem as pessoas e as isolam de outras visões. A partir disso, laços sociais nas redes, e até mesmo fora delas, podem ser afetados por esses mecanismos. Em vista disso, tem sido notória a perda, por muitos sujeitos, da capacidade de leitura e análise crítica e autônoma das informações, ficando assim suscetíveis a narrativas enganosas e à manipulação.

Dessa forma, mesmo que a autora tenha escrito sobre regimes totalitários do século XX, percebemos como essas análises ainda são pertinentes no tempo presente, visto que, em ambos os momentos é nítido a tentativa de manipulação e controle social por meio de mecanismos parecidos. Isso confirma a sua premissa, que afirma: “As soluções totalitárias podem muito bem sobreviver à queda dos regimes totalitários sob a forma de forte tentação que surgirá sempre que pareça impossível aliviar a miséria política, social ou econômica de um modo digno do homem” (ARENDR, 2013).

Assim sendo, essa tendência presente e global de disseminação de notícias falsas por meio das redes sociais, concomitantemente ao avanço da extrema-direita, vem causando grande preocupação em relação aos efeitos para a prática democrática de eleger seus representantes. A desinformação provocada pelas *fake news* pode levar os indivíduos a adotarem determinados posicionamentos e discursos baseados em fatos manipulados /ou inventados, interferindo, assim, na leitura do mundo real, e como o objeto de estudo desta pesquisa, influenciando, assim, na escolha consciente do voto.

2.1 Extrema-direita em ascensão no século XXI: o uso das redes sociais

Compreendendo a importância do tema ora analisado, faremos agora um exercício de reflexão acerca de questões contemporâneas que notadamente exemplificam o uso das redes e

sua influência na sociedade. Os quatro exemplos a seguir, possuem semelhanças vitais para este trabalho, essencialmente no que tange a disseminação de *fake news* e o uso massivo das redes sociais. São eles: o Brexit, a campanha presidencial dos EUA em 2016, o caso da Hungria e El Salvador.

A respeito do recente giro à direita, Carapanã (2018) entende que, em nível global, fala-se de uma “recessão democrática”, na qual uma porcentagem considerável da população perdeu as esperanças na democracia liberal das últimas décadas. Por isso, essas pessoas foram atraídas por partidos e líderes autoritários de direita. Entretanto, é importante salientar que essa virada à direita em diferentes continentes e países possui cenários, agentes e ideologias distintos.

Não estamos diante de um fenômeno regional ou nacional. Em vários países como Estados Unidos com Donald Trump, Itália com Matteo Salvini ou Hungria com Viktor Orbán, candidatas de extrema-direita ganham eleições capturando o sentimento de frustração e desesperança e se apresentando com discursos de renovação [...] grupos de extrema-direita se fortalecem explorando a retórica antissistema. (ESTHER SOLANO, 2019, p. 308).

Assim, para pensarmos sobre essa guinada à direita nos últimos anos, abordamos casos que compartilham alguns traços, como o uso das redes sociais e a disseminação de *fake news* durante as campanhas, bem como a postura populista que impulsionou a ascensão das lideranças de extrema-direita.

Em primeiro lugar, sobre a inclinação a governos populistas, Ana Julia Bernardi e Andressa Costa (2020) salientam que campanhas fundamentadas em propostas direcionadas às massas e contra a elite têm sido consideradas uma das características dessa nova onda populista. Entretanto, isso tem funcionado mais como uma estratégia contra a oposição e favorável à radicalização autoritária. Sobre esse aspecto, Empoli (2022) indica que:

Para além de todas as diferenças entre si, esses movimentos têm como ponto comum o fato de pôr em primeiro lugar de sua agenda política a punição das elites tradicionais, de direita e de esquerda. Essas últimas são acusadas de terem traído o mandato popular, ao cultivar os interesses de uma minoria restrita em vez de servir aos anseios da “maioria silenciosa.” Muito mais que medidas específicas, os líderes populistas oferecem aos eleitores uma oportunidade única: votar neles significa servir de torcida contra os governantes. (EMPOLI, 2022, p. 72).

Nunes (2022) acrescenta ainda que:

Quando as pessoas começam a associar a perda de certos privilégios (brancos, masculinos, heteronormativos etc.) à conquista de direitos por outras pessoas (ações afirmativas, por exemplo), o desejo por uma restauração do status quo encontra um aliado natural no rechaço a políticas redistributivas. (NUNES, 2022, p. 35).

O contexto social com acentuada desigualdade econômica tem intensificado a insatisfação popular. Além disso, a conquista de espaço e direitos que as minorias alcançaram nas últimas décadas suscitou ressentimentos, provocando reações contra o avanço de pautas progressistas. Por conseguinte, essa conjuntura de animosidade favorece o avanço de lideranças populistas. Nessa perspectiva, Bernardi e Costa (2020, p. 389) reforçam que "os líderes populistas se aproveitam desse contexto para legitimar seu comportamento autoritário, ganhando apoio da população."

É fato que houve um avanço de governos autoritários de extrema-direita em diferentes regiões. Traverso (2023) pontua que, em 2018, oito países da União Europeia tinham governos extremistas, nacionalistas e xenófobos.³⁵ Além disso, a eleição ao Parlamento Europeu, realizada nos primeiros dias de junho de 2024, mostrou um crescimento considerável da ultradireita. Conforme a reportagem do GI (2024) na França, Alemanha, Áustria, Itália e Holanda, os partidos de extrema-direita conquistaram resultados bastante significativos, elegendo 131 parlamentares. Esse resultado tem causado grande preocupação em diversos governos, inclusive no Brasil.

Ainda segundo Traverso (2023), o marco desse fortalecimento da extrema-direita contemporânea é a eleição de Trump, visto que posteriormente foi suscitado um fenômeno global de ascensão de direitas nacionalistas, populistas, racistas e xenófobas. Um revigoramento expressivo da direita radical não acontecia desde 1930; assim, o autor afirma que essa onda atual evoca recordações do fascismo. Contudo, há divergências sobre qualificar essa tendência ultradireitista como fascismo, como tem ocorrido nos últimos anos.

Sob esse ponto de vista, Leandro Konder (2009) considera que há uma assimilação de aspectos fascistas essenciais por parte do conservadorismo tradicional. No entanto, ressalta que é necessária cautela para examinar as possíveis transformações e continuidades, visto que não podemos considerar o fascismo como algo fixo e imutável.

Ao que parece, os possíveis modelos de um regime fascista, neofascista ou fascistoide, nas condições atuais, não poderão ser desencavados do passado:

³⁵ Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, Itália, Polônia, Hungria e Eslováquia

precisarão ser inventados. [...] Nos Estados Unidos, na França e Inglaterra [...] os centros mais influentes da direita vêm optando pelo gradualismo, pelas pressões no sentido de que o aparelho do Estado seja melhor utilizado – tal como existe, ou então submetido a pequenas reformas – na repressão e neutralização (ou aniquilamento) da esquerda. (KONDER, 2009, p.163).

Sob esse olhar, Traverso (2023) pondera que é mais coerente chamar esse atual fortalecimento da direita radical de pós-fascismo, visto que é um fenômeno em transição, ainda não consolidado. “O pós-fascismo pertence a um regime particular de historicidade – começo do século XXI – o que explica o seu conteúdo ideológico errático, instável e contraditório, no qual se misturam filosofias políticas antieconômicas” (TRAVERSO, 2023, p. 17).

Além disso, o autor ressalta que as novas direitas não podem ser equiparadas ao neofascismo, que busca restaurar e perpetuar o fascismo tradicional do século XX. Em contrapartida, as direitas radicais do século XXI são mais dinâmicas e adaptáveis, já que as mudanças históricas levaram à incorporação de diretrizes antes de rejeitadas, com o objetivo de evitar a marginalização desses movimentos contemporâneos

Ainda sobre o avanço da extrema-direita na atualidade, de acordo com Ilona Szabó (2020), ao analisar cada país em que o autoritarismo arbitrário assola as democracias, percebemos que há algumas técnicas em comum. Destacando-se o uso das novas tecnologias, que, embora sejam ferramentas que ampliam a informação e a conexão, são utilizadas, nesse contexto, para suprimir a liberdade. Dessa maneira, nos países que passam pelo atual fortalecimento das direitas radicais, as mídias digitais são usadas para promover discurso de ódio, violência, difamação de políticos, partidos, organizações e até mesmo de indivíduos que se posicionam contrários às políticas extremistas.

Além do mais, como já mencionado, a extrema-direita frequentemente associa as perdas da maioria aos ganhos de direitos das minorias³⁶. Conforme Nunes (2022), a partir da crítica ao globalismo³⁷, o neoliberalismo progressista é apontado como o responsável pela crise de 2008 e pelos prejuízos dos 30 anos de globalização. O autor explica que essa vertente caracteriza um governo neoliberal quanto à política distributiva e progressista na política de reconhecimento. Assim, opõe-se ao neoliberalismo conservador, pois este último não oferece a mesma

³⁶ Entende-se aqui por minorias grupos que apesar numericamente grandes, são excluídos historicamente de direitos e marginalizados na sociedade.

³⁷ O termo possui diferentes significados, contudo, no contexto político atual e ao ser utilizado por membros da direita radical, refere-se a supostos posicionamentos e ações contrárias aos ideais patriotas e nacionalistas. Conforme esse ponto de vista, o globalismo pode minimizar a soberania de um Estado e perverter valores morais, culturais e religiosos, causando assim, prejuízos à população, além de beneficiar as elites econômicas internacionais. Para saber mais ver o livro *Capitalismo, Violência e Terrorismo* de Octavio Ianni.

oportunidade de ascensão às minorias. “No lugar de valores tradicionais, o neoliberalismo progressista promovia o multiculturalismo, a igualdade entre gêneros, a diversidade sexual, um mundo pós-racial e um ambientalismo mediado pelo mercado” (NUNES, 2022, p. 101).

Sendo assim, a extrema-direita utiliza a narrativa do globalismo, que, conforme esse ponto de vista, assume um sentido demasiado pejorativo ao provocar um atraso social em razão dos princípios universalistas e liberais. Desse modo, atribuem aos partidos pluralistas, às minorias e aos intelectuais a culpa pelo insucesso de uma maioria, isentando a responsabilidade do capital financeiro e das grandes corporações pelas crises econômico-sociais das últimas décadas.

À vista disso, começando pelo caso estadunidense, em que o republicano Donald Trump foi eleito em 2016 fazendo uso de um discurso autoritário e excludente contra negros, imigrantes, mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+³⁸, além de realizar um enorme investimento na comunicação digital, destacando-se o uso de memes e um forte embate eleitoral nas redes sociais com o intuito de beneficiá-lo e prejudicar os seus oponentes. O fato em questão é mundialmente conhecido e colocou em pauta a necessidade de regulamentação da internet em campanhas eleitorais.

A produção de memes esteve presente desde as primárias do Partido Democrata, em fevereiro de 2016, em apoio ao candidato de esquerda Bernie Sanders contra Hillary Clinton, e marcou a disputa entre Hillary e Trump até o final do pleito. (BEIGUELMAN, 2020, p. 96)

A título de exemplo sobre a gravidade do que aconteceu nessa eleição, em dezembro, um homem de 28 anos entrou com um fuzil na pizzaria Comet, localizada em um bairro nobre de Washington. Edgar Maddison Welch tomou essa atitude em razão de uma *fake news* que associava a pizzaria a uma rede de pedofilia, o que levou o local a ser rechaçado e ameaçado duramente nas redes sociais e também por indivíduos que foram até o local.

O caso, conhecido como Pizzagate, surgiu devido a falsos rumores que diziam que a pizzaria era uma fachada para uma rede de pedofilia ligada a Hillary Clinton. Durante o ataque, Maddison Welch chegou a disparar o fuzil dentro da pizzaria de James Alefantis, mas ninguém ficou ferido. Quando o homem foi preso, afirmou que o motivo da sua ação foram as *fake news*

³⁸ Sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pansexuais/Polissexuais, Não-binárias e mais.

compartilhadas na internet, ligando a campanha de Clinton e Alefantis à suposta rede de pedofilia.

Seu estabelecimento sofreu uma onda de perseguições pela internet desde que o site WikiLeaks publicou no início de outubro mensagens eletrônicas de John Podesta, diretor de campanha de Hillary Clinton, nas quais fazia menção a um dia de arrecadação de fundos associado a Alefantis. (G1, 2016)

Outro aspecto importante desta eleição foi a conquista de capital eleitoral de Donald Trump a partir de sua conta pessoal no Twitter, de acordo com Nobre:

O Twitter não teve papel decisivo na campanha eleitoral, mas sim nas primárias do Partido Republicano para a escolha de seu candidato, quando a pré-candidatura de Trump teve uma cobertura desproporcional em relação às demais, segundo os padrões até então habituais do jornalismo político. (NOBRE, 2022, p. 99).

Durante o período de campanha, foi comum ver publicações polêmicas contra os adversários de Trump, contra minorias que não estavam incluídas em seu plano de governo e contra instituições que contrariavam seus interesses. Todos que, por algum motivo, eram considerados obstáculos para sua eleição eram rotulados como inimigos e, conseqüentemente, como inimigos do país, já que Trump dizia concorrer à presidência com o objetivo de trazer redenção aos verdadeiros cidadãos norte-americanos.

Diante de toda a repercussão e apoio que Trump conquistou nas redes sociais, é evidente que também chamou a atenção de representantes importantes da mídia tradicional, a quem frequentemente acusava de propagar *fake news* para desqualificá-lo. Além disso, com essa visibilidade em renomados veículos midiáticos, ele conseguiu alcançar sua base que estava fora do Twitter.

Ademais, o contexto norte-americano era de crise econômica, polarização política, crescimento da China e um clima de insatisfação da população com as instituições, que, conforme pesquisas, apontavam a má administração e corrupção como questões emergentes no país. Segundo Bernardi; Costa (2020, p. 387), “o aumento da descrença e desafeto dos indivíduos em relação às instituições políticas, quando somado a condições econômicas precárias, produz um ambiente político instável”. Nesse cenário, o candidato republicano, com seu discurso populista, repleto de falas sexistas, racistas, homofóbicas e xenofóbicas, conseguiu

convencer grande parte dos cidadãos estadunidenses de que era a melhor opção para resgatar a supremacia e os valores dos Estados Unidos.

Dessa forma, Donald Trump conseguiu empreender um discurso populista convincente e se posicionar para muitos como a melhor opção para representar o verdadeiro povo estadunidense.³⁹ É inegável que Trump soube, como ninguém antes, se apropriar efetivamente da mídia digital. “A estratégia de campanha de Donald Trump de estar sempre presente nas mídias, seja sendo polêmico ou utilizando notícias falsas, aproveitando-se de sua alta capilaridade nas redes sociais, promoveu forte engajamento para o candidato republicano”. (BERNARDI; COSTA, 2020, P. 389).

A disseminação de *fake news* foi um dos mecanismos cruciais da campanha de Trump, com casos polêmicos de ataques à mídia tradicional e à oposição. As *fake news* eram compartilhadas por sua base, seus apoiadores e, inclusive, por ele mesmo. Um dos exemplos mais emblemáticos foi a notícia falsa de que o Papa Francisco havia declarado apoio ao candidato republicano. Publicada por um website, essa notícia teve mais de um milhão de compartilhamentos. Esse é apenas um exemplo das muitas notícias falsas que circularam durante a eleição. Conforme Arthur Ituassu et al. (2019, p. 23), “estima-se que houve pelo menos 40 milhões de compartilhamentos de notícias falsas no Facebook durante essas eleições, com três vezes mais notícias falsas pró-Trump do que pró-Clinton”.⁴⁰

Assim como a eleição norte-americana, o Brexit, também ocorreu em 2016 e é considerado um marco na popularização das *fake news*. Foi o plebiscito que decidiu pela saída do Reino Unido da União Europeia. A realização do referendo dividiu o país e gerou uma grande repercussão negativa. Alguns críticos argumentaram que uma votação popular não era o método mais adequado para decidir sobre um assunto de tamanha relevância. Além disso, questionavam o nível de comprometimento da população com a votação e a complexidade do tema.

No fundo, as críticas veementes à convocatória do referendo sobre o Brexit incidiam sobre os riscos que esta iniciativa comportava para o papel das instituições políticas, no quadro de funcionamento da democracia representativa. [...] A decisão sobre a saída do Reino Unido da UE, mercê do voto popular, constituiria uma deriva ao princípio fundamental da democracia

³⁹ Vale mencionar que a campanha do Trump tinha como slogan “Make America Great Again”, ou seja, torne a América grande de novo, fazendo alusão ao chamado sonho americano.

⁴⁰ Como já citado, Trump foi reeleito em como presidente dos EUA em 2024, usando as mesmas técnicas de narrativas falsas e ataques ao sistema eleitoral estadunidense entre outras estratégias de campanha.

representativa, em virtude da ultrapassagem da supremacia do Parlamento britânico. (ANTÔNIO SOARES, 2019, p. 72).

A realização do Brexit coincidiu com um período de desesperança e ceticismo em relação ao sistema político, provocado pela crise econômica e migratória. Apesar das críticas e desconfianças, a taxa de participação popular no plebiscito foi alta. O resultado foi de 17,41 milhões de votos a favor da saída da União Europeia e 16,41 milhões contra, decidindo pela saída com uma diferença de 1,27 milhões de votos. A campanha durou aproximadamente três meses, e o resultado final foi anunciado em junho de 2016. Até hoje, a integridade do processo é alvo de críticas.

O Brexit é atribuído como um dos eventos responsáveis pela popularização das *fake news* devido à campanha que o apoiava. Uma das principais promessas foi transferir o dinheiro destinado à UE para o NHS (sistema de saúde). Em conformidade com Soares (2019, p. 70), “o ícone da campanha pela saída foi o ônibus de Boris Johnson, que percorreu o país anunciando que a ruptura com a UE permitiria ao Reino Unido economizar centenas de milhões de libras esterlinas por semana, correspondentes ao custo de um novo hospital. ”

O Facebook foi apontado como o principal responsável pela desinformação causada pela disseminação de fake news durante os três meses que antecederam a votação. A plataforma criou duas bolhas de informação: uma pró-Brexit e outra contra. Por meio de algoritmos que se baseiam nas curtidas, buscas e compartilhamentos dos usuários, o Facebook exibia conteúdos que coincidiam com o posicionamento do usuário, reforçando seu ponto de vista e levando à rejeição de opiniões divergentes.

Além disso, há indícios de que a Cambridge Analytica e outras empresas associadas realizaram a coleta não autorizada de dados de perfis do Facebook para fomentar a campanha por meio da propagação de conteúdo que legitimava a posição do público-alvo. Também surgiram indícios de interferência estrangeira, especialmente da Rússia, durante os meses de campanha, envolvendo a coleta de microdados do Facebook e o uso de robôs no Twitter.

Dentro do contexto de votação do Brexit, o que se percebe é que houve uma tentativa de manipulação eleitoral, para além das fake news, baseada no uso de dados privados de usuários das redes sociais. Assim, através do uso de propagandas direcionadas com “cliques de armadilha” ou clickbaits, pessoas com interesses e perfis mais identificados com determinadas pautas, principalmente alinhadas a votos conservadores, como pautas anti-imigração e multiculturalismo, recebiam um volume maior de notícias falsas que causavam alarmismos contra o futuro econômico do país, incitando-os a votar

para a saída da União Europeia (CAROLE CADWALLADR, 2018 apud ANA JULIA BERNARDI, 2019, p. 46).

A Hungria é o terceiro caso analisado aqui como forma de ilustrar o uso de *fake news* no cenário político pela extrema-direita. O país é governado por uma liderança populista e autoritária, em que a manipulação da informação tem sido um recurso político significativo. A última eleição resultou em um agravamento da liberdade de expressão, devido às suspeitas de fraude eleitoral. Órgãos da imprensa opositora ao governo foram perseguidos e até mesmo fechados. Além disso, ocorreram o fechamento de organizações civis e ataques à liberdade acadêmica. Atualmente, grande parte da mídia está vinculada ao governo, o que contribui para o baixo índice de liberdade de imprensa.

Desde o início de seu mandato, o primeiro-ministro Viktor Orbán alterou várias vezes a Constituição húngara, especialmente as leis eleitorais. Essas mudanças foram consideradas por especialistas em política como uma ameaça à democracia do país e um passo em direção a um governo autoritário, transformando-o em um Estado autocrático.⁴¹

Semelhante ao Brexit e à eleição nos Estados Unidos, a campanha e a gestão de Viktor Orbán adotam um discurso fortemente hostil em relação aos imigrantes. Os opositores da agenda anti-imigração são retratados como inimigos do bem-estar da Hungria. Um exemplo controverso das estratégias políticas do primeiro-ministro foi sua campanha contra Bruxelas, que acusou de colocar em risco a segurança e a soberania húngara.

A gestão Orbán fez uso de uma agressiva campanha anti-imigração e contra a União Europeia, colocando jornalistas críticos ao governo, Bruxelas, imigrantes e a comunidade científica, como inimigos da nação húngara. Fazendo uso da narrativa de que seriam *fake news* todas as informações contrárias ao governo, Orbán espalhou outdoors pelo país com a frase: “Você tem o direito de saber o que Bruxelas planeja”, indicando que a União Europeia estaria agindo contra os interesses do país na questão dos refugiados. (BERNARDI; COSTA, 2020, p. 393).

A deterioração da democracia húngara tornou-se ainda mais evidente durante a pandemia da COVID-19, quando o primeiro-ministro declarou um estado de emergência por tempo indefinido. Dessa forma, concentrou ainda mais poder em suas mãos, governando por meio de decretos e restringindo progressivamente os direitos civis. Essa abordagem adotada pela Hungria para lidar com a pandemia foi considerada moralmente intolerável por muitos

⁴¹ Forma de governo autoritária em que o poder está concentrado em uma única pessoa, o autocrata.

políticos europeus. Em resposta alguns membros do Partido Popular Europeu (PPE) pediram novamente a expulsão do partido de Orbán, o FIDESz, do PPE.

A conjuntura política em El Salvador é outro exemplo notável do uso de estratégias de desinformação e redes sociais. O país, localizado na América Central, tem chamado a atenção de analistas políticos nos últimos anos. Com uma liderança de extrema-direita desde 2019, Nayib Bukele, presidente de El Salvador, desfruta de uma alta porcentagem de aprovação. Segundo uma pesquisa recente de La Prensa Gráfica, um dos principais jornais do país, o jovem presidente conta com cerca de 91% de aprovação popular, sendo o presidente mais bem avaliado da América Latina e destacando-se mundialmente.

Bukele foi eleito presidente em 2018, no mesmo ano em que Jair Bolsonaro venceu a disputa presidencial no Brasil, e enquanto os Estados Unidos eram governados por um líder de extrema-direita. Assim como para Trump e Bolsonaro, a mídia digital foi essencial para a campanha de Bukele, que utilizou massivamente as redes sociais, especialmente o Twitter. O jovem candidato se popularizou com um sólido discurso populista, antissistema e anticorrupção.

Além disso, Bukele contou com o apoio da mídia tradicional, insatisfeita com a polarização política entre os dois principais partidos do país: o FMLN (Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional), de esquerda, e o Arena (Aliança Republicana Nacionalista), de direita, que se alternavam no poder desde o fim da guerra civil salvadorenha em 1992. Com uma campanha fortemente alicerçada no ambiente digital, visto que a presença física em eventos eleitorais foi praticamente nula, Bukele conquistou 53% dos votos e venceu a disputa presidencial.

O sucesso de Bukele é considerado por muitos como resultado da insatisfação popular com a ineficiência e corrupção dos governos anteriores. Assim como Trump e Bolsonaro, Bukele se apresentou como um candidato outsider, ou seja, alguém não vinculado às estruturas políticas tradicionais. No entanto, antes de se tornar presidente, Bukele foi prefeito de Nuevo Cuscatlán e de San Salvador pelo FMLN, apesar de não se identificar com a ideologia do partido. Quando anunciou suas intenções de se candidatar à presidência pelo partido esquerdista começaram a surgir atritos, o que resultou em sua expulsão.

Para prosseguir com sua aspiração à presidência, Bukele fundou seu próprio partido, o Nuevas Ideas, mas não conseguiu o registro partidário do Supremo Tribunal Eleitoral. A solução para esse impasse foi se lançar candidato por um pequeno partido de direita, o Gran

Alianza por la Unidad Nacional (GAN). Sobre a campanha eleitoral de Bukele, Patricia Mechi (2023) destaca que:

Assim como outros políticos da direita radical, Bukele distinguiu-se de todo o espectro político por meio da comunicação, utilizando estratégias de marketing digital baseadas na disseminação de memes, desinformação, direcionamento de mensagens em massa de acordo com o público receptor, utilização de robôs, tráfego pago, entre outras. (MECHI, 2023, p. 192).

Assim, percebemos que as redes sociais foram um instrumento bastante significativo para a vitória sem precedentes de um jovem do mundo publicitário à presidência. Bukele não participou de debates e comícios, mas transformou sua conta pessoal do Twitter em seu palanque. Nesse ambiente conseguiu se comunicar diretamente com os cidadãos salvadorenhos sem a interferência de mediadores.

Além disso, Bukele não possuía um plano de governo sólido, suas falas se concentravam em atacar a oposição, colocando-se como um candidato antissistema — nem de esquerda, nem de direita — mas como uma possibilidade nova: um candidato desvinculado das ideologias antiquadas da velha política, cujo objetivo principal era libertar seu povo das décadas de corrupção que assolavam o país. Sobre o governo de Bukele, Mechi (2023) salienta que:

Seu mandato é caracterizado pelo crescente autoritarismo que tem transformado aceleradamente o país em uma autocracia. Sob seu governo, Legislativo e Judiciário se tornaram extensões do Executivo, num contexto em que a censura à imprensa avança e as esquerdas vão, cada vez mais, perdendo seu “poder de fogo”, tanto material quanto simbólico. (MECHI, 2023, p. 177).

Percebemos, a partir do breve percurso realizado até aqui, que os quatro exemplos citados compartilham semelhanças importantes, destacando-se que todos ocorreram em um contexto de avanço da extrema-direita. Além de adotarem uma postura populista e autoritária, também apresentam uma retórica comum, marcada por discursos moralistas, antissistema, anticorrupção e anti-imigração. Ademais, as redes sociais foram instrumentos essenciais para o êxito de todas as campanhas mencionadas, permitindo o estabelecimento de um diálogo direto com o público-alvo, além de potencializarem a disseminação de desinformação por meio de *fake news*.

2.2 Antipetismo e *fake news*: nas ruas e nas redes

O recente fortalecimento do espectro direitista no Brasil ocorreu a partir de um processo multifacetado, envolvendo questões internas e externas. Segundo Flávio Casimiro (2020), o avanço dessas forças de direita foi desencadeado por uma burguesia emergente, representada pelas “novas direitas”, constituídas pelo setor varejista, setores da classe média, além da burguesia industrial e do agronegócio. O objetivo dessas forças é construir uma estrutura social hegemônica.

Essa burguesia emergente, performática e ansiosa por ocupar espaços de poder, assim como prestígio e possibilidades de expandir-se interna e internacionalmente, aposta na estratégia mais conservadora e truculenta, articulada aos setores ruralistas e parte da grande burguesia industrial, como alternativa de “mudança” das estruturas da sociedade política, para se estabelecer e se projetar. (CASIMIRO, 2020, p. 152).

De acordo com Camila Rocha (2018), as organizações das novas direitas começaram entre o fim do primeiro mandato de Lula e o decorrer do segundo. Nesse período ainda não havia tantos recursos como hoje, mas já ocorriam movimentações em fóruns, blogs, sites, além do importante papel do extinto Orkut. Nesses ambientes digitais, os indivíduos insatisfeitos com a realidade brasileira discutiam diversos assuntos relacionados ao cenário político do país.

Segundo Casimiro (2018), desde o período de abertura política do Brasil, a partir de 1985, ocorreu, junto ao processo de reorganização das classes dominantes, uma reorganização político-ideológica. Ao longo dos anos seguintes, esse movimento foi gradualmente conquistando mais magnitude e robustez, além de radicalizar seu discurso. Contudo, é a partir de 2010 que podemos perceber sua consolidação.

Assim, a partir da segunda metade da década de 2000, o discurso da direita passa a ganhar maior dimensão e radicalidade. Abandona-se uma espécie de “constrangimento” que mantinha suas manifestações mais extremadas silentes; depois, elas passaram a caracterizar esse avanço da direita no Brasil. A reprodução desse tipo de concepção passou a ganhar mais força em virtude dos novos meios de comunicação digital e das redes sociais. Além da maior difusão do pensamento liberal conservador, narrativas revisionistas e as *fakenews* passaram a redimir determinados discursos de ódio, tido como inaceitáveis e repulsivos por décadas pela maioria da sociedade. (CASIMIRO, 2018, p. 43, 44).

Ações e discursos que desde a redemocratização do país eram reprimidos ou velados voltaram a ter voz e espaço. Vale pontuar que as novas direitas não são homogêneas; pelo contrário, há diferentes orientações ideológicas. Sendo formadas por públicos e interesses

distintos que se conectaram em razão da oposição à política vigente. Nessa perspectiva, Miguel (2016) salienta que, entre os diferentes grupos de direita, os mais extremistas são formados por três vertentes principais: o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo discurso comunista. Sobre o primeiro ele explica que:

A ideologia libertariana, descendente da chamada “escola econômica austríaca” e influente em meios acadêmicos e ativistas dos Estados Unidos, prega o menor Estado possível e afirma que qualquer situação que nasça de mecanismos de mercado é justa por definição, por mais desigual que possa parecer. É rotulada de ultraliberal, mas sua relação com o liberalismo clássico é tensa. O libertarianismo começa e termina no dogma da santidade dos contratos “livremente” estabelecidos, reduz todos os direitos ao direito de propriedade e tem ojeriza por qualquer laço de solidariedade social. (MIGUEL, 2016, p. 19).

A respeito do fundamentalismo religioso, Miguel (2016) afirma que é justificado pela percepção restrita de que existe uma verdade indiscutível, a qual não permite debate. Dessa forma, o direito ao aborto, a ampliação dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+, entre outras questões sociais importantes, estão fora de cogitação para esse grupo. De acordo com o autor, “a ênfase na agenda moral conservadora aparecia como caminho para que a direita reconquistasse ao menos uma parte da base social que perdera com as políticas de combate à miséria associadas ao PT.” (MIGUEL, 2016, p. 21).

No tocante ao fortalecimento atual do discurso anticomunista, ele expõe que

A terceira vertente da direita radical recicla o anticomunismo, que parecia ultrapassado com o fim da Guerra Fria, mas ganhou nova roupagem na América Latina e no Brasil: a ameaça passou a ser o “bolivarianismo” venezuelano. Apesar do centrismo crescente de seu discurso e de suas práticas moderadas quando esteve no governo, o PT veio a ser apresentado como a encarnação do comunismo do Brasil, gerando uma notável sobreposição entre anticomunismo e antipetismo. (MIGUEL, 2016, p. 22).

Posto isto, a partir dessas considerações iniciais, percebemos que o avanço das novas direitas no Brasil é uma questão bastante complexa, pois esse fenômeno envolve diferentes fatores e agentes sociais. Assim, discutimos a seguir sobre os importantes acontecimentos recentes que contribuíram para a ascensão desses novos grupos, bem como para a consolidação da extrema-direita em nosso país e a intensificação do antipetismo.

O ponto de partida é junho de 2013, quando teve início um ciclo de manifestações de proporções que não se via no país há algum tempo, pois, desde as Diretas Já⁴², em 1983, não ocorria aqui um movimento de massas com amplitude similar. É notável que grande parte da população brasileira, que nas últimas décadas foi considerada passiva e conformista em questões relacionadas à política, de repente começou a participar do debate político. A respeito desse interesse repentino, Nunes (2022) considera que o que ocorreu inicialmente foi uma revolta dos governados contra os governantes.

A base em que essa interpelação se dava era uma crise aguda do poder constituído e das instituições em geral: a desconfiança institucional da população em relação à classe política parecia ter escapado à resignação das conversas privadas e extravasado por ruas e redes sociais, onde se expressava como demanda por qualidade de vida (o que passava pela qualificação dos serviços públicos) e responsividade institucional (o que passava pelas questões da violência policial e da corrupção). (NUNES, 2022, p. 149).

Esse ciclo de manifestações, que ficou conhecido como Jornadas de Junho, foi motivado pelo aumento da passagem do transporte público em um cenário de declínio do saldo da balança comercial e aumento da inflação. Por isso, um grupo de estudantes ligados ao Movimento Passe Livre (MPL) foi às ruas reivindicar a revogação do aumento de R\$ 0,20 nas passagens de ônibus. A movimentação inicial, em São Paulo, contou com alguns milhares de pessoas e foi duramente reprimida pela Polícia Militar.⁴³ As cenas violentas e os depoimentos que retratavam o abuso de força da PM contra os jovens, que lutavam por seus direitos, comoveram parte da população.

Os jovens não se intimidaram com a violência policial e, quanto mais a repressão aumentava, mais pessoas aderiam às manifestações. Cabe ressaltar que os principais meios de comunicação do país criticaram duramente a ação dos manifestantes, acusando-os de promover um caos no cotidiano do país. No entanto, com o avanço dos protestos, a mídia mudou seu posicionamento e passou a usar um tom favorável às manifestações. Alguns estudiosos sugerem que essa mudança repentina estava relacionada ao interesse de aumentar a desaprovação do governo Dilma, buscando influenciar a opinião pública a responsabilizar, especialmente, o governo federal pelas mazelas sociais e pelo aumento do custo de vida.

⁴² Movimento popular em defesa de eleições presidenciais diretas em 1985.

⁴³ A Polícia Militar de São Paulo é conhecida por sua violência. Podemos citar, apenas a título de exemplo, o caso da chacina, conhecido como Massacre do Carandiru e o ataque aos professores da rede estadual em greve na Avenida Paulista em maio de 2000.

Nesse sentido, embora a força mobilizadora inicial dos protestos tenha sido o MPL, outros grupos também começaram a aderir, principalmente setores da classe média, que se incorporaram às manifestações fundamentados em um claro discurso antigoverno. Além disso, a adesão aos protestos pode ter sido incitada pelo julgamento do Mensalão⁴⁴, um grande esquema de compra de votos de parlamentares para favorecer interesses do executivo. O caso foi denunciado em 2005, mas o julgamento só teve início seis meses antes das manifestações de 2013, e seus desdobramentos tiveram grande repercussão midiática.

Diante disso, estudiosos defendem que a vigorosa cobertura da mídia pode ter estimulado parte da população, escandalizada com a magnitude do esquema de corrupção, a aderir aos manifestos. Marina Mendonça (2018, p. 50) expõe que “as sessões da corte passaram a ser transmitidas ao vivo pela televisão, como se fossem capítulos de novela, e os meios de comunicação dedicaram edições inteiras a fazer acusações gravíssimas contra os principais líderes do PT”.

Durante 2012, um grande espaço da agenda midiática foi tomado pelo processo de julgamento dos réus do Mensalão no Supremo Tribunal Federal (STF). Depois das incessantes denúncias que levaram o PT a perder parte de sua identificação partidária (ainda que tenha restabelecido depois), o caso voltava a ocupar a pauta midiática nacional e a mobilizar a opinião pública, com acompanhamento diário e dramatizado dos acontecimentos no STF. Foi um período de grande desgaste para o governo federal, culminando em 26 culpados, dentre os quais três membros da alta cúpula petista: o ex-ministro da Casa Civil de Lula, José Dirceu, o ex-presidente da Câmara dos Deputados, João Paulo Cunha, e o ex-presidente do partido, José Genoíno. (MARCELO SANTOS, 2016, p. 75).

Nessa conjuntura de descontentamento social, vale mencionar ainda os populares “rolezinhos”. O termo é uma gíria que se refere a passeios e encontros descontraídos e informais. Trata-se de um fenômeno social coletivo que ocorreu entre o final de 2013 e 2014. “Os rolezinhos foram reuniões organizadas por jovens, em sua maioria oriundos das classes subalternas, com o intuito de promoção de lazer voltado ao consumo, à paquera, à escuta de funk ostentação e à diversão com os ídolos” (THIAGO SILVA, 2016, p. 130). Esses eventos começaram em São Paulo, mas logo se espalharam para outras regiões. A internet e as redes

⁴⁴ O Mensalão, revelado em 2005, foi um escândalo de corrupção envolvendo o pagamento mensal a parlamentares para garantir o apoio político ao governo federal. O esquema incluía figuras de destaque do PT e de partidos aliados. Esse caso ocorreu durante os primeiros anos do governo Lula, em um momento em que o PT enfrentava desafios para consolidar sua base no Congresso.

sociais tiveram um papel fundamental, pois, por meio do Facebook e Twitter, os jovens se organizavam e marcavam os rolés.

A proposta era reunir pessoas para frequentarem locais tradicionalmente elitizados, como os shopping centers. Os jovens de classes desprivilegiadas reivindicavam o direito de ocupar espaços públicos, bem como de ter acesso a diferentes formas de lazer. Nildo Viana (2014) sugere que os rolezinhos foram incentivados pelas manifestações de junho de 2013, pois, a partir da grande repercussão, a sociedade percebeu a força que a movimentação espontânea e coletiva pode ter. Assim, a juventude de baixa renda, compreendendo o preconceito e as desigualdades, e desejando pertencimento e reconhecimento social, se mobilizou para ocupar espaços considerados exclusivos das classes privilegiadas. Sobre esse aspecto, Caio José pondera que:

Por essas razões, os “rolezeiros” encarnam os novos hereges. Sua presença nos Shopping Centers, novos templos da sociedade de consumo, incomoda. O desconforto às ‘pessoas de bem’ se dá tanto por não participarem do culto (só vão ao local para passear e não compram nada), quanto por ousarem fazer parte da celebração (quanta insolência terem condições de compra próximas às da classe média). (CAIO JOSÉ, 2015, p. 14).

À medida que novos rolezinhos eram programados, os estabelecimentos e autoridades reagiram tentando barrar a entrada desses grupos nos locais pretendidos, o que ressaltava a segregação social nesses espaços. Além disso, a mídia tradicional, em sua maioria, frequentemente acusava as movimentações dos jovens de provocar medo e violência ao tumultuar locais públicos.

Ao se impedir a circulação de jovens de uma determinada classe social, que representam esta minoria discriminada, perpetua-se, mais uma vez, a dinâmica discriminatória do Estado. Demonstra a negatividade da imagem do negro, a impossibilidade de ascensão social desse grupo, que não pode frequentar os mesmos espaços pertencentes a uma elite branca. (INARA FIRMINO, 2015, p. 26).

Percebemos que a opinião pública estava dividida entre aqueles que rechaçavam os rolezinhos e os que se solidarizavam com os jovens. Nesse sentido, esses rolés juvenis tornaram-se um tipo de protesto, uma vez que incentivaram a reflexão e a conscientização sobre a desigualdade social no país.

Mas, voltando às grandes manifestações nas ruas, houve, paulatinamente, a adesão de uma grande diversidade de pessoas, como bancários, professores, médicos, grupos que clamavam pela volta do regime militar, jornalistas de TV que defendiam o direito do “cidadão de bem” de se manifestar, o grupo Black Bloc⁴⁵, dentre outros. Assim, as manifestações espalharam-se por todo o país, ocorrendo em centenas de cidades brasileiras e levando milhões de pessoas a protestar. Aos poucos, as manifestações ganharam força, o número de manifestantes se multiplicou, assim como as demandas. Iniciou-se, então, uma nova fase, com objetivos diversos, fragmentados e vagos.

As manifestações tomaram um rumo diferente do que previa as convocações do MPL e se tornaram eventos contra a corrupção, os políticos, os partidos políticos, o governo, os serviços públicos. Os participantes eram jovens, alguns pertenciam a grupos organizados, mas a maioria chegou às ruas através das redes sociais, como indivíduos em grupos de amigos e sem militância política anterior em partidos ou movimentos sociais. (CÉLI REGINA PINTO, 2017, p.129).

Percebendo a evolução do movimento dos manifestantes, em razão das grandes proporções que as manifestações alcançaram, o governo municipal e estadual de São Paulo decidiu revogar o aumento de R\$ 0,20 nas passagens do transporte público. Em razão disso, o MPL, que era o movimento mais organizado até aquele momento, retirou-se das ruas após ter sua demanda atendida, justificando que não havia identificação com nenhuma outra reivindicação.

Porém, os outros grupos não recuaram; ao contrário, continuaram nas ruas. Após a revogação, em mais de 100 cidades brasileiras, aproximadamente 1,5 milhão de manifestantes saíram às ruas em uma espécie de comemoração. Com a saída do MPL, o Black Bloc, movimento de alinhamento anarquista, assumiu um certo protagonismo e radicalizou as ações nas manifestações, o que provocou a intensificação da violência entre manifestantes e policiais, além de aumentar as críticas da mídia.

Com a tensão aumentando consideravelmente, o governo federal propôs a realização de uma Constituinte exclusiva para promover uma reforma política, que, posteriormente, seria submetida a plebiscito popular. Todavia, apesar desses esforços para aplacar os ânimos, os

⁴⁵ “Vestidos de preto e com o rosto coberto, os black blocs, que aos poucos tomaram forma, traziam junto de suas bandeiras uma maneira controversa e questionável de se comunicar: usando a violência e a depredação do patrimônio público e privado [...]” (O TEMPO, 2023). Para saber mais, ver a reportagem do jornal em: <https://www.otempo.com.br/brasil/black-blocs-relembre-tatica-violenta-que-marcou-as-jornadas-de-junho-em-2013-1.2885532>

protestos continuaram a acontecer e as pautas dos manifestantes ficaram ainda mais fragmentadas.

No ano seguinte, o alvo dos manifestantes passou a ser a realização da Copa do Mundo no Brasil. Apesar do número de manifestantes ser inferior ao dos protestos de 2013, os atos ocorreram durante todos os meses que antecederam o evento, e inclusive durante a Copa. Nesse momento, as manifestações migraram para os locais que sediavam os jogos. A realização da Copa tornou-se sinônimo de corrupção, levando à equivalência entre a Copa, o PT e a corrupção.

Havia manifestantes de diferentes classes sociais e ideologias políticas. Os manifestantes mais alinhados à esquerda protestavam contra os gastos exorbitantes com a Copa, enquanto serviços essenciais estavam sucateados por falta de investimento. Além disso, o megaevento causou profundos danos à população residente nas cidades-sede, em razão das remoções e desapropriações forçadas de milhares de famílias para a construção de estádios, corredores expressos para ônibus e outras obras de infraestrutura. Apenas no Rio de Janeiro, que também foi sede das Olimpíadas de 2016, o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas estima que cerca de 22 mil famílias foram removidas ou desapropriadas.

À medida que se aproximava o início desses eventos, aumentava também a especulação imobiliária nas cidades-sede, prejudicando o acesso à moradia para as pessoas de baixa renda. Ademais, houve a exclusão das classes menos favorecidas do evento, pois os ingressos, com valores exorbitantes, impossibilitavam a participação popular.

Os grupos mais alinhados à direita e pertencentes às classes privilegiadas adotaram um discurso anti-PT, culpando o partido por toda a corrupção e as mazelas sociais que afligiam o país. No jogo de estreia da Copa, em 12 de junho de 2014, no estádio Itaquerão, ao anunciarem o nome de Dilma Rousseff, a torcida brasileira, concentrada nos setores mais caros, soltou uma longa vaia, evidenciando a profunda insatisfação com a presidente petista.

Essas são as condições de emergência do evento de abertura da Copa do Mundo de Futebol, na cidade de São Paulo, em 12 de junho de 2014. A grande vaia sofrida pela presidenta da República ao ter seu nome anunciado foi o momento inaugural do discurso conservador, fundamentalmente antipetista, que tomou fôlego a partir de então, dando sentido às manifestações por seu impeachment em março de 2015. (PINTO, 2017, p.144)

Assim como em 2013, os protestos contra a Copa e as Olimpíadas foram alvo de repressão policial. Além disso, após 2014, surgiu uma terceira fase de manifestações, motivada

pelo desenrolar da Operação Lava-Jato⁴⁶, que investigava suspeitas de desvio de recursos públicos e lavagem de dinheiro. As denúncias de corrupção envolveram a Petrobras, empreiteiras, partidos políticos, empresários, doleiros e agentes públicos.

Com os desdobramentos da Lava-Jato, a impopularidade de Dilma e do PT intensificou-se ainda mais. Segundo Miguel (2016), o discurso de decadência moral voltou-se exclusivamente contra o PT.

Reportagens em jornais e redes de televisão, processos judiciais, investigações policiais e boatos gerados na internet retroalimentaram-se, gerando uma nuvem de informações verdadeira, duvidosas ou indubitavelmente falsas que estigmatizava o PT – e por consequência, toda a esquerda – como encarnação da desonestidade e do mal. (MIGUEL, 2016, p. 25).

Dessa forma, o período de campanha eleitoral de 2014 começou em um clima polarizado e hostil, em razão da possibilidade de reeleição de Dilma. Nas redes sociais e nas ruas, uma intensa propaganda anti-Dilma e antipetista ganhou força e adeptos. Os grupos contrários ao PT defendiam políticas de austeridade e pautas morais conservadoras, contando com o apoio financeiro de importantes organizações, como a FIESP, a Rede Globo e igrejas evangélicas. Além disso, algumas think tanks, organizações dedicadas à pesquisa, análise e recomendações políticas, também participaram desse movimento. O Instituto Millenium, por exemplo, desempenhou um papel importante na criação de narrativas que favoreceram os interesses antigoverno, contribuindo assim para o processo de impeachment.

Entretanto, apesar da intensificação do antipetismo e da popularização do discurso conservador, além de indícios do uso de desinformação nas redes sociais como ferramenta política, a petista foi eleita. Porém, “o resultado da eleição foi de pequena vantagem para Dilma Rousseff no Executivo Federal e de maior representação, desde 1964, de direitistas, conservadores e liberais no Congresso Nacional.” (SANTOS, 2016, p. 14).

Durante o período de campanha, o candidato Aécio Neves (PSDB) já falava sobre a inevitável instabilidade no país caso Dilma fosse reeleita. Quando o resultado foi anunciado, o concorrente não reconheceu a legitimidade da vitória petista, colocando em dúvida a

⁴⁶A Operação Lava Jato consiste na investigação de supostos crimes (lavagem de dinheiro de pessoas físicas e jurídicas, caixa 2 para financiar partidos políticos, sonegação fiscal, evasão de dívidas, pagamento de propina a políticos, corrupção de agentes públicos (funcionários públicos e agentes políticos) e desvio de recursos públicos da Petrobrás), que teve início em 17 de março de 2014 pela Polícia Federal. (MÁRCIA TRIVELLATO, 2015).

confiabilidade das urnas eletrônicas, algo que ele já fazia desde a campanha. Aécio prontamente convocou a população a ir às ruas pedir a destituição de Dilma.

Além de Aécio Neves, vários grupos nas redes sociais também convocavam a população a lutar pelo impeachment, com destaque para a atuação do “MBL”, “Revoltados Online” e “Vem Pra Rua”. Assim, a presidenta eleita tomou posse em um cenário bastante hostil. Já no primeiro trimestre, grandes manifestações ocorreram: no dia 15 de março, cerca de 1,5 milhão de manifestantes, vestidos com camisas da seleção brasileira, foram às ruas pedir sua cassação.

Nesse momento, houve um acentuado discurso misógino contra Dilma.⁴⁷ Tanto sua imagem quanto a do PT estavam desgastadas, especialmente entre as classes dominantes, o que se intensificou com a sucessão de manifestações entre 2013 e 2016, como indica Camila Rocha:

[...] a insatisfação com a reeleição de Dilma aumentou com as denúncias de corrupção ventiladas pela Operação Lava-jato, e expostas diuturnamente pelos grandes veículos de mídia. Resultou-se uma pressão social que jogou ainda mais água no moinho da crise política em curso até que, em agosto de 2016, Dilma foi de fato impedida. (ROCHA, 2019, p. 25).

Além disso, Ab’ Sáber (2015) aponta que essa intensa reprovação ao governo de Dilma pode ser explicada pela diferença entre ela e Lula, pois Dilma nunca teve o mesmo carisma. O autor considera que a petista não tinha um perfil político, mas sim o de uma administradora de empresa, o que lhe rendeu a alcunha de “mandona”.

Mistura de sua necessidade de afirmação da última palavra, de controle de todas as ações e demonstrar-se ativa *matriarca* de seu próprio poder – em uma imagem de *self político* primitiva – infantilizando e confundindo os seus agentes de governo e de Estado – com constantes sinalizações de desorganização e de desencontros denunciados por ela própria – tal comportamento gerou o mito da mulher política autoritária e de acesso improvável, que só fez crescer. Não há dúvida de que, sobre muitos aspectos, ela contribuiu ativamente para o seu próprio isolamento. (AB’ SÁBER, 2015, p. 21).

Nesse contexto, após cerca de 18 meses, Dilma teve seu mandato cassado. Durante quase todos os meses de 2015 e no primeiro semestre de 2016, houve uma série de manifestações cujo objetivo central era o impeachment de Dilma, além da prisão de Lula.⁴⁸ Para

⁴⁷ Em razão da relevância desse fato, mais à frente, no tópico 2.3 trataremos especificamente desse caso.

⁴⁸ Lula foi preso no dia 07/04/2018 com prisão decretada pelo ex-juiz e atual senador da República Sérgio Moro. Ele ficou preso 580 dias, hoje essas sentenças foram anuladas por ilegalidade.

a base conservadora, que manifestava profunda revolta contra o governo nas redes e nas ruas, o grande problema do país era a corrupção política incessante, fomentada principalmente pelo PT.

Logo, segundo essa lógica, para mitigar os problemas sociais que lesavam o povo brasileiro e impediam o progresso da nação, seria preciso acabar com a corrupção, o que significava, nessa lógica, eliminar, se possível para sempre, o petismo. Nesse ponto de vista, excluindo o mal maior simbolizado pelo PT, posteriormente, outros males como a questão da segurança pública, sucateamento da educação e saúde seriam resolvidos.

Em conformidade com Alysson Mascaro (2022) a extrema-direita tende a evocar o fascismo ao afirmar que existe um inimigo a ser combatido, pois este permanece em vigia aspirando o poder. Por essa lógica, entendemos que o mal que assombrava os brasileiros e que necessitava ser eliminado era o Partido dos Trabalhadores para evitar que as mazelas do esquerdismo arruinassem o país.

Com esse propósito, uma das estratégias empregadas foi a criação de um cenário de desinformação, a partir da intensa propagação de *fake news* nas redes sociais. Nesse sentido, houve uma instrumentalização política de informações e notícias fraudulentas. “Uma das principais lições da história do fascismo é que mentiras racistas conduziram a uma violência política extrema. Hoje, as mentiras estão de volta ao poder” (FEDERICO FINCHELSTEIN, 2020, p. 16 apud PAULA SIMÕES; TEREZINHA SILVA, p. 66, 2022).

Para compreendermos essa criação de um inimigo recorreremos à obra de Victor Klemperer, *LTI: A Linguagem do Terceiro Reich*, que discorre sobre como a linguagem foi um importante instrumento político na Alemanha nazista. O filólogo se dedicou a entender como a língua alemã foi manipulada pelo nazismo a fim de deturpar a realidade e, assim, articular ideias extremistas junto à população. Segundo Marcelo Leandro Santos (2018), os nazistas usavam a LTI para promover o distanciamento da vida civil em relação à natureza sombria do cotidiano daquele contexto. Por meio de propagandas, a Alemanha era retratada como um país perseguido por tudo e por todos. Assim, com a exploração da linguagem, era possível neutralizar as situações terríveis, tornando o que era repulsivo, algo habitual.

De forma semelhante, no Brasil e em outros países onde houve o avanço da extrema-direita, estratégias similares às que Klemperer analisou em seus estudos têm sido empregadas. Nos últimos anos, observamos o uso de discursos sensacionalistas e emocionais com o propósito de manchar a imagem de adversários e promover valores conservadores e autoritários. O fenômeno das *fake news* nas redes sociais exemplifica bem como a linguagem pode ser

manipulada para interferir na opinião pública. Dessa forma, as *fake news* tornam-se uma ferramenta política poderosa, com grande potencial para legitimar ou deslegitimar candidatos, partidos ou governos.

Ao observarmos os discursos de algumas lideranças de extrema-direita, podemos perceber como essa manipulação acontece de maneira evidente. Um exemplo é Bolsonaro e sua base, que frequentemente culpavam os supostos comunistas e globalistas⁴⁹ pelas mazelas sociais do país. Ao alimentar a polarização e dividir a sociedade entre o “bem” e o “mal”, entre “nós” e “eles”, cria-se um inimigo a ser combatido. Sobre isso, Bustamante (2021, p. 8) defende que:

A linguagem torna-se essencial para que a divisão entre “nós” e “eles” *funcione* e, principalmente, tenha resultados políticos efetivos. Como consequência, a divisão requer estar presente constantemente em qualquer temática para que seja marca distintiva. Inserir termos, expressões, clichês, frases de efeito e repetir por meio de qualquer forma de comunicação é imprescindível para que a política fascista institua a divisão “nós” e “eles”.

Nessa lógica, no terceiro capítulo utilizando como fonte de análise as *fake news* com narrativas bastante difundidas no período eleitoral, há exemplos de como a manipulação da linguagem foi empregada tanto para prejudicar adversários quanto para autopromoção.

Mas, retornando ao período que antecedeu a consolidação do avanço da extrema-direita no Brasil, sabemos que houve uma intensa mobilização antigovernista. Nas manifestações que ocorriam em todo o país, lia-se em cartazes frases como: “A nossa bandeira jamais será vermelha”, “Chega de doutrinação marxista”, “Basta de Paulo Freire”, “O Brasil não será uma Cuba” e “O PT é o câncer do Brasil” (PINTO, 2017, p. 149).

A movimentação antipetista, tanto nas ruas quanto nas redes sociais, por vezes assumiu um tom bastante agressivo. "Esse envolvimento afetivo com a causa conferiu contornos particulares ao protesto, com imagens de manifestantes mordendo ou queimando bandeiras do PT, ou levando cartazes com imagens dos ex-presidentes decapitados ou enforcados" (LUCIANA TATAGIBA, 2018, p. 124).

Percebemos, então, que durante o longo período de manifestações, as redes sociais desempenharam um papel crucial na organização e mobilização de pessoas. Além de terem sido um espaço de intenso debate político, essas plataformas contribuíram para desgastar ainda mais

⁴⁹ Usado de forma pejorativa, o termo se refere a pessoas ou grupos que se dedicam a promover uma agenda de controle global, desconsiderando as soberanias nacionais.

a imagem de Dilma e Lula, consolidando o antipetismo no ambiente digital e favorecendo a oposição emergente. A polarização ganhava contornos claros e definitivos.

Após o impeachment de Dilma, a expectativa de parte dos manifestantes por uma nova eleição não foi atendida, pois Michel Temer (MDB), vice da chapa petista, assumiu a presidência. O governo de Temer atendeu aos interesses das classes dominantes ao reduzir direitos trabalhistas, conquistas históricas desde a era Vargas e reforçadas pela Constituição de 1988. Além disso, facilitou a entrega de riquezas nacionais ao capital estrangeiro, por meio de alterações na legislação, como aponta a pesquisadora Marina:

Com efeito, desde o seu início, o governo de Michel Temer não poupou esforços para eliminar grande parte dos avanços sociais dos trabalhadores, obtidos não apenas durante os mandatos do PT, mas principalmente após a Constituição de 1988, chegando a atingir até mesmo aqueles conquistados a partir da Revolução de 1930. Tampouco hesitou em promover a entrega das riquezas nacionais ao capital estrangeiro, como revelam a mudança da legislação no que diz respeito à exploração de petróleo na camada de pré-sal e os leilões realizados desde então [...] (MENDONÇA, 2018, p. 52).

Assim, em 2016, a elite brasileira temia a candidatura de Lula em 2018 e buscava impedi-la, para tanto, ele deveria ser acusado por algum crime para ser declarado inelegível. Com a ajuda da mídia e de interesses estrangeiros, foi criada uma "guerra híbrida"⁵⁰ para desestabilizar o Brasil, envolvendo ações como ataques à política a partir da desinformação. A operação Lava-Jato, com apoio do Judiciário e da Polícia Federal, utilizou táticas de "lawfare"⁵¹ para perseguir o PT e impedir Lula de concorrer à presidência. Lula foi preso em 2018 sem provas concretas, e sua candidatura foi barrada pelo TSE com base na Lei da Ficha Limpa⁵², o substituindo por Fernando Haddad, que chegou ao segundo turno, disputando com Jair

⁵⁰ "Um tipo de guerra que prioriza a destruição da vontade política do adversário por meio do colapso físico e moral do seu Estado e sociedade [...]" (SILVA, 2023, p. 34). Trata-se de um conflito que combina diferentes métodos, como ações militares convencionais ou ilegítimas, ataques cibernéticos e propagação de desinformação, além do uso de sanções econômicas.

⁵¹ O *Lawfare* vem sendo uma estratégia do establishment da política externa estadunidense e da segurança nacional daquele país com forma de evitar a ação militar e assim diminuir os custos, responsabilizações e o desgaste político. Seu objetivo é a manipulação do arcabouço e sistema jurídico de uma determinada sociedade contra grupos políticos e econômicos inconvenientes, concorrentes ou mesmo contrários aos interesses do consórcio de empresas e da política externa/geopolítica dos Estados Unidos (ANDRÉ, 2020, p. 49 apud SILVA, 2023, p. 34).

⁵² O Plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) indeferiu, por maioria de votos (6 a 1), o registro de candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva para disputar as eleições à Presidência da República em outubro. A decisão seguiu o entendimento do relator do pedido na Corte, ministro Luís Roberto Barroso, que declarou a inelegibilidade de Lula com base na Lei da Ficha Limpa. (TSE, 2018).

Bolsonaro. A eleição de 2018 marcou a intensificação do uso de *fake news*, com a intenção de criar um cenário de pânico moral e social, como estratégia política.

A campanha eleitoral de Bolsonaro em 2018 foi marcada pelo fluxo de compartilhamento de fake news nas redes sociais, principalmente no Facebook e Twitter, assim como no aplicativo de mensagens WhatsApp. Além disso, houve um acentuado ataque ao PT, principal partido da oposição. Valer dizer que desde quando ocupava o cargo de deputado federal pelo Rio de Janeiro, o capitão reformado do Exército já chamava a atenção de alguns grupos conservadores.

Com sua postura autoritária, logo se tornou o representante dos evangélicos e do capital financeiro. Contudo, para a elite financeira, inicialmente havia outros candidatos que agradavam mais, como Henrique Meirelles, João Amoedo ou Geraldo Alckmin; porém, o discurso destes não conseguiu grande êxito entre a opinião popular.

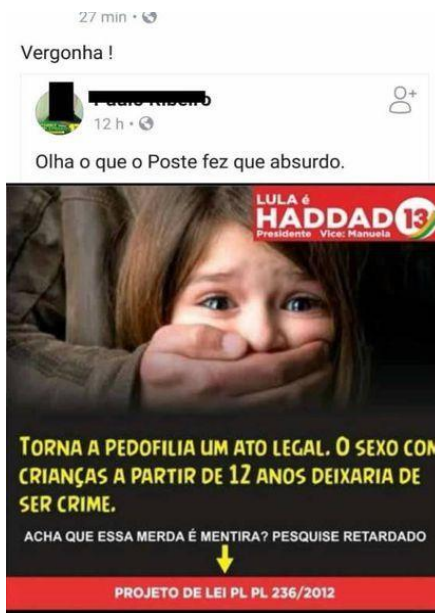
Dessa forma, Bolsonaro, com seu perfil bruto e até mesmo xucro, foi a escolha do grande capital, apesar do receio quanto à possível dificuldade de controlar o capitão de acordo com os interesses da classe dominante. Todavia, a outra opção com chances de ser eleito, segundo as pesquisas de intenção de voto, era Fernando Haddad. Assim, considerando o clima polarizado em que uma grande porcentagem dos eleitores manifestava um forte antipetismo, a possibilidade de vitória petista era sinônimo de transtorno. Além disso, após toda a articulação do capital estrangeiro e brasileiro junto com a mídia para afastar o PT do executivo federal, apoiar o seu retorno seria um tanto incoerente.

Logo, o candidato do PSL conquistou a massa conservadora e evangélica do país ao apresentar não um programa de governo, mas sim uma campanha alicerçada em valores morais conservadores. Segundo ele, a máxima de seu mandato, se eleito, seria a defesa da “família tradicional brasileira”. Adotou uma postura combativa contra a esquerda, a partir de acusações infundadas de que pretendia destruir a família tradicional. Nessa perspectiva, Fábio dos Santos (2018, p. 14) aponta que “ainda que de forma postiça, Bolsonaro projetou-se do lado de quem, como ele, não articula bem as ideias, nem entende muito das coisas. Defendeu valores e não um programa. Daí o diálogo fluido com os evangélicos.” Nesse sentido, Eduardo Maranhão et al. acrescenta que:

As concepções defendidas por Bolsonaro desde antes da confirmação de sua candidatura ao pleito de 2018, quando ainda atuava como deputado federal, fizeram com que recebesse atenção dos mais diversos setores conservadores da sociedade brasileira. Dentre estes, cabe destacar a presença dos

conservadorismos religiosos que renderam a Bolsonaro uma série de importantes alianças com lideranças e políticos religiosos, notadamente aqueles que compõem a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) no Congresso Nacional e outros que possuem atuação proeminente na mídia, como é o caso do Pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, principal liderança das Assembleias de Deus no Brasil. (MARANHÃO et al., 2018, p. 80)

Bolsonaro conseguiu um importante capital eleitoral fazendo uso de sofismas como o “kit gay” e “ideologia de gênero”, que segundo o discurso conservador teria o objetivo de criar uma espécie de “ditadura gay” ao estimular crianças e adolescentes a serem homossexuais, além de sexualizar as crianças e até mesmo estimular a pedofilia. Cabe destacar que desde 2010 já havia indícios de falácias nesse sentido. Essas teorias surgiram baseadas em iniciativas contra a homofobia e ampliação dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+, o que contrariava a ala conservadora do país. Abaixo, temos exemplos de fake news compartilhadas durante o período de campanha eleitoral de 2018.



Fonte: El País

Figura 1



Fonte: El País

Figura 2

Na campanha bolsonarista todos que não se enquadravam nos valores defendidos por ele e sua base deveriam ser combatidos. A partir desse consenso, iniciou-se uma disputa ideológica nas redes e nas ruas do país. No ambiente digital uma infinidade de *fake news* foram disseminadas a todo instante.

Entretanto, vale lembrar que a campanha de Jair Bolsonaro não foi feita apenas em cima de sua oposição do PT, mas na veiculação em massa de *fake news* relacionadas ao “kit gay”, à “ideologia de gênero” e, também, à sua defesa da “família”, entendida como aquela formada unicamente por “macho e fêmea”. Assim, seus/as opositores/as se tornam mais amplos que aqueles que pertencem ao Partido dos Trabalhadores, somando-se a população LGBTIQ+ e as feministas, responsáveis pela tentativa de implantação do “kit gay” e da “ideologia de gênero” nas escolas brasileiras, assim como pela tentativa de destruir a família. (MARANHÃO et al., 2018, p. 80).

Solano (2018) salienta que a onda bolsonarista atingiu o país de forma inesperada, uma vez que Jair Bolsonaro conseguiu se eleger com apenas 8 segundos de tempo de TV, além de alavancar o PSL, pois, nessa eleição, 52 deputados foram eleitos pela sigla. Dessa forma, segundo a autora, contradiz-se a ideia de que sem um partido grande e bom tempo de campanha televisiva, é improvável que algum candidato consiga chegar ao Planalto. Portanto, “a candidatura de Bolsonaro se valeu, em suma, de uma organização digital inovadora e eficaz, que atuou desde muito cedo, desde muito antes da campanha oficial de 2018.” (NOBRE, 2022, p. 158).

Por fim, vale ressaltar ainda que o ato de compartilhar *fake news* como ferramenta eleitoral não foi exclusivo da campanha bolsonarista⁵³. No entanto, como vimos anteriormente, a sua campanha em 2018 é considerada o marco do *boom* das *fakes news* no Brasil.

2.3 Antipetismo e misoginia: o caso Dilma Rousseff

Levando em conta o discurso misógino presente em torno das campanhas, do governo e, principalmente, do impeachment de Dilma Rousseff, acreditamos que vale refletirmos, ainda que brevemente, sobre essa questão, uma vez que estamos tratando do antipetismo. Consideramos que a ofensiva alicerçada na misoginia contra a ex-presidenta é uma parte importante dentro de um cenário mais amplo de hostilização ao PT.

Segundo Sônia Maluf (2021), o termo misoginia carece de uma definição mais precisa; contudo, podemos considerar que “mais do que simplesmente justificar as hierarquias sociais e políticas de gênero, a misoginia seria um dispositivo de produção dessas hierarquias e desigualdades e de controle e imposição de determinados lugares sociais às mulheres.” (Kate MANNE, 2017 apud MALUF, 2021, p. 142). Nesse sentido, a misoginia tende a hierarquizar espaços e atribuições conforme o gênero. Assim, enquanto alguns são direcionados às mulheres por imposição social, outros são negados ou contestados. Nessa lógica, durante a trajetória presidencial de Dilma, muitas vezes sua capacidade de governar o país foi questionada simplesmente por ser mulher.

Como já mencionado, na abertura da Copa do Mundo no Brasil, em junho de 2014, Dilma foi duramente vaiada em vários momentos durante o jogo, e ouvia-se ofensas cruéis, muitas de cunho sexual. Sobre esse episódio, Maluf (2021) indica que os gritos foram iniciados por um grupo financeiramente privilegiado, de um setor do estádio em que cada ingresso custava quase cinco mil reais, mas logo o restante do público aderiu à manifestação. Vale lembrar que um fato semelhante já havia acontecido na primeira partida da seleção na Copa das

⁵³ Tatiana Dourado constatou em sua tese que o número de *fake news* que favoreceu, direta ou indiretamente, Bolsonaro em 2018, foi superior comparado aos outros candidatos. “A pesquisa se debruçou sobre a experiência das eleições de 2018 do Brasil a partir de um *corpus* inicial de 346 histórias consideradas *fake news* por cinco projetos de verificação de fatos e de uma amostra que selecionou de forma aleatória 57 histórias que se mostraram mais relevantes porque foram atestadas como falsas por pelo menos três das cinco iniciativas de checagem. O estudo mostrou que Jair Bolsonaro foi o candidato beneficiado pela maior parte das histórias. Ao mesmo tempo, quase metade das narrativas eleitorais fraudulentas foram distribuídas com teor pejorativo contra a chapa do PT.” (DOURADO, 2020, p.282).

Confederações, em 2013. Nessa ocasião, quando o nome da presidenta foi anunciado, a torcida manifestou seu descontentamento.

Entretanto, as investidas não aconteciam somente em momentos importantes, como a abertura da Copa; rotineiramente, Dilma sofria variados insultos tanto nas redes sociais quanto nas ruas, principalmente nas grandes manifestações pró-impeachment. Nas queixas contra a petista, frequentemente, os discursos destacavam seu gênero de maneira depreciativa. Ela era chamada de “louca”, “histérica”, “burra”, “incompetente”, “sapatão”, “mandona”, “vaca”, “vadia” e “bode expiatório”, por exemplo. Todas essas ofensas eram proferidas em situações e contextos que deixavam explícita a intencional conotação misógina. Além disso, memes e bonecas infláveis desrespeitosos e sexualizados foram recorrentes nesse período.⁵⁴

A título de exemplo, selecionamos dois memes misóginos que circularam na internet durante o período em que parte da população manifestava o desejo pela cassação do segundo mandato da presidente. Na primeira imagem, vemos uma foto de Dilma sorrindo, acompanhada de uma frase ofensiva que sugere que ela é uma mulher emocionalmente desequilibrada e que, por meio de um teste psicotécnico⁵⁵, poderia ter sido evitado que ela assumisse a presidência, e, conseqüentemente, os supostos males causados apenas pelo seu governo. Defendemos aqui, a diferença de tratamento dado a presidenta por ser mulher. Ela é considerada por muitos como uma pessoa com pouco traquejo político e uma mulher com muita experiência e visão técnica-administrativa. Caso fosse um homem, no máximo seria considerado um mau administrador ou incompetente, mas não seria chamado de louco e histérico.

Na segunda imagem, assim como na primeira, há uma foto em que a presidenta está sorridente, e ao lado uma frase interrogativa que a acusa de ser a principal responsável pelo caos que acontecia no país. O meme apresenta um apelo humorístico ao realizar um trocadilho com o nome de Dilma: “De quantas mulheres precisamos para acabar com o Brasil? DiUma”

Sendo assim, quando realizamos uma leitura mais atenta, é possível perceber a violência de gênero presente nas críticas direcionadas a Dilma, dado que, nas mensagens há uma acusação com traços de deboche e repulsa, partindo de um pressuposto machista de que mulheres tendem

⁵⁴ Em 2015 começaram a circular adesivos colados na entrada do tanque de gasolina, onde a presidenta aparecia de pernas abertas, com a entrada do tanque de gasolina ficando entre suas pernas, numa clara alusão ao estupro. “No início de julho, adesivos com a imagem da presidente Dilma Rousseff (PT) em posição obscena começaram a circular pelas redes sociais. A montagem, de viés machista, traz o rosto da representante da Nação no corpo de uma jovem nua e de pernas abertas para ser colocado na entrada de combustível de automóveis. Os adesivos vinham sendo comercializados pela internet.” (PRAGMATISMO POLÍTICO, 2015).

⁵⁵ Avaliação que mede as habilidades mentais e as aptidões cognitivas de um indivíduo.

a ser loucas e histéricas. Conforme essa visão, a suposta instabilidade emocional de certas mulheres poderia levar à destruição do que lhes é confiado. Desse modo, percebemos que a capacidade de liderança de Dilma foi questionada não apenas por diferenças político-ideológicas e por fatos concretos sobre o seu governo, mas especialmente por ser uma mulher.



Fonte: Scielo

Figura 3



Fonte: Pinterest

Figura 4

Para mais, além das manifestações nas redes sociais e nas ruas, os panelaços, uma forma de protesto que consiste em fazer barulho com objetos de metal nas janelas dos edifícios, aconteciam com frequência durante pronunciamentos oficiais de Dilma na TV.

A deterioração da imagem da presidente junto à opinião pública ficou evidente com as grandes mobilizações, já no começo de 2015. O primeiro sinal disso

foram os “panelaços” realizados durante pronunciamento da Presidenta em homenagem ao dia Internacional da Mulher, em 8 de março de 2015. Ao longo dos 15 minutos de fala da Presidenta em rede nacional, “panelaços” foram ouvidos em áreas nobres de 12 capitais do país. Os protestos foram convocados em redes sociais e em aplicativos de celular e tiveram ampla repercussão nas mídias e nos telejornais. (TATAGIBA, 2018, p. 129).

Em concordância com Tatagiba, Santos (2016) acrescenta que:

Cabe ressaltar que boa parte dos veículos de comunicação tradicionais apostou tanto em temas divisivos quanto em uma campanha de reforço de estereótipos e de oposição à presidente. De fato, a relação entre o PT e a mídia é definida por tensões, em alguns momentos com a imprensa fazendo oposição declarada aos petistas. (SANTOS, 2016, p. 76).

Vale mencionar ainda que a direita explorou o passado de militância de Dilma Rousseff de diferentes formas. Ao evocar sua atuação durante o período ditatorial brasileiro, pretendiam arruinar sua imagem, afirmando que a petista tinha um passado obscuro de associação ao terrorismo, em razão de sua participação em grupos de resistência armada. A partir disso, questionaram sua moralidade e integridade, além de acusá-la de cometer diversos crimes, ignorando o caráter ideológico e o cenário autoritário que prevalecia no país.

Assim, a partir da narrativa de que Dilma teve um passado violento e condenável, a direita brasileira buscou desacreditar sua capacidade de governar, além de fazer uma conexão entre sua participação ativa em grupos de esquerda durante a ditadura e um suposto objetivo de fortalecer a pretensão de avanço comunista no país. Tudo isso foi possível por meio de uma articulação entre políticos conservadores e a mídia tradicional, que frequentemente recapitulavam essa fase da vida de Dilma de forma bastante tendenciosa e amplificada, assim como pela ampla campanha de desinformação nas mídias digitais.

Nessa perspectiva, um episódio em que o passado de Dilma foi lembrado de forma cruel aconteceu durante a votação do impeachment na Câmara dos Deputados, em 17 de abril de 2016. Nesse momento, enquanto muitos deputados dedicavam seus votos em favor da cassação da presidente em nome da família e de Deus, por exemplo, o deputado carioca Jair Bolsonaro dedicou seu voto ao chefe do DOI-Codi do Exército de São Paulo, órgão de repressão política do regime civil-militar, responsável por assassinatos e torturas de muitas pessoas, inclusive de Dilma Rousseff. “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim.” (BBC, 2016)."

O elogio ao torturador recoloca o dispositivo da misoginia na dimensão da desumanização do outro, na medida em que a tortura significaria, entre outras coisas, uma redução da pessoa a um corpo suplicável e matável. A homenagem ao torturador de Dilma busca reproduzir, na injúria moral, a dor e a ofensa da tortura física à qual Dilma foi submetida quando esteve presa durante a ditadura. (MALUF, 2021, p. 143).

Logo, percebemos que além da intenção de deslegitimar Dilma Rousseff por meio da ampla campanha de degradação da sua imagem por motivos políticos e eleitorais, algo que pode ser considerado comum no campo político. Aconteceu também uma acentuada exploração da tradição misógina, “questionaram sua sexualidade, sua vida íntima, sua racionalidade, sua competência para governar o Brasil.” (ELIZABETH LIMA, 2020, p. 273). Dessa forma, a primeira mulher a alcançar o posto mais alto de liderança da política brasileira, sofreu ataques tão violentos que dificilmente é provável acontecer o mesmo com homens em situações semelhantes. Nesse sentido, em síntese, vemos que:

Não é fácil ser do gênero feminino em uma sociedade marcada pela dominação masculina, mais difícil ainda parece ser a disputa por espaços de poder político. Tal ambiente, marcado em sua maioria pelo gênero masculino, não vê com bons olhos a convivência, o diálogo e o trabalho em comum com o outro gênero. (LIMA, 2020, p. 273).

Isto posto, a partir do percurso realizado nesse capítulo, vimos como é complexo a relação entre o cenário de desinformação e o avanço de lideranças populistas e autoritárias, que têm se proliferado em diferentes regiões do planeta. Nesse contexto, as *fake news* são instrumentalizadas, assumindo uma função política de legitimação ou deslegitimação, resultando num contexto de pós-verdade, em que a veracidade dos fatos vale menos do que a tendência de confirmação de determinadas crenças, valores e princípios.

Figuras políticas extremistas têm conquistado aprovação e adesão ao se apoiarem no sentimento de revolta e desesperança social em relação ao campo político. Comumente, um posicionamento antissistema tem sido explorado por grupos de extrema-direita que se colocam como a única alternativa viável para combater a corrupção e a devassidão dos valores morais e religiosos.

Entre outras estratégias, por meio de uma manipulação da linguagem facilitada pela comunicação digital, discursos violentos e excludentes têm conquistado apelo popular ao se valerem dos sentimentos e emoções de indivíduos que anseiam pela recuperação de aspectos

positivos de um passado perdido. Com base nisso, evocam medo, ódio e raiva por aqueles considerados culpados por essa perda.

Portanto, com a ajuda da comunicação digital, temos presenciado políticas radicais se ampliarem e se espalharem com um certo grau de facilidade.⁵⁶ Nessa perspectiva, no próximo capítulo analisamos as *fake news* selecionadas com o propósito de refletirmos sobre as reproduções do discurso antipetista e a ascensão da extrema-direita no país.

⁵⁶ A História e as Ciências humanas, como um todo, têm grande responsabilidade em refletir e compreender o uso das redes. É preciso sublinhar os perigos que trazem ao acreditar na ideia de "informação democrática de acesso irrestrito" que não precisa de regulamentação para manutenção da liberdade de expressão.

3. A REDE ANTIPETISTA: ANTIPETISMO NAS REDES SOCIAIS

O PT é amplamente estudado pela academia, o que pode ser justificado por suas singularidades. O partido foi fundado em 1980, em um tradicional colégio da elite paulista, o Colégio Nossa Senhora de Sion. Conforme Josué Medeiros (2020), apesar da visível contradição de um partido de trabalhadores ser fundado num colégio de bairro nobre de São Paulo, o Sion é marcado desde 1960 por ser influenciado pela teologia da libertação, além do catolicismo progressista, indicando, assim, a proximidade dessa vertente com o movimento político que originou o PT. O autor destaca ainda que:

O Colégio Sion representa simbolicamente um momento de abertura de parte das elites à ideia de que o Brasil precisava de um partido popular, que representasse os “de baixo”. No final dos anos 1970, a oposição policlassista à ditadura possibilitou um raro momento de convergência em torno da ideia de que só teríamos democracia com um sério enfrentamento das desigualdades sociais e com a ação autônoma das classes trabalhadoras. Não é por acaso que ao PT aderem personalidades importantes das classes altas. Um exemplo foi a ex-aluna do Colégio Sion, Marta Suplicy, que anos depois seria prefeita de São Paulo, deputada e senadora, além de ministra de Lula e Dilma. No mesmo sentido, podemos dizer que o rompimento de Marta com o PT durante o golpe de 2016 simboliza o atual fechamento das elites econômicas e políticas brasileiras à possibilidade de uma democracia que aceite o protagonismo popular. (MEDEIROS, 2020).

No momento da fundação do PT, quase 2.000 pessoas, como estudantes, intelectuais, movimentos sociais, sindicalistas, pastorais populares, além das Comunidades Eclesiais de Base e remanescentes de organizações das esquerdas clandestinas, participaram do ato. Contudo, o considerado núcleo central era composto pelos sindicalistas do ABC paulista. O partido, em sua origem, apresentou uma grande diversidade social e regional, angariando apoio de diversos grupos sociais. Segundo Lincoln Secco (2018, p. 46), “O partido no início era frágil e invariavelmente dividido, ainda que as disputas nem sempre reproduzissem a dinâmica do debate ideológico nacional. ”

A proposta do PT, segundo seus fundadores, era representar a classe trabalhadora e transformar a esquerda nacional. Assim, atraiu diversas correntes progressistas de diferentes orientações. Conforme Secco (2018, p. 36), “As posições de seus documentos iniciais sugerem uma mistura de redação trotskista com aportes sindicalistas. ”

Em pouco tempo o partido conseguiu eleger alguns vereadores no norte do país e seis deputados em São Paulo, nas eleições gerais de 1982. O ex-metalúrgico e ex-sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva, mais conhecido como Lula, é considerado a principal liderança do partido. Sua primeira experiência como candidato foi ao concorrer ao governo de São Paulo, quando ficou em quarto lugar. Após essa derrota, ficou cerca de dois anos afastado da política. Porém, em 1985, foi candidato a deputado federal pelo estado de São Paulo e, nessa eleição, o petista foi eleito com 651.763 votos, um recorde da época. Na eleição seguinte, candidatou-se à presidência e, embora não tenha sido eleito, conseguiu chegar ao segundo turno contra Fernando Collor de Mello, do PRN (Partido da Reconstrução Nacional), considerado o candidato favorito da ala conservadora daquela eleição.

Com esse feito de chegar a um segundo turno muito disputado e com chances de ser eleito, Lula provocou um grande susto em quem não acreditava ou temia a possibilidade de um candidato de esquerda ir tão longe. Nesse sentido, André Singer (2002, p. 66) afirma que “O segundo turno acabou sendo o primeiro grande confronto nacional polarizado entre esquerda e direita no Brasil, no qual a coalizão à direita foi vencedora por uma margem pequena de votos.”

Lula enfrentou três derrotas consecutivas na disputa pela presidência do Brasil. Segundo Ab' Sáber (2016), essas derrotas foram resultado de manobras da direita e da mídia nacional. Apenas em 2002, ao aceitar as regras neoliberais⁵⁷, o petista conseguiu finalmente ser eleito. Assim, pouco mais de duas décadas após a fundação do PT, o ex-operário chegou à presidência da República, permanecendo por dois mandatos consecutivos, em 2002 e 2006. Como observa Santos (2016, p. 80), “O PT evoluiu de um partido de massa burocrático, antissistema, socialista e concentrado nas metrópoles para um partido catchall⁵⁸, que encabeça coalizões pragmáticas e concentrou o poder federal por quatro mandatos consecutivos.”

Nesse ponto de vista, Ab' Sáber (2016) expõe que:

O fim incondicional da perspectiva de luta de classes do Partido dos Trabalhadores, e sua adesão como partido no poder à tradição política imoral e particularista brasileira, foi o primeiro e muito importante movimento político realizado pelo governo Lula, em sua ativa busca de consenso em todo espectro da vida nacional. (AB' SÁBER, 2016, p. 13).

⁵⁷ Para muitos os governos petistas fizeram acordos em nome da governabilidade e acabaram se desviando de seus valores e princípios. Outro acreditam que essa é a verdadeira natureza do PT mais ligados aos setores liberais do que das esquerdas radicais.

⁵⁸ O termo refere-se prática de englobar grupos sociais heterogêneos, isto é, formado por indivíduos com diferentes ideologias, valores, princípios e crenças. Desse modo, um partido de catchall perde a sua essência ideológica de origem, uma vez que pretende representar segmentos variados.

Nesse sentido, conforme o autor, quando o PT finalmente conquistou o mais alto posto da política brasileira, houve um certo abandono da tradição de esquerda pelo partido de esquerda, pois toda a criticidade de quando era oposição transformou-se em conservadorismo quando ele próprio estava no poder. Ademais, o governo de Lula englobou as camadas sociais muito pobres, mas também as dos muito ricos. A partir de uma política de conciliação, formou-se um consenso em torno do seu nome. De acordo com Ab' Sáber (2016), o pacto social lulista foi uma estratégia eficaz, graças ao seu carisma político, que fez com que ele fosse visto como uma promessa de esperança para todos.

Por meio da ampliação de crédito, que incluía pela primeira vez as classes menos favorecidas, oferecendo a essas pessoas uma satisfação pelo consumo, além da falsa sensação de cidadania plena, ao mesmo tempo em que impulsionava o mercado, Lula conseguiu agradar diferentes segmentos sociais. Por esse ângulo, seu governo conquistou uma excelente aprovação, sobretudo entre os mais humildes, em razão de políticas sociais, como a retirada de milhões de brasileiros da pobreza absoluta mediante a valorização do salário mínimo. Além disso, serviços públicos como o programa de universalização do acesso à energia elétrica, *Luz para Todos*, e o programa de transferência de renda direta destinado a famílias em situação de vulnerabilidade, *Bolsa Família*.

A cultura do governo Lula foi a da universalização do consumo, com a criação profunda de seu novo sujeito pós-moderno, sujeito de consumo, de agentes econômicos liberados para o vínculo com a mercadoria em seu primeiro nível de acesso, e não com a cidadania plena, e não abstrata, ou com conhecimento livre ou crítico. Uma dimensão da subjetivação passou a ser a da transmissão direta do seu eu ao sonho e ao desejo do mercado. (AB' SABER, 2016, p. 60).

Após os dois sólidos mandatos de Lula, o PT ainda permaneceu no poder com a vitória de Dilma Rousseff em 2010. A primeira mulher eleita à presidência do Brasil teve um mandato completo e outro encurtado pelo impeachment em 2016. Vale salientar que desde o fim da Segunda Guerra Mundial, somente quatro presidentes eleitos por voto direto terminaram o mandato: Juscelino Kubitschek, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro. Rousseff terminou o primeiro mandato, mas sofreu impeachment no segundo.

Apesar do expressivo capital político conquistado por Lula durante seus anos no governo, posteriormente, com o julgamento do Mensalão, o enfraquecimento econômico, o

novo escândalo de corrupção batizado de Petrolão⁵⁹ e a operação Lava-Jato fizeram com que, paulatinamente, o sentimento de insatisfação com o partido aumentasse consideravelmente. Isso resultou em um período de grande instabilidade política e considerável perda de apoio ao governo. Nunes (2022) considera que:

Certamente ajudou que um dos maiores escândalos de corrupção da história do país eclodisse paralelamente a uma das piores crises econômicas, fazendo com que a conexão entre esses dois acontecimentos se fizesse naturalmente na cabeça da maioria das pessoas. (NUNES, 2022, p. 3).

Nesse sentido, a crise econômica, embora tenha sido global, teve seus efeitos justificados por uma parcela da sociedade brasileira, principalmente pelo desfalque aos cofres públicos causado pela corrupção, além dos gastos desregrados em políticas públicas dos governos petistas. Além disso, soma-se a esse contexto a crescente insatisfação com os efeitos da virada à esquerda, também chamada de onda rosa, que aconteceu na América Latina na primeira década do século XXI. Nesse período, houve um movimento de mudanças acentuadas no sistema político dos países latino-americanos que, governados pela direita, elegeram governos de esquerda.

Na América Latina, sucedeu a chamada “onda rosa”, em que governos progressistas assumiram o poder na região por cerca de duas décadas. Diferente do passado em que as propostas dos setores majoritários da esquerda visavam romper com o capitalismo, a “onda rosa” não propunha nenhuma ruptura com o status quo, mas buscava “civilizar o capital”, submetendo-o ao jogo democrático, ao mesmo tempo em que cedia em algum nível às massas populares, o que se traduziu em políticas de combate à desigualdade. (MECHI, 2023, p. 175).

Após os anos de onda rosa, a partir do início da segunda década do século XXI, houve uma reorientação político-ideológica em alguns países, marcada pelo recuo ao conservadorismo e apoiada pelo neointervencionismo⁶⁰ estadunidense. Logo, essa combinação de fatos contribuiu para o fortalecimento da narrativa da extrema-direita brasileira sobre a necessidade

⁵⁹ Esquema de corrupção descoberto pela operação Lava-Jato, envolveu a Petrobras, empreiteiras, partidos e políticos. Trata-se do desvio de dinheiro público a partir do superfaturamento de contrato estatais e pagamento de propina.

⁶⁰ Política externa praticada pelos Estados Unidos desde o final do século XX e início do século XXI. Consiste na intervenção econômica, política e militar em outros países, com o argumento de defesa da democracia, dos direitos humanos e antiterrorismo.

de restabelecer a ordem em defesa do cidadão de bem. Motta (2018) afirma sobre essa nova maré de direita que:

A onda ou o giro direitista que temos visto no Brasil desde 2014 alimentou – e foi alimentado por – um movimento de reapropriação da tradição anticomunista, que se mesclou ao emergente antipetismo. Segundo autores da direita, o petismo seria a última encarnação do perigo comunista, daí o uso da expressão comunopetismo. Como nas ocasiões anteriores, desta feita identificamos semelhante industrialização do perigo vermelho, ou seja, uma apropriação do tema que representa mescla entre oportunismo e convicções políticas. Em outras palavras, os grupos de direita em foco são efetivamente anticomunistas e antipetistas, nutrindo uma repulsa real aos projetos de esquerda. No entanto, ao mesmo tempo fazem uso instrumental e oportunista dessas representações. A principal manipulação é pintar uma “ameaça” desproporcional, criando um medo exagerado em relação à força e aos projetos reais da esquerda. (MOTTA, 2018, p. 20).

Essa onda conservadora colocou em evidência a insatisfação de uma parcela da sociedade brasileira com as mazelas sociais e as instituições democráticas do país. Diante disso, sucedeu um longo período de manifestações nas ruas e nas redes, como vimos no capítulo anterior. Sobre esse período, Renata Oliveira sintetiza que:

As famosas jornadas de junho de 2013 foram o epicentro das convulsões posteriores que acometeriam, mais tarde, o sistema político brasileiro e nossa sociedade envolvidos em 97 retrocessos autoritários. Mas, seguramente, o impedimento político da presidenta Dilma Rousseff, que convencionamos nos referir como experiência neogolpista, em 2016, foi o marco decisivo para as mudanças políticas dos últimos anos e para a abertura de caminho para que candidatos como Jair Bolsonaro pudessem se tornar viáveis eleitoralmente. (OLIVEIRA, 2023, p. 96, 97).

Vale pontuar ainda que a rejeição ao PT não é algo recente. Desde 1989 discursos sobre o fantasma do comunismo, a bandeira vermelha, a comparação com Cuba e até mesmo a ideia de uma invasão da Rússia criavam esse cenário persecutório e de teorias conspiratórias. A possibilidade de o Lula vencer as eleições, e o PT de modo geral, identificado como um partido radical, sempre trouxe temor e união de frentes da direita.

Na campanha eleitoral deste ano, já é possível ver ações com a intenção de diminuir a força do partido e identificá-lo com os “perigos do radicalismo de esquerda”, como por exemplo o último debate eleitoral do segundo turno, entre Lula e Collor, transmitido pela Rede Globo. Esse episódio é polêmico em razão da acusação de favorecimento da emissora ao candidato do PRN. A cobertura jornalística do debate, especialmente do *Jornal Nacional*, indica que houve

uma edição que recortou os melhores momentos de Collor e os piores de Lula.⁶¹ Essa interferência é estudada até hoje visto a importância do contexto histórico e a questão sobre a significativa influência que pode ter ocorrido ao sugerir um melhor preparo do candidato Fernando Collor.⁶²

Entretanto, o antipetismo começou a ganhar força considerável a partir dos dois mandatos de Lula. Nesse período, o fortalecimento se deu, de fato, a partir dos escândalos de corrupção nos governos de Lula e Dilma, principalmente o Mensalão e a Operação Lava Jato. Nesse sentido, Esther Solano (2019) aponta que o motor desse movimento antipetista mais recente é a corrupção, uma vez que, a partir de 2012, o desprezo pelo partido foi amplificado devido a esses casos. Diferente dos anos seguintes à fundação do PT, quando as críticas e o temor estavam ligados ao medo de um possível governo comunista. Assim, ao mesmo tempo no Brasil existe um antipetismo histórico ligado a ideia do “perigo vermelho” e após os governos petistas, acrescentou-se ainda um antipetismo ligado a corrupção.

A proposta nos próximos itens é justamente compreender como estas questões políticas, posicionamentos e ideologias aparecem como produtos nas mídias, em especial nas redes sociais. Buscamos analisar os memes como fonte histórica entendendo seu contexto de produção e compartilhamento, e nos ancoramos em conceitos como letramento digital, memética e comunicação digital. É exatamente a intersecção entre os conceitos históricos e midiáticos que nos possibilitou não apenas selecionar, classificar e analisar as *fake news* mais disseminadas, como também permitiu a elaboração do produto final que afinou o nosso olhar para as práticas e funcionamento das redes e assim elaborar um guia para letramento histórico e midiático capaz de estimular a consciência histórica.

3.1 Memes, fake News: o discurso de ódio

Os memes e fake news aqui analisados não representam apenas fontes históricas que ajudam a compreender ideologias, mas também comportamentos e práticas se interferem

⁶¹ Outro exemplo importante é o sequestro de Abílio Diniz, em 1989, que foi usado para tentar associar o PT e Lula a atividades criminosas, após materiais de campanha ter sido encontrados no cativo. No entanto, os sequestradores eram majoritariamente estrangeiros de grupos radicais de esquerda, e não havia provas de que ligassem o PT ao crime. A mobilização midiática instalada por Collor buscou desacreditar Lula, mas os responsáveis eram principalmente chilenos, canadenses e argentinos. Para saber mais sobre o assunto ver a obra de Lira Neto, *A República dos Golpes: 1889-2016*.

⁶² Sugestão de leituras - "Notícias do Planalto - A Imprensa e Fernando Collor" (Companhia das Letras), livro de Mario Sergio Conti, JN: 50 anos de telejornalismo - Memória Globo

diretamente na realidade. Dois exemplos, bastante emblemáticos, demonstram como o discurso de ódio disseminado nas redes afetam nossa vida em sociedade. Primeiro, a tentativa de golpe ocorrida no dia 8 de janeiro de 2023, quando um grupo de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro invadiu e depredou as sedes dos Três Poderes em Brasília. O segundo, e mais recentemente, no dia 13 de novembro de 2024, o terrorista suicida de extrema-direita e ex-candidato pelo PL (partido do Bolsonaro) para vereador em 2020, Francisco Wanderley Luiz causou explosões em Brasília, tendo o STF como alvo, e mais especificamente o ministro Alexandre de Moraes. Na ação, ele se auto explodiu em frente à estátua da Justiça. Como tudo nas redes é transformado em consumo compartilhável, os dois exemplos citados viraram memes e alvo de *fake news*.

Partindo para o método de pesquisa, o corpus documental deste estudo é composto por doze *posts* coletado no Instagram, Twitter e Facebook, logo após o período de campanha eleitoral de 2022, que ocorreu entre agosto e outubro.⁶³ Para analisarmos a amostra, recorreremos à metodologia de Análise de Conteúdo qualitativa de Laurence Bardin. Conforme a autora, refere-se a “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis e em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados.” (BARDIN, 1977, p. 9).

A professora de psicologia utilizou esse método para análises no campo da psicossociologia e das comunicações de massa, mas essa metodologia investigativa é considerada eficiente para diferentes áreas, além da psicologia e sociologia. Neste estudo, aplicamos as técnicas de análise categorial indicadas por Bardin (1977). Inicialmente, observamos as narrativas que mais foram disseminadas e mais mobilizaram as redes, depois selecionamos e classificamos para análise. Dessa maneira, chegamos aos temas que formaram quatro eixos, são estes:

1. Discurso anticomunista;
2. Posicionamento antissistema;
3. Repúdio a ideologia de gênero;
4. Defesa dos valores cristãos.

⁶³ Vale evidenciar que devido ao grande fluxo de dados durante o período de análise, seria uma tarefa complexa e excessiva coletar e analisar todos os conteúdos enquadrados nos eixos temáticos definidos. Assim, decidimos criar um pequeno corpus documental para a realização de uma análise qualitativa, buscando entender a forma como determinados discursos podem ter sido mobilizados para acentuar o sentimento antipetista.

Por conseguinte, refletimos sobre em quais redes faríamos a coleta das fontes e decidimos pelo Facebook, Instagram e Twitter⁶⁴, devido à massiva presença dessas plataformas na vida dos brasileiros, bem como à facilidade de acesso às publicações necessárias para a análise. Ainda que o WhatsApp e o Telegram sejam sabidamente importantes ferramentas no debate político, o fato de serem aplicativos de mensagens torna a coleta de dados mais complexa e limitada, uma vez que os conteúdos compartilhados nessas redes são enviados de forma privada, de um contato para outro, ou para grupos restritos aos seus integrantes.

Assim, definidas as redes sociais e os eixos temáticos, coletamos aproximadamente cem posts referentes aos eixos determinados. Vale ressaltar que as publicações selecionadas se enquadram no conceito de memes, ou seja, são constituídas de críticas travestidas de humor, sátira e/ou sensacionalismo, além do mais, são facilmente disseminadas no ambiente digital. “O meme *na world wide web* é um recurso de linguagem que permite que signos muito breves e simples carreguem complexos significados e representem partes importantes da informação consolidada na inteligência coletiva.” (SERGIO MARI; VANESSA MICHELAN, 2019, p.80).

Esses conteúdos foram selecionados levando em consideração que “[...] os memes passam a ser um instrumento político cada vez mais usado nas campanhas eleitorais.” (BEIGUELMAN, 2021, p.143). Além disso, a amostra documental apresenta conteúdos distorcidos, parciais ou totalmente falsos, ou seja, são memes que disseminam *fakes*.

Após a coleta, classificamos e agrupamos os *posts* conforme o eixo a que pertenciam. A partir disso, fizemos um afinilamento de acordo com a classificação da mensagem e do alcance, o que inclui o número de curtidas, comentários, compartilhamentos e visualizações, para então selecionarmos as amostras que foram utilizadas na análise. Vale mencionar que essa etapa de classificação foi um tanto complexa, uma vez que, na maioria das *fake news*, os temas se cruzam e se mesclam, quase sempre recorrendo a questões de gênero, morais-religiosas, antissistema e anticomunistas. Nesse sentido, percebemos que, por meio desse entrelaçamento de narrativas, forma-se um discurso de deslegitimação do PT e o fortalecimento da direita radical e de Bolsonaro.

⁶⁴ Em uma pesquisa publicada em agosto de 2024 sobre as mídias sociais mais acessadas no Brasil, nos primeiros lugares estão o WhatsApp com 147 milhões de usuários e o Youtube com 144,0 milhões. O Instagram é o terceiro colocado e a primeira rede social do ranking, com 134,6 milhões de usuários. Em seguida, aparece o Facebook com 111,3 milhões de usuários. O Twitter é o penúltimo colocado, em nono lugar e com 22,13 milhões de usuários. (Raphael Alves, 2024).

Como já mencionado na introdução, foi selecionado um exemplar referente a cada eixo, levando em consideração a narrativa mais enfatizada em cada *fake news*, com o propósito de classificação, assim como um exemplo de cada rede social. Portanto, o corpus documental é composto por doze *posts*. Ademais, esses *posts* apresentam formatos diversos, como vídeos, imagens, frases, charges, fotos e textos. É preciso enfatizar que existem outras temáticas e importantes *fake news* que distorcem e interferem na realidade como sobre as vacinas ou as questões climáticas, mas aqui a centralidade é o discurso antipetista e conservador de apoio ao bolsonarismo, assim estes 4 eixos se destacaram em volume e repercussão

A coleta foi realizada de forma manual, utilizando palavras-chave, *hashtags* ou *trends*⁶⁵, visto que as próprias redes sociais selecionadas possuem listas de *Trending Topics*, que permitem visualizar os conteúdos mais discutidos do momento. Além disso, considerando que se trata de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico-documental, os referenciais teóricos, tais como Rodrigo Motta (2020, 2022), Ana Karolina Silva (2023), Milena Almeida (2020), Judith Butler (2019, 2020), Eduardo Maranhão et al. (2018), Gamaliel Carreiro (2017) e Marcelo Camurça (2020), entre outros, são utilizados para fundamentar a análise das fontes.

Isto posto, considerando que o problema norteador deste estudo é pensar como certas narrativas foram mobilizadas, a partir do compartilhamento de *fake news*, com o intuito de aumentar a rejeição ao PT e, assim, favorecer a desejada reeleição de Bolsonaro, partimos do pressuposto de que, nessa eleição, houve uma tentativa explícita de criar um cenário de pânico social. A hipótese foi de que uma vitória petista significaria o avanço de um governo comunista e de ideais progressistas no país, o que, nessa lógica, resultaria em um ataque direto à nação, à família tradicional, ao direito à propriedade privada e às instituições religiosas.

3.2 O antipetismo como protagonista

O anticomunismo surgiu praticamente ao mesmo tempo que o comunismo. Conforme Camila Matsuno e Manuella Reale (2023), no próprio Manifesto do Partido Comunista, Marx e Engels já apontavam um movimento europeu de oposição. Contudo, é a partir do século XX, mais precisamente com a Revolução Russa e a ascensão de Lênin, que esse posicionamento de negação ao modelo marxista ganhou protagonismo e ampla dimensão. Entre a Revolução de 1917 e a Guerra Fria, o comunismo paulatinamente ganhou força e adesão.

⁶⁵ Conteúdos que ganham grande popularidade nas redes sociais durante determinado tempo. São os temas mais discutidos, pesquisados e compartilhados.

Durante a Revolução Russa, com a escalada dos bolcheviques ao governo, o medo já existente entre a camada social conservadora em relação à teoria comunista tornou-se algo real. O fantasma do comunismo era então palpável e com o objeto de temor dos capitalistas se concretizando e em ascensão, a oposição também se intensificou em razão das perspectivas negativas e temerosas a respeito da ideologia. Como ressalta Motta (2020), “os detratores viam-no como uma desgraça total, a destruição da boa sociedade e a emergência do caos social e do terror político” (p. 14). Desse modo, conforme indica a pesquisadora Lilian Marta Grisolio:

[...] se por um lado a Guerra Fria polarizava o mundo, causava tensões, exacerbava conflitos internacionais, por outro estabeleceu uma cultura anticomunista e um tipo de enfrentamento ideológico sem registro na história até então. A ideia de ameaça constante de um inimigo perigoso e terrível justificava uma série de ações preventivas e de represálias que se fizeram sentir em todos os âmbitos da vida dos Estados Unidos. (GRISOLIO, 2011, 89).

No Brasil, assim como na Europa, o anticomunismo também aterrorizou os conservadores brasileiros, exercendo uma influência significativa na política nacional a partir de 1930. Antes disso, o comunismo era considerado um perigo remoto e distante. Entretanto, com a fundação do PCB e, posteriormente, com a Intentona Comunista em 1935, a oposição ao comunismo ganhou adesão e força no país. A imprensa desempenhou um papel de destaque, não poupando esforços para destacar os perigos do comunismo.

O anticomunismo brasileiro foi marcado pelas influências estrangeiras, com destaque evidente para os Estados Unidos, entretanto, existiram situações singulares no Brasil que contribuíram para a construção de um imaginário próprio à dinâmica da política brasileira. (GRISOLIO, 2011, 92).

Entre 1935 e 1937, o anticomunismo se intensificou no país, sendo utilizado como justificativa para a implantação do governo autoritário conhecido como Estado Novo. O suposto Plano Cohen foi apresentado como um perigo iminente de uma investida comunista no governo brasileiro, supostamente inspirado e motivado pelo sistema soviético. Nesse clima de terror, a sociedade conservadora se convenceu da necessidade de ações drásticas para evitar que as temidas atrocidades que ocorriam na União Soviética se repetissem no Brasil. Assim, múltiplas forças, especialmente a Igreja Católica, a imprensa e os militares, apoiaram a ditadura varguista, considerando-a uma alternativa justa para afastar o fantasma comunista das terras brasileiras.

De maneira semelhante, na década de 1960, o espectro do comunismo voltou a intensificar-se no imaginário social dos brasileiros. Em um contexto político e econômico conturbado, após a renúncia de Jânio Quadros, seu vice João Goulart assumiu a presidência, o que desagradou a ala conservadora mais radical. Jango, que contava com o apoio de tendências esquerdistas, inclusive do PCB, gerou desconfianças aos conservadores, que estavam atentos às turbulências causadas pela Guerra Fria na geopolítica.

Assim, mesmo que Jango tenha buscado conciliar e agradar tanto a direita quanto o de esquerda, uma série de acontecimentos entre 1960 e 1964 levou diferentes grupos conservadores a se mobilizarem, motivados pelo medo do comunismo. Assim como em 1937, em 1964 um governo autoritário foi instaurado no Brasil, justificado pelo pânico social provocado pelo suposto perigo comunista que rondava o país.

O presidente Jango foi depostos e fugiu para o Uruguai, os militares assumiram o poder e instauraram uma ditadura civil-militar que resultou em mais de 20 anos de repressão. Apesar das particularidades do golpe de 1964, assim como em 1937, o campo religioso, midiático e militar exerceu grande influência em ambos os eventos, através da atuação anticomunista e da defesa de ações duras para afastar o fantasma vermelho.

Com o fim da Guerra Fria e a desintegração da URSS, o comunismo e, conseqüentemente, o anticomunismo enfraqueceram consideravelmente. Entretanto, a partir de meados da última década, com o avanço da extrema-direita europeia e a vitória de Donald Trump nos Estados Unidos, o posicionamento anticomunista voltou a se fortalecer. Vale destacar que houve metamorfoses e continuidades nos sentidos e ações do anticomunismo⁶⁶, o que é mais discutido adiante.

Nos últimos anos, o anticomunismo tem sido frequentemente apresentado na internet, e com mais evidência nas redes sociais, através de novos formatos de linguagem, como os memes. Eles, como já mencionado, costumam ser compostos por sátiras, humor e desinformação. Muitas vezes, há um tom crítico implícito ou explícito, disfarçado de "zoeira" ou brincadeiras. Os memes políticos, assim como de outros temas, tendem a reduzir questões sérias e complexas a mensagens curtas e humorísticas, mascarando críticas ácidas aos oponentes.

⁶⁶ Durante a Guerra Fria e fim do século XX, o mundo ocidental se acostumou a representar o comunismo em filmes com personagens estereotipados como homens barbudos e truculentos ou mulheres sexy e fatal. Sobre o tema ver Alexandre Busko Valim (2006), *Imagens Vigiladas: uma história social do cinema ao alvorecer da Guerra Fria (1945-1954)*.

Neste contexto, são analisadas três postagens classificadas como anticomunistas, compartilhadas durante o período da campanha eleitoral de 2022. A primeira figura analisada foi retirada do Instagram e consiste em um *print screen*⁶⁷ de um *tweet* sobre o governo venezuelano. A publicação em ambas as redes pertence ao mesmo autor, um influenciador digital ativo em várias mídias sociais. De acordo com a descrição em seu perfil do Instagram, seu propósito é discutir política, relacionamentos e mentalidade.

É importante dizer que diversas postagens com a mesma frase foram compartilhadas por outros indivíduos em diferentes redes sociais. Esse fenômeno, característico da internet, é conhecido como viralização, um elemento essencial para o sucesso das fake news. Conforme Vanile Silva (2022), os memes possuem a característica de repetição em busca do convencimento e da criação de consenso na opinião pública com linguagem fácil e rápida.

O compartilhamento da figura foi realizado no perfil no dia 1º de outubro de 2022, um dia antes da votação do primeiro turno das eleições. O conteúdo é composto por uma frase entre aspas: 'Há 23 anos, jovens comemoravam a vitória de Chávez na Venezuela; hoje, seus filhos comem lixo nas ruas.' ”⁶⁸



Fonte: Instagram

Figura 5

O autor do *post* argumenta que quando Hugo Chávez foi eleito presidente da Venezuela em 1998, jovens esperançosos comemoraram sua ascensão política. No entanto, após um longo,

⁶⁷ Captura/ impressão da tela.

⁶⁸ O *post* alcançou cerca de 331.152 curtidas e 6.567 comentários.

controverso e tumultuado governo de 1999 a 2013, o ex-líder venezuelano passou a ser visto por muitos como o precursor do abismo social em que o país se encontra atualmente.

Também sugere que é crucial lembrar os erros do passado para evitar sua repetição no presente. Na legenda do *post*, na figura abaixo, o autor ressalta que o então candidato petista, que liderava as pesquisas de intenção de voto, foi amigo de Chávez, o que indicaria sua aprovação ao regime chavista e, portanto, a um governo comunista. Segundo essa lógica, qualquer proximidade ou omissão de membros do partido em relação a líderes ou governos autoritários de esquerda é interpretada pelos antipetistas como prova de apoio e compatibilidade do PT com o comunismo. Isso seria um indicativo do interesse em estabelecer um regime semelhante no Brasil.

marcellobroke A história tem sua importância em nos ensinar a não cometer os mesmos erros.

Chavez era amigo de Lula. Lula apoiou Chavez e ajudou a construir a desgraça que a Venezuela se encontra atualmente.

Um país rico, lindo e próspero se tornou um deserto, com uma população faminta e sem liberdade.

Não podemos deixar acontecer o mesmo conosco.

#comunismomata #luladrão

Editado · 24 sem · Ver tradução

Fonte: Instagram

Figura 6

Assim, o *post* argumenta que uma vitória de Lula resultaria no mesmo caos social causado por um governo autoritário de esquerda, como o da Venezuela. Portanto, para evitar que a miséria e o autoritarismo se instalassem no Brasil, os eleitores deveriam se unir contra a ameaça representada pelo candidato petista.

A mensagem do *post* pretende alertar os brasileiros, um dia antes da eleição, de que a orientação ideológica de Lula e do PT levaria o Brasil à mesma realidade de miséria que atingiu os venezuelanos em consequência de um governo comunista. Essa estratégia de comparar ditaduras, misérias e violências com os aliados da antiga URSS é antiga. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, esse foi um mecanismo amplamente utilizado.

Durante muito tempo prevaleceu a imagem de perversos comunistas à espreita, espões perigosos infiltrados e a ameaça constante da Terceira Guerra Mundial. Essa situação é resultado imediato do que havia ocorrido no desenrolar da guerra. Os Aliados representavam ao mesmo tempo as forças do capitalismo do Ocidente, defendido tanto pelos Estados Unidos como pela Inglaterra, e o socialismo soviético, caracterizado pelo stalinismo. (GRISOLIO, 2011, 84).

Além disso, são utilizadas duas *hashtags*:⁶⁹ #comunismomata, em referência às experiências comunistas estrangeiras e #Lulaladrão, que sugere que o candidato é corrupto. O tema corrupção é bastante explorado como mote de campanha da direita desde o caso Mensalão e, mais ainda, a partir das investigações da Operação Lava-Jato. As *hashtags* ajudam a indicar o caráter anticomunista e antipetista da postagem e buscam maior engajamento entre pessoas que possuem ou tendem a aderir ao mesmo posicionamento.

Portanto, percebemos a intenção de criar uma associação entre Chávez/Maduro e o candidato Lula, entre a crise venezuelana e a esquerda brasileira, indicando uma situação de equivalência. Os venezuelanos que outrora apoiaram e festejaram a vitória chavista atualmente sofrem com os efeitos de um regime socialista. O pressuposto de que a emergência humanitária na Venezuela seja provocada exclusivamente pelo governo esquerdista ressalta os males causados pelo socialismo e a importância de combatê-lo.

A figura 7⁷⁰ foi compartilhada no Facebook em 6 de outubro de 2022, alguns dias após o primeiro turno, em que Lula obteve 5,23% dos votos válidos, à frente do segundo colocado, Bolsonaro. Trata-se de uma montagem de “santinho” de campanha de Bolsonaro com a foto de um cachorro caramelo e uma frase com uma tentativa de humor apelativo: “PARA NÃO VIRAR COMIDA IGUAL NA VENEZUELA! Vira-lata Caramelo vota 22. ”

⁶⁹ As *hashtags* servem como localizadores do seu conteúdo e aumentam seu alcance e geram engajamento.

⁷⁰ O *post* alcançou 20.000 curtidas, 1.300 comentários e 5.100 compartilhamentos.



Fonte: Facebook

Figura 7

Desse modo, não é difícil perceber que se trata de uma crítica travestida de humor, referindo-se ao contexto social do país vizinho sob um regime socialista. A situação econômica e social da Venezuela foi utilizada inúmeras vezes nos últimos anos para retratar o caos econômico causado por um governo de esquerda. Para isso, uma das argumentações frequentes era que a crise levou os venezuelanos a comer carne de cachorro para lidar com a fome que afligia a população. Entretanto, essa informação foi classificada como fraudulenta; a agência de checagem *Aos Fatos* aponta que “desmentiu a alegação de que venezuelanos teriam comido todos os seus cães e gatos 27 vezes desde janeiro de 2019.” (Aos Fatos, 2022).

Além disso, o post também faz referência a um dos lemas de campanha do candidato petista, que frequentemente falava sobre a sua crença na possibilidade de melhorar a economia e aumentar o poder de compra dos brasileiros. Assim sendo, o post alertava que para evitar um transtorno econômico que pudesse levar ao extremo de ter que comer carne de cachorro, igual à situação na Venezuela, o povo brasileiro precisava ignorar a promessa esquerdista de picanha e votar no candidato capaz de afastar as mazelas comunistas do país, ou seja, Bolsonaro.

A figura 8 é o *print screen* de um vídeo postado no Twitter em 19 de outubro de 2022.⁷¹. No vídeo⁷², o então vereador Nikolas Ferreira adverte que a liberdade dos cidadãos brasileiros

⁷¹ O post obteve 56.700 curtidas, 1.382 comentários e 19.600 *retweets* (ato de compartilhar a postagem de outra pessoa com os seus próprios seguidores).

⁷² Link para acessar o vídeo:

https://x.com/nikolas_dm/status/1582761983241506816/mediaViewer?currentTweet=1582761983241506816¤tTweetUser=nikolas_dm

estaria ameaçada; as palavras exatas são “A sua liberdade está em jogo e eu posso provar”. Para comprovar este argumento, ele mostra um mapa supostamente publicado pelo PT, e na legenda lê-se o alerta “Eles divulgaram o plano...”



Fonte: Twitter

Figura 8

Neste mapa, os países vizinhos aparecem destacados em vermelho com marcadores verdes, e o Brasil em cinza. Ao lado, há o símbolo do partido e, abaixo, a frase “Renasce a esperança na América Latina! ”. Além disso, há a declaração “nos países em que a esquerda tomou o poder” em letras amarelas.

Nikolas utiliza Cuba e Argentina como exemplos de países com ausência de liberdade e miséria, alegando que seus cidadãos reviram lixos em busca de comida. O vídeo segue citando uma série de exemplos sobre o que acontece nesses países, que, segundo ele, são autoritários e injustos. Como ilustração, afirma que os cubanos só recebem seus diplomas após alguns anos trabalhando para o governo.

Em seguida, ele faz uma constatação alarmante de que a vitória de Lula resultaria na possibilidade de concretização do suposto plano petista de instaurar um governo autoritário no Brasil. “O bolsonarismo passa a utilizar tais discursos realizando uma ligação com o Partido dos Trabalhadores como principal representante e atuante dos ideais comunistas no Brasil,

mesmo que tal partido nunca tenha se associado ou adotado tal sistema em suas propostas”. (DALILA MACÊDO, 2022, p. 113).

A partir dessa amostra, vemos como as publicações do período de campanha pautadas no posicionamento anticomunista fundamentaram seus argumentos em contextos internacionais, destacando a qualidade de vida em países latino-americanos sob regimes socialistas, com ênfase a Venezuela Cuba e Argentina. Além de mencionar líderes reconhecidos como Hugo Chávez e Nicolás Maduro.

As experiências desses países são utilizadas como alerta para o suposto perigo da ideologia comunista que rondava o Brasil, enfatizando a necessidade de afastar o comunismo, personificado pelo candidato da esquerda. Observamos, portanto, o fortalecimento do anticomunismo nas redes sociais com uma mobilização alarmante e superficial, a partir do uso de expressões linguísticas modernas como os memes. Estes, ao fazer uso de humor e ironia, disseminam desinformação com o intuito de influenciar a opinião pública e criar um terror social generalizado.

Vale evidenciar que o temor de que o Brasil siga os mesmos rumos da Venezuela não é algo novo. Desde os primeiros anos deste século, essa hipótese tem sido utilizada como pauta de campanha contra a esquerda, com o marco sendo a eleição de 2002, quando José Serra usou a crise venezuelana daquele período para atacar o adversário Lula. Na mesma lógica, nos últimos anos, essa argumentação tem sido recorrente nas redes sociais da família Bolsonaro e de seus apoiadores. A título de exemplo, em maio de 2022, Bolsonaro postou em seus perfis: “Essa atual crise passa, a que não passa é a do Socialismo, que o PT ajudou a implementar na Venezuela, e está em andamento na Argentina” (BBC, 2022).

A respeito dessa suposta instauração de um modelo socialista na Argentina mencionada por Bolsonaro, o oposto ocorreu. No ano seguinte a essa publicação, o candidato de extrema-direita da coalizão La Libertad Avanza, Javier Milei, com seu discurso ultraliberal e radical, foi eleito no segundo turno com quase 56% dos votos válidos. Durante o período de campanha eleitoral, Milei frequentemente fez declarações polêmicas, como a proposta de criação de um mercado de órgãos humanos, o livre porte de armas e a dolarização da economia.

Nesse tópico, observamos que, desde as primeiras décadas do século XX, a situação conturbada da União Soviética era usada para assombrar o imaginário dos brasileiros sobre a ameaça comunista e seus efeitos. A partir dos anos 2000, a Venezuela e outros países latino-americanos passaram a ser citados com o mesmo propósito. Nesse sentido, “pode-se dizer que o antipetismo bebe nas mesmas fontes do anticomunismo tradicional, pois sua argumentação

conecta-se ao cristianismo conservador, ao nacionalismo/patriotismo e ao liberalismo” (MOTTA, 2018, p. 18).

Durante toda a campanha eleitoral de 2022, Lula e o PT foram acusados pela ala bolsonarista de pretender instaurar uma ditadura comunista no Brasil, como forma de invalidá-los e facilitar a reeleição de Bolsonaro. Abaixo, apresentamos uma fala de Jair Bolsonaro proferida durante um discurso em Sorocaba (SP), que corrobora com a percepção desta análise. Embora ele não cite explicitamente o nome de Lula, considerando o contexto polarizado de 2022 e a narrativa direcionada ao petista durante a campanha, fica clara a sua intenção:

Eu agradeço a Deus pela minha segunda vida. Agradeço a ele também pela missão que ele me deu, me colocar na Presidência da República. Temos o mal pela frente. O capeta pela frente, que quer impor o comunismo no nosso Brasil. Uma pessoa que foi liderança mundial em corrupção. Uma pessoa que nada deixou de bom para o nosso país. (UOL, 2022).

A fala de que o outro candidato iria “impor o comunismo no Brasil”, bem como todos os memes e fake news analisadas aqui, demonstram a força da desinformação pelas redes, pois conseguiram reavivar e renovar velho discurso anticomunista do século XX.

3.3 O discurso antissistema: “contra tudo que está aí, ok?”

Nos últimos anos, o discurso antissistema ganhou visibilidade nas redes e nas ruas brasileiras. Ana Karolina Silva indica que “por protestos antipolítica e antissistema entende-se aqueles em que há ataques à institucionalidade, às instituições e procedimentos republicanos ou democráticos, às organizações cívicas e aos partidos políticos” (2023, p. 175). Essa tendência não é exclusiva do Brasil; países como os Estados Unidos e a Itália são exemplos importantes dessa mobilização contra as instituições democráticas que se espalha pelo globo.

Milena Almeida et al. explicam que “o crescimento do movimento *antiestablishment* contribui para a ideia de que o sistema democrático está em crise, seja ele em repúblicas presidencialistas, semipresidencialistas ou monarquias parlamentares” (2020, p. 2). No Brasil, esse posicionamento foi impulsionado pelas jornadas de junho, como dito no segundo capítulo, a conjuntura política e social da década anterior foi bastante conturbada.

O julgamento do Mensalão, em 2012, as manifestações iniciadas em 2013, a acirrada vitória de Dilma, junto ao avanço das investigações e polêmicas da operação Lava-Jato, despertaram em uma parcela da sociedade um profundo repúdio aos políticos, partidos e

instituições democráticas. Os inúmeros casos de corrupção, frequentemente revelados nos meios de comunicação, contribuía para acentuar esse sentimento antipolítico.

Além dos escândalos de corrupção, a crise econômica de 2008 ainda provocava efeitos adversos em vários países, incluindo o Brasil, ao passo que o não atendimento às demandas sociais indignava a população. Nesse contexto, as redes sociais tiveram um papel importante, uma vez que, por meio delas muitos protestos foram organizados. O ambiente digital foi utilizado para manifestar descontentamento com as questões políticas e sociais do país, permitindo que as pessoas se conectassem com indivíduos que compartilhavam o mesmo posicionamento e atraíssem outros para aderir ao movimento.

Com a expansão das mobilizações pelo território nacional, as demandas dos protestantes se dinamizaram, agregando vários movimentos sociais divergentes, cujo um dos únicos pontos de concordância era a aversão ao sistema político brasileiro, tido como generalizadamente corrupto, devido a fatores como os escândalos denunciados pela operação Lava-Jato. Este episódio acarretou a polarização política entre os adeptos aos ideais de direita e de esquerda e o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, fertilizando o terreno para o crescimento do sentimento antipolítico que culminou na vitória do candidato Jair Messias Bolsonaro em 2018. (ALMEIDA et al, 2020, p. 3).

Assim, Bolsonaro se beneficiou do avanço desse sentimento antissistema, posicionando-se contra partidos políticos, especialmente os de esquerda, além das instituições democráticas e da mídia tradicional.⁷³ O interessante é que Jair se colocou como um candidato outsider, isto é, afirmou que sua carreira política foi construída sem possuir alinhamento com grupos e partidos políticos, entretanto, esteve ligado ao sistema político por 27 anos, sendo eleito várias vezes como deputado federal pelo Rio de Janeiro. Para tanto, filiou-se a um partido pequeno, o PSL e, enquanto integrava a Câmara, filiou-se a partidos de menor relevância, o que lhe conferiu nesse período pouca proeminência política fora dos grupos mais alinhados a valores conservadores.

A visibilidade de Bolsonaro aumentou em meados da década anterior, graças ao contexto de insatisfação com a política e descredibilização das instituições democráticas. Aos poucos, conquistou reconhecimento ao participar de programas da televisão aberta, como o *Pânico na TV*, e, principalmente, nas redes sociais. Nesse sentido, com seu posicionamento

⁷³ Vale mencionar que a contradição e a ambiguidade são elementos discursivos constantes na vida política do ex-presidente. Uma sugestão para aprofundar neste tema é o podcast Retrato Narrado de Bolsonaro de 2020. Série disponível no aplicativo Spotify. Produzido pela Revista Piauí e Rádio Novelo.

anticorrupção e em defesa de valores conservadores, como a pátria, a religião cristã e a família, ampliou seu capital eleitoral entre os eleitores descontentes com a imoralidade e desonestidade consideradas inerentes aos tradicionais representantes políticos.

Logo, o crescimento do sentimento de anticorrupção e da descrença nas instituições públicas, provocados pelo contexto econômico desfavorável desde a crise de 2008, assim como o desgaste da imagem de políticos tradicionais após a repercussão dos casos de corrupção, reverberaram na eleição de 2018. Ainda segundo Monalisa Lopes et al. (2020), as eleições de 2014 já antecipavam essa inclinação eleitoral antissistema.

Nessa perspectiva, o PT se tornou o alvo principal, sendo construída, de certa forma, uma equivalência entre antissistema, anticorrupção e antipetismo, uma vez que PT e corrupção passaram a ser considerados sinônimos. Assim, em 2018 a campanha bolsonarista floresceu, explorando, dentre outras pautas, o sentimento antissistema. A partir disso, “antipetismo e a luta anticorrupção são apresentados na campanha de Bolsonaro como duas faces da mesma moeda. O PT é descrito como o representante-mor da corrupção na política brasileira” (LOPES et al., 2020, p. 385). Nesse sentido, Solano (2019) afirma que esse posicionamento foi essencial para a vitória de Bolsonaro em 2018.

Elementos que são altamente corrosivos para a democracia, como a retórica antissistema e instrumentalização dos anseios de renovação política, o louvor a uma justiça messiânica, o antipartidarismo, a visão do adversário político como inimigo a ser aniquilado, o anti-intelectualismo, foram fundamentais na vitória de Bolsonaro. Uma candidatura construída na negação as diferenças e na exaltação do pensamento único e brutalizado. (SOLANO, 2019, p. 319, 320).

Posto isto, este tópico reflete sobre o uso do discurso antissistema na eleição de 2022, pressupondo que houve a continuidade dessa estratégia com a intenção de acirrar o antipetismo ao questionar o sistema político, jurídico e midiático. Assim, favorecendo a campanha de Bolsonaro que buscava a reeleição.

A figura 9 é uma charge com a caricatura da então ministra do STF, Cármen Lúcia, vestida com toga e segurando um martelo na mão. A publicação foi coletada no Instagram, em um perfil de viés conservador, cujo nome de usuário é direita_cartoon. Foi publicada em 22 de outubro de 2022, ou seja, alguns dias antes do segundo turno⁷⁴. Na mesa está escrito entre aspas “CALA A BOCA NÃO MORREU”, em clara referência à famosa fala da ministra sobre a

⁷⁴ Obteve 29.776 curtidas e 708 comentários.

imprensa, em 2016. Nesse episódio, ela afirmou que: “o cala boca já morreu”, defendendo que para haver democracia é preciso liberdade e que, para isso, é imprescindível o acesso à informação e uma imprensa livre.



Fonte: Instagram

Figura 9

Entretanto, há também um balão de fala com a frase “SOU CONTRA A CENSURA, MAS APOIO!” Se referindo, possivelmente, ao posicionamento da ministra em 2022, quando votou a favor da medida do TSE que desmonetizou canais bolsonaristas no YouTube.⁷⁵

A ministra do Supremo Tribunal Federal (STF), Carmen Lúcia, classificou como “excepcionalíssima” a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que determinou que canais de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL) sejam desmonetizados até o dia 31 de outubro. (LUCAS PAVANELLI, 2022).

Assim, compreendemos que o *post* faz uma crítica ao comportamento da ministra, sugerindo que, embora ela se diga defensora da liberdade de imprensa, durante o período

⁷⁵ “O Tribunal Superior Eleitoral (TSE), por maioria, determinou que até 31 de outubro de 2022 seja suspensa a monetização dos canais Brasil Paralelo, Foco do Brasil, Folha Política e Dr. News no YouTube. Tais canais são mantidos por pessoas jurídicas e o impulsionamento de conteúdos políticos-eleitorais por essas empresas, portanto, está proibido até o fim do segundo turno das eleições. Além disso, o Plenário determinou a suspensão da exibição do documentário “Quem mandou matar Jair Bolsonaro?”, da Brasil Paralelo, até a mesma data, sob pena de multa [...] O julgamento ocorreu na Ação de Investigação Judicial Eleitoral (AIJE) apresentada pela Coligação Brasil da Esperança contra Jair Messias Bolsonaro (PL), Walter Souza Braga Netto (PL) e outros. A Aije pediu a apuração de uso indevido dos meios de comunicação, abuso de poder político e abuso de poder econômico, com a utilização das redes sociais por um grupo de pessoas para promover deliberada produção e difusão exponencial de notícias sabidamente falsas destinadas a atacar a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, gerando “caos informacional.” (TSE, 2022).

eleitoral de 2022 posicionou-se a favor da censura ao concordar com as decisões do TSE. Além disso, há detalhes que complementam o argumento do *cartoon*: em cima da mesa, há um microfone vermelho e uma câmera quebrada, o que pode ser interpretado como o fim da liberdade e apoio à censura. O fundo vermelho da imagem, cor símbolo do comunismo, assim como da bandeira do PT, também pode sugerir um possível favorecimento à campanha petista.

Dessa maneira, entendemos que o *cartoon* acusa a ministra do STF, assim como o TSE, de se posicionar a favor da censura com o objetivo de prejudicar a campanha bolsonarista e favorecer Lula. O *post*, portanto, mobiliza o sentimento antissistema ao sugerir que órgãos do Poder Judiciário estavam atuando de forma enviesada em prol de um lado e contra o outro. Nesse ponto de vista, Silva indica que:

[...] aproveita-se da conjuntura de fragilidade na legitimidade da democracia e da representação política e, ao politizar essa questão de maneira auto interessada, ataca de maneira ainda mais incisiva a legitimidade das instituições e da democracia representativa” (SILVA, 2023, p. 186).

Considerando essa perspectiva, vale ressaltar que o direito à liberdade de expressão é um direito fundamental em um governo democrático. No entanto, nos últimos anos temos visto a extrema-direita confundir a liberdade de expressão com a propagação deliberada de notícias falsas e discursos de ódio. Dessa forma, o argumento da liberdade de expressão tem sido recorrentemente utilizado como justificativa para a manifestação de discursos racistas, homofóbicos, misóginos e partidários, entre outros crimes. Percebemos que esse grupo imagina uma liberdade ilimitada, especialmente no ambiente digital, acreditando que pode expressar qualquer opinião sem sofrer punição.

Contudo, o direito fundamental à liberdade de expressão, assim como outros direitos fundamentais, não é ilimitado e nem absoluto, pois pode gerar danos sociais. Logo, se alguém adotar uma conduta preconceituosa ou violenta a ponto de afetar o bem-estar social, essa atitude pode ser passível de punição.

Entretanto, é necessário fazer um adendo sobre a busca por justiça contra crimes de ódio por meio do Poder Judiciário, prática que, assim como o fenômeno das *fake news*, foi fortalecida pelas potencialidades das mídias sociais. Judith Butler (2021) questiona se o sentimento causado por uma palavra injuriosa é realmente uma experiência individual, cuja única forma de resolução seria judicial, ou se é necessário refletir sobre de onde surge esse sentimento de mágoa e o motivo por trás dele.

A autora não está questionando a importância de mitigar esse tipo de crime, mas pondera que o fenômeno atual de disseminação de crimes de ódio é mais complexo e grave, exigindo uma reflexão mais profunda. Nesse sentido, ela alerta que “devemos lembrar que processar judicialmente o discurso de ódio nos tribunais significa correr o risco de conceder aos tribunais a oportunidade de nos impor sua própria violência” (BUTLER, 2021, p. 114). Isso levanta a preocupação de que a corte pode, eventualmente, usar a lei de forma arbitrária para favorecer interesses conservadores ocultos⁷⁶, pois, “as formas jurídicas (e o Estado é a principal ‘forma jurídica’) servem à manutenção das estruturas de poder” (RUBENS CASARA, 2018, p. 73). Dessa maneira, segundo o autor:

A racionalidade neoliberal altera também as expectativas acerca do próprio Poder Judiciário. Desaparece a crença em um poder comprometido com a realização dos direitos e garantias fundamentais. O Poder Judiciário, à luz da razão neoliberal, passa a ser procurado como um mero homologador das expectativas do mercado ou como um instrumento de controle tanto dos pobres, que não dispõem de poder de consumo, quanto das pessoas identificadas como inimigos políticos do projeto neoliberal. (CASARA, 2018, p. 76, 77).

Retomando a análise, a figura 10⁷⁷, assim como a anterior, mobiliza o sentimento antissistema ao acusar órgãos do Sistema Judiciário de tomar decisões enviesadas em favorecimento do candidato do PT. Nesse contexto, os ministros do TSE são acusados de serem “petistas togados”.

Jovem pan oficialmente censurada. Não pode dizer que **lula é ladrao** ou ex presidiário ou coisa do tipo . Ditadura escancarada . Os petistas togados e políticos que censuram e lançam mentiras comemoram. Eleições mais manipuladas da história da república. CALA A BOCA JÁ MORREU!!!

🗨️ 1,537 🔄 8,055 ❤️ 32.1K 📄 📌

Fonte: Twitter

Figura 10

⁷⁶ Para uma discussão aprofundada sobre os aspectos da “direita jurídica”, ver o livro *Crítica do Fascismo* de Alysson Leandro Mascaro, capítulos 5 e 7, 1. ed. – SP: Boitempo, 2022

⁷⁷ Obteve 1.537 comentários, cerca de 32 mil likes e foi retuitado mais de 8.000 vezes.

O *tweet*⁷⁸ compartilhado em 18 de outubro de 2022 condena com indignação o Tribunal Superior Eleitoral por promover censura deliberada, referindo-se à proibição imposta aos apresentadores e comentaristas da emissora Jovem Pan de comentarem sobre a situação judicial de Lula. Sobre esse caso, a coligação de Lula solicitou que o TSE analisasse uma série de falas ofensivas ao candidato, proferidas durante programas da Jovem Pan. Após a análise:

O plenário do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) puniu a emissora Jovem Pan em três decisões proferidas em julgamento no plenário virtual nesta semana em razão de declarações de comentaristas da emissora consideradas distorcidas ou ofensivas ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). (UOL, 2022).

Em razão dessa decisão, o autor do *tweet* acusou o órgão jurídico de censurar e manipular intencionalmente as eleições de 2022. O *post* encerra citando, de forma irônica, a popular fala de Carmen Lúcia, já mencionada na análise da figura anterior, referindo-se à suposta liberdade de expressão. Nessa perspectiva, assim como na análise anterior, percebemos a mobilização do sentimento antissistema ao questionar a lisura do TSE, além de acusá-lo explicitamente de interferir no jogo político, agindo de maneira tendenciosa para beneficiar Lula.

A figura 11 foi coletada no Facebook e compartilhada em 1 de setembro de 2022.⁷⁹ Trata-se de um meme sugerindo que o candidato Lula foi beneficiado pela Rede Globo e pelo instituto de estatística Datafolha. Para isso, utiliza a famosa cena do filme de comédia *Um Morto Muito Louco* (1989), em que os personagens Larry Wilson e Richard Parker seguram Bernie Lomax, o homem no meio, pelos braços, que estava morto.

⁷⁸ Postagem feita no Twitter, em diferentes formatos.

⁷⁹ Obteve 8.100 curtidas, 453 comentários e 1.600 compartilhamentos.



Fonte: Facebook

Figura 11

No meme o homem morto representa o candidato petista, enquanto os amigos que o seguram são a Globo e o Datafolha. A interpretação parece ser bastante clara: o tom humorístico e crítico reside na sugestão de que Lula é um candidato ultrapassado e superado, praticamente um morto. Mas, o que mantém sua campanha é o favorecimento da emissora e do instituto de pesquisa, que são acusados de manipular os fatos em seu apoio.

Logo, percebemos que tanto a Globo quanto o Datafolha foram enquadrados pelo sentimento antissistema. Ambos eram acusados de manipulação e parcialidade, sendo considerados não confiáveis. Segundo essa narrativa, havia uma articulação entre os grandes representantes da mídia tradicional, institutos de pesquisa, STF, TSE e outros, para favorecer Lula e prejudicar Bolsonaro, disseminando *fake news* e manipulando dados de pesquisas de intenção de voto, além de emitir decisões e determinações tendenciosas por parte dos órgãos jurídicos. Em relação a essa lógica antissistema, Jociane Silva expõe que:

A construção dessas narrativas enquadra inimigos bem específicos. Os protestos anticorrupção no Brasil atacaram principalmente os partidos de esquerda, especialmente a imagem do PT, bem como há um enquadramento da esquerda, dos partidos de esquerda e de qualquer elemento que possa ser apresentado como parte do repertório de esquerda como se fossem elementos do “monstro gigante” que assola e destrói o país [...] (SILVA, 2023, p. 187).

Posto isto, notamos que o sentimento antissistema no Brasil é representado especialmente pelo antipetismo e pelo antiesquerdismo. Realizou-se uma articulação antipolítica, antipartido e anticorrupção que resultou em um aprofundamento da rejeição ao PT

e a tudo que é associado a ele. Dessa maneira, qualquer instituição que supostamente beneficie ou apoie o Partido dos Trabalhadores é rechaçada com a justificativa de estar corrompida por indivíduos e ideais petistas. Para exemplificar, no evento “Brasil pela Vida e Família”, realizado em Brasília no dia 7 de junho de 2022, ano eleitoral, Bolsonaro declarou que:

Deputados que estão aqui, que estejam nos ouvindo, vai chegar a sua hora [de ter o mandato cassado] se você não se indignar. Não existe especificação penal para fake news. Se for para punir fake news com a derrubada de páginas, fechem a imprensa brasileira que é uma fábrica de fake news. Em especial, Globo e a Folha. ” (UOL, 2022).

Durante o discurso, Bolsonaro acusou simultaneamente a mídia, as urnas eletrônicas e o TSE. No evento realizado no Dia Nacional da Liberdade de Imprensa, o então presidente chegou a sugerir o fechamento da mídia brasileira. A declaração foi feita enquanto Bolsonaro defendia o deputado estadual Fernando Francischini (União Brasil – PR), que havia sido condenado por questionar a confiabilidade das urnas eletrônicas em 2018.⁸⁰

Neste ponto, lembramos do autor Carlos Alberto Vesentini em sua obra “A teia do fato: uma proposta de estudo sobre a memória histórica”, que questiona, “seria o senhor da narração, também o senhor do fato?” Cada vez mais a historiografia precisa se debruçar em tais questões sobre fatos, narrativas e fontes históricas, visto que num mundo onde o holocausto ou até mesmo o formato do planeta é desacreditado, a História tem o dever de ampliar e renovar o debate de acordo com o contexto histórico e a urgência social.

3.4 A invenção da “ideologia de gênero”

De antemão, é importante destacar que o que se convencionou chamar de “ideologia de gênero”, não existe de fato no sentido utilizado. Trata-se de uma narrativa fantasiosa utilizada por grupos da direita radical para se referir a questões sobre direitos reprodutivos e sexuais. À medida que os movimentos feministas e da comunidade LGBTQIAPN+ lutavam pela ampliação de seus direitos, o campo religioso e conservador reagiu em oposição. De acordo com Richard Miskolci e Maximiliano Campana (2017), pode-se dizer que a origem dessa

⁸⁰ Vale destacar a intensa campanha para descreditar as urnas eletrônicas colocando em dúvida o sistema eleitoral. Inclusive o mesmo ocorreu nos EUA e as semelhanças são impressionantes. Ambos discursos contra o resultado das eleições levaram a tentativas de golpe e invasão de prédios oficiais da presidência da República.

narrativa está inserida no seio da Igreja Católica e, gradualmente, se espalhou pela Europa e pela América Latina.

Há algumas décadas a Igreja Católica exercia uma importante influência nos debates sobre direitos reprodutivos e sexuais, especialmente a partir dos últimos anos do século passado, quando o papado começou a reagir contra o avanço da luta feminista e LGBTQIAPN+, argumentando que os direitos exigidos por esses grupos levariam à destruição da família tradicional cristã, composta por pai, mãe e filhos. Com o tempo, outras vertentes religiosas, principalmente os pentecostais, também se posicionaram contra essas pautas, formando uma espécie de aliança entre católicos e protestantes em defesa dos valores cristãos.

Dessa forma, a aprovação de projetos de lei relacionados a direitos sexuais e reprodutivos tem sido duramente repudiada por grupos religiosos e conservadores. Eles buscam criar um pânico social a partir da narrativa de que a emancipação e as conquistas de direitos por mulheres e cidadãos não heterossexuais são prejudiciais à concepção tradicional de família segundo os valores cristãos.

Segundo Miskolci e Campana (2017), o termo “ideologia de gênero” é relativamente recente, começando a se popularizar a partir de 2008 em vários países europeus. No Brasil, a denúncia da suposta ideologia de gênero surgiu a partir de 2011, quando o STF aprovou o reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Além disso, houve as acusações feitas pelo então deputado federal, Jair Bolsonaro, sobre um projeto de combate à homofobia nas escolas, que segundo ele teria a intenção de sexualizar e promover uma doutrinação homossexual entre crianças e adolescentes.

Essas denúncias levaram à popularização do sofisma “kit gay”⁸¹, especialmente durante as eleições seguintes, funcionando como uma propaganda antiesquerdista e antipetista. Sobre esse caso, Eduardo Maranhão et al. informam que o kit era:

Composto por um caderno, boletins, audiovisuais, cartaz e carta de apresentação para os/as gestores/as em educação, este kit anti-homofobia era parte do Projeto Escola sem Homofobia, proposto pelo Ministério da Educação, à época encabeçado por Fernando Haddad e por ONGs nacionais e internacionais e avalizado pela UNESCO, que, por sua vez, estava vinculado ao Programa Brasil Sem Homofobia, programa interministerial que visava o combate à homofobia em diversos eixos, dentre estes as escolas públicas.

⁸¹ Além disso, houve também a invenção do que se convencionou chamar de “mamadeira de piroca”. “Um vídeo que bombou durante a campanha eleitoral de 2018 em que um homem mostra uma mamadeira com o bico no formato de um órgão genital masculino dizendo que o item foi distribuído em creches pelo PT a mando de Fernando Haddad [...]” (GI, 2021).

Neste contexto, pressões realizadas por parlamentares evangélicos e seus apoiadores culminaram no veto da presidenta Dilma Rousseff ao material. (MARANHÃO et al, 2018, p. 69).

Nessa conjuntura, o discurso conservador se fortaleceu principalmente contra as pautas de descriminalização do aborto e o reconhecimento do casamento homossexual. Durante as discussões do PNE (Plano Nacional de Educação) de 2012 até sua aprovação em 2014, a denúncia da ideologia de gênero ganhou repercussão e repúdio generalizado. Grupos conservadores de diferentes segmentos religiosos se uniram, conforme Maranhão et al. (2018):

Defendendo a naturalidade da composição familiar tradicional e ressaltando a divisão sexual fundamentada em uma concepção binária e heteronormativa desde a infância, ignorando as particularidades ensinadas nos diversos ambientes de socialização, incluindo a escola" (MARANHÃO et al., 2018, p. 72).

Além do PNE, a rejeição à suposta ideologia de gênero se estendeu aos debates dos Planos Municipais de Educação. Nesse momento, a exposição do tema de forma manipulada e alarmante fez com que fosse amplamente rechaçada pela sociedade brasileira conservadora. Conforme Miguel (2016), a união de católicos e evangélicos conseguiu banir a temática de gênero do PNE e de outros planos educacionais locais. A esse respeito, Miguel preconiza que:

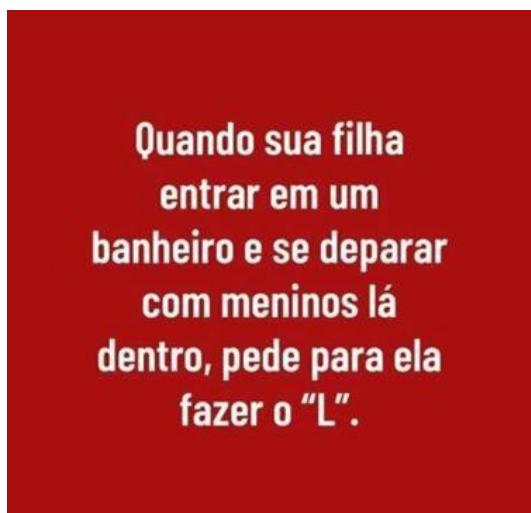
A meta é evitar qualquer questionamento da percepção naturalizada dos papéis sexuais. Com isso, fica impedido o combate a formas recorrentes de violência ocasionada por gênero, dentro e fora da instituição escolar, culminando no feminicídio e no assassinato de gays, lésbicas e travestis. A defesa da instituição familiar, a “base da sociedade”, é um objetivo que parece compensar tais problemas – que ficam completamente invisibilizados. (MIGUEL, 2016, p. 608).

A união entre o campo religioso e o campo político em prol do aniquilamento de tudo que é considerado inimigo da família tradicional e dos valores religiosos possibilitou que o discurso sobre a “ideologia de gênero” conquistasse um importante capital social e eleitoral, através da propagação de pânico moral. O ponto alto dessa estratégia foi a eleição de 2018, na qual Bolsonaro, com seu posicionamento conservador e religioso, conseguiu angariar o apoio de diferentes esferas conservadoras da sociedade brasileira.

A consolidação desse avanço ultraconservador ocorreu com a eleição de Jair Bolsonaro como presidente em 2018. Sua campanha foi alicerçada, entre outros elementos, na criação de inimigos da família tradicional e dos valores cristãos, em razão da possibilidade de legalidade

do aborto, do desregramento sexual e da “ditadura homossexual” supostamente defendida pela esquerda/PT. Diante disso, neste tópico, analisamos exemplos de publicações com narrativas comuns em 2022, com o intuito de mobilizar os grupos conservadores e religiosos contra a hipotética agenda de campanha petista. Após estas análises, podemos afirmar que este tópico – dado seu cunho moral/religioso é um dos alicerces do discurso da extrema-direita contra o PT e que mais produziu memes e *fake news*.

As figuras a seguir, 12⁸² e 13, mobilizam a narrativa do banheiro unissex. A primeira foi coletada no Instagram e foi compartilhada em 7 de outubro de 2022. A publicação faz parte de um post em carrossel⁸³, que inclui cinco imagens sobre pautas diferentes, como latrocínio, corrupção, censura, banheiro unissex e contribuição sindical. Em todas as imagens há um pequeno texto crítico, com uma suposta referência ao plano de governo petista, seguido do bordão “faz o L”.



Fonte: Instagram

Figura 12

Na eleição de 2022, assim como na de 2018, a candidatura de Jair Bolsonaro foi fundamentada em um discurso amplamente conservador. Sua candidatura recebeu o apoio de alas conservadoras da sociedade brasileira, como a Frente Parlamentar Evangélica (FPE), além de lideranças religiosas influentes como Silas Malafaia, André Valadão e Valdemiro Santiago.

⁸² Obteve 3.100 curtidas e 324 comentários.

⁸³ Quando em um único *post* há entre dois a dez mídias.

As propostas de governo de Bolsonaro foram alicerçadas, entre outros elementos, em uma investida reacionária contra os direitos das mulheres e da comunidade LGBTQIAPN+.

Um exemplo dessa retórica é uma imagem simples, com um texto pequeno em letras brancas sobre um fundo vermelho. O texto diz: “Quando sua filha entrar em um banheiro e se deparar com meninos lá dentro, pede para ela fazer o ‘L’.” Como já dito, é importante observar que vermelho e branco são as cores da bandeira do PT, que é vermelha com uma estrela branca ao centro. A escolha dessas cores no *post* é uma crítica implícita direcionada ao partido e ao candidato petista. Além disso, o uso do famoso bordão "Faz o L" deixa claro que se remete à candidatura de Lula.

A figura 13⁸⁴ também denuncia a suposta proposta de criação de banheiros unissex. Trata-se de um *print screen* de um vídeo compartilhado⁸⁵ no Facebook em 6 de outubro de 2022. No vídeo, o então vereador de Belo Horizonte e candidato ao cargo de deputado federal, Nikolas Ferreira, responde às acusações de transfobia. Ele critica a ideia de que banheiros públicos possam ser usados por pessoas que se identificam com o gênero oposto, argumentando que questões anatômicas, e não a identidade de gênero, devem determinar o acesso aos banheiros. Nikolas cita um caso ocorrido na escola de sua irmã para apoiar sua posição.



Fonte: Facebook

Figura 13

Ele apresenta razões para ser contra a utilização de banheiros públicos por pessoas transgênero, afirmando: “Vocês não vão tomar conta da sexualidade das crianças e induzi-las a

⁸⁴ Obteve 82 mil curtidas, quase 9 mil comentários e 29 mil compartilhamentos.

⁸⁵ Link para acessar o vídeo: <https://www.facebook.com/ChristianSonicYT/videos/408148264671941>

ser o que vocês acham que elas são.” Na legenda do vídeo há uma frase de aprovação e apoio ao posicionamento de Nikolas, acompanhada de uma *hashtag* com seu nome. Essa declaração revela claramente um discurso transfóbico.⁸⁶

De acordo com Butler (2019, p. 39), socialmente, considera-se que “[...] o gênero é induzido por normas obrigatórias que exigem que nos tornemos um gênero ou outro (geralmente dentro de um enquadramento estritamente binário) [...].” No entanto, a filósofa se opõe a essa visão de que o gênero é definido de forma natural e inata para cada indivíduo, argumentando que o gênero é produzido socialmente a partir de performances socialmente definidas e repetidas continuamente. Nesse sentido, entende-se que há uma obrigatoriedade em desempenhar rigorosamente as normas sociais associadas aos gêneros feminino e masculino, conforme a sociedade estabelece.

No mesmo sentido, Letícia Lanz, psicanalista transgênera, especialista em Gênero e Sexualidade, define o termo como:

Gênero diz respeito às expectativas sociais de desempenho que cada ser humano deve atender tendo em vista o seu sexo genital. O gênero é uma construção social que varia intensamente de cultura para cultura e de época para época. Por definição, a nossa cultura, assim como toda a cultura ‘ocidental’, reconhece a existência de duas e apenas duas ‘categorias de gênero’: masculino e feminino ou homem e mulher. Essas duas categorias tentam naturalmente ‘espelhar’ as duas principais categorias do sexo genital – macho e fêmea – das quais o dispositivo binário de gênero se apropria para classificar os indivíduos nascidos ‘machos’ e ‘fêmeas’ respectivamente em ‘homens’ e ‘mulheres’. (LANZ, 2014, p. 39).

Logo, indivíduos que não se conformam dentro do sistema binário são marginalizados por violarem as normas estabelecidas. Assim, observamos que a narrativa e os argumentos sobre o banheiro unissex seguem essa lógica de alienação dos sujeitos que não se encaixam em um dos gêneros binários. Os grupos LGBTQIAPN+ enfrentam, desse modo, as consequências de marginalização, exclusão e violência. De forma mais contundente, a negação do suposto

⁸⁶ O ex-vereador e atual deputado federal eleito pelo PL-MG, Nikolas Ferreira, frequente tem protagonizado episódios de transfobia, crime que foi equiparado ao de racismo pelo STF, em 2019. A guisa de exemplo, em junho de 2023, Nikolas Ferreira foi condenado por transfobia contra Duda Salabert, “os desembargadores da 10ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça de Minas Gerais confirmaram nesta terça-feira, 5, a condenação do deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) por ofensas transfóbicas à deputada Duda Salabert (PDT-MG). Eu ainda irei chamá-la de ‘ele’. Ele é homem. É isso o que está na certidão dele, independentemente do que ele acha que é”, afirmou o parlamentar nas redes.” (CNN, 2023). Posteriormente, em agosto de 2024, o parlamentar novamente atacou Salabert, “já condenado por transfobia contra a candidata, por ter se referido a ela com pronomes masculinos, o parlamentar afirmou que, durante o encontro, Salabert se referiu a si mesma como prefeito. (O GLOBO, 2024).

projeto de implantação de banheiros neutros em espaços públicos deixa implícito o repúdio de uma parcela da sociedade ao direito de visibilidade e reconhecimento de pessoas transgênero, considerando o discurso falacioso, falso e violento que circulou sobre o tema. Nessa perspectiva, Butler afirma ainda que:

Desse modo, a precariedade está, talvez de maneira óbvia, diretamente ligada às normas de gênero, uma vez que sabemos que aqueles que não vivem seu gênero de modos inteligíveis estão expostos a um risco mais elevado de assédio, patologização e violência. As normas de gênero têm tudo a ver com como e de que modo podemos aparecer no espaço público, como e de que modo o público e o privado se distinguem, e como essa distinção é instrumentalizada a serviço da política sexual. (BUTLER, 2019, p. 41).

Levando em consideração as argumentações de Judith Butler sobre questões de gênero, vemos que ambos os *posts* são tentativas tendenciosas de deslegitimar a imagem do candidato petista a partir de informações fraudulentas e transfóbicas. Visto que no plano de governo de Lula não há menção alguma sobre a instauração de banheiros públicos neutros para crianças e adolescentes. Segundo a análise da agência de checagem Aos Fatos, as palavras “banheiro” e “unissex” não são nem mesmo mencionadas no documento com as propostas de Lula registrado no TSE. Além disso, a agência aponta que “a única menção a termos como 'crianças' ou 'infância' na proposta de campanha de Lula está no item 44. ” (AOS FATOS, 2022).⁸⁷

Por último, a figura 14⁸⁸ foi publicada no Twitter no dia 29 de outubro de 2022. No *tweet* é feito uma crítica aos liberais e conservadores que consideram votar no PT e assim, “entregar o país a máfia do aborto e da ideologia de gênero. ” Ao analisarmos o *post*, vemos uma mensagem apelativa buscando causar culpa nas pessoas ao questionar o contraste de suas ideologias com o voto em Lula.

⁸⁷ É necessário que se promova a defesa das famílias, com proteção e cuidado prioritário com as crianças e suas infâncias, em especial por meio do combate à pobreza, da garantia de acesso integral às políticas públicas e do direito ao brincar. Assegurando proteção, saúde, alimentação, educação e bem-estar para a primeira infância. Nosso governo dará prioridade absoluta à promoção, proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente, erradicando a fome, combatendo a miséria, garantindo perspectivas para as crianças e adolescentes, enfrentando a exploração do trabalho infantil, a violência, a exploração sexual e todas as formas de preconceitos e discriminações e assegurando a garantia do direito ao brincar. Terão atenção especial as milhares de crianças e adolescentes em situação de orfandade decorrentes da Covid-19. (TSE, 2022).

⁸⁸ Obteve 2.931 curtidas, 9 comentários e 503 *retuites*.

4. O que significa o seu liberalismo se você contempla com indiferença o abismo do bolivarianismo e do Capitalismo de Estado corrupto que nos espera se o PT vencer? O que significa o seu conservadorismo se você admite entregar o poder à máfia do aborto e da ideologia de **gênero**?

9 503 2,931

Fonte: Twitter

Figura 14

Tal como nos *posts* anteriores, a mensagem desse *tweet* dissemina desinformação ao indicar que a vitória petista resultaria na descriminalização do aborto e na implantação da "ideologia de gênero". No entanto, o plano de governo de Lula não aborda questões relacionadas ao aborto, nem à chamada "ideologia de gênero", que, além dos direitos reprodutivos, inclui direitos sexuais e alegações infundadas sobre a sexualização precoce e a homossexualização⁸⁹ de crianças e adolescentes. O plano de governo petista propõe no item 41 apenas que:

Não haverá democracia plena no Brasil enquanto brasileiras e brasileiros continuarem a ser agredidos, moral e fisicamente, ou até mesmo mortos por conta de sua orientação sexual. Propomos políticas que garantam os direitos, o combate à discriminação e o respeito à cidadania LGBTQIA+ em suas diferentes formas de manifestação e expressão. Políticas que garantam o direito à saúde integral desta população, a inclusão e permanência na educação, no mercado de trabalho e que reconheçam o direito das identidades de gênero e suas expressões. (TSE, 2022).

Dessa maneira, podemos interpretar que a intenção de publicações com esse tipo de narrativa, produzidas em forma de *fake news*, é provocar um sentimento de temor e pânico social ao atribuir falsamente pautas caras ao senso moral das alas conservadoras e religiosas ao plano de governo de Lula. Isso pode influenciar o imaginário social conservador a acreditar que há um plano em ação para sexualizar e homossexualizar crianças e adolescentes e assim, aniquilar a estrutura da considerada família tradicional formada por pai, mãe e filhos, todos heterossexuais e cisgêneros⁹⁰.

⁸⁹ Qualquer ato que envolva o relacionamento entre pessoas do mesmo gênero, incluindo influência ou abuso sexual praticado por alguém do mesmo gênero. É importante ressaltar que essa palavra não existe na linguagem formal. É utilizada na linguagem informal por pessoas que acreditam que a homossexualidade pode ser adquirida a partir de influência externa.

⁹⁰ Indivíduos que se identificam com o gênero que foi designado quando nasceram.

Esse posicionamento familista, homofóbico e antifeminista sugere que, em razão da necessidade inegociável de defesa da vida e da família tradicional cristã, sejam necessários e compreensíveis o domínio e a submissão de grupos minoritários em nome de um bem maior. Dado que essas minorias, feministas e LGBTQIAPN+, são simbolizadas como inimigos dos valores cristãos ao exigir direitos que subvertem a ordem divina. Conforme essa visão, ignorar as necessidades e suprimir os direitos das minorias sexuais são atitudes corretas, pois “a perda dessas populações é considerada necessária para proteger a vida dos ‘vivos’” (JUDITH BUTLER, 2020, p. 53).

Finalizamos esse tópico com duas declarações de Bolsonaro durante um culto evangélico no Rio de Janeiro, que atestam as observações feitas aqui: “– Qual mãe aqui fica tranquila sabendo que sua filha na escola com 10 anos de idade ao entrar no banheiro vai ter um menino de 10, 14 anos de idade, que também entrou nesse banheiro – indagou. ” (O GLOBO, 2022). Disse ainda que:

A omissão também é pecado. Pra aqueles que lavam as mãos, repito, muita coisa pode acontecer. Temos que tomar decisões. Temos pela frente grupos que defendem o aborto. O ativismo do aborto como se fosse uma extração de dente. Um grupo do outro lado que fala em liberar drogas. Um grupo que defende também colocar padres e pastores em seus devidos lugares e que diz que pra falar com Deus não precisa de padres e pastores. (O GLOBO, 2022).

Percebemos claramente na fala do ex-presidente, bem como nas postagens analisadas aqui, a estratégia muito comum que é confundir as pautas progressistas de um modo geral como direito ao aborto ou direitos da comunidade LGBTQIAPN+, com planos de governo do PT. Quase sempre as lutas por direitos se transforma na narrativa de intenção do PT em sexualizar as crianças, promover pedofilia ou incentivar o que eles chamam de desvios sexuais. Nosso e-book, produto dessa pesquisa, intenciona agir no sentido de combater essas falácias e criar instrumentos de informação para combater a desinformação.

3.5 A defesa da família e dos valores cristãos

Segundo dados divulgados pelo IBGE, o censo de 2022 indica que no Brasil há mais igrejas do que escolas e hospitais. São 580 mil instituições religiosas contra 248 mil unidades de saúde e 264 mil unidades de ensino. Uma outra pesquisa realizada em 2023 pela empresa de pesquisas Ipsos revelou que 89% dos brasileiros acredita em Deus ou em uma força superior, e

76% disseram seguir alguma religião. Dessa maneira, percebemos como a religiosidade é uma característica importante da sociedade brasileira.⁹¹

O censo de 2010 apontou que, nas últimas décadas, o número de evangélicos, assim como de igrejas protestantes, cresceu consideravelmente no Brasil. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0%, e em 1980, de 6,6%. O segmento que mais cresceu, conforme o censo, foi o pentecostal, totalizando 60% dos que se declararam evangélicos. As primeiras missões desse segmento evangélico no território brasileiro começaram no século XX.

Segundo Victor Silva (2019), no Brasil, os pentecostais estão concentrados principalmente nas áreas menos abastadas, em regiões periféricas. Esse grupo possui uma presença feminina maior e com menos instrução formal. Ademais, consomem menos informação sobre política, costumando seguir as orientações dos líderes religiosos. O autor indica ainda que são os mais frequentes em reuniões religiosas; desse modo, possuem uma considerável confiança no pastor como um líder comunitário e guia espiritual, moral e político. Assim, os públicos pentecostais normalmente possuem um posicionamento homogêneo, a exemplo do antipetismo.

Gamaliel Carreiro (2017) explica que o senso de comunidade das religiões pentecostais tende a uniformizar os valores, princípios, costumes e ideologias dos fiéis. Nesse sentido, “são as igrejas, na atualidade, as principais instituições a influenciar a vida, inclusive política, dos fiéis urbanos” (CARREIRO, 2017, p. 86). Os integrantes se consideram diferentes do restante da sociedade por acreditarem que são mais íntegros e decentes. Nessa perspectiva, o autor diz que há uma crença de que um candidato evangélico é moralmente superior aos que não são.

Ainda de acordo com Silva (2019), no tempo atual, os pentecostais possuem mais destaque no segmento conservador, sendo os mais rígidos no posicionamento contrário ao aborto, à descriminalização de drogas, ao casamento homossexual e à educação sexual, por exemplo. Além disso, desde os anos 90, acreditavam que se o PT alcançasse a presidência do

⁹¹ Vale mencionar o lema reproduzido pelo Bolsonaro: Brasil acima de tudo, Deus acima de todos que remete ao lema utilizado pelos nazistas na década de 1930 “Alemanha acima de tudo” — no alemão, “Deutschland über alles”. Sobre o tema ver: CAVALCANTI, C. R. da S.; AZEVEDO, N P. G. de. O movimento parafrástico de “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” X “Deutschland Über Alles”. Policromias – Revista do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 51-64, jan. - abr. 2022.

país, as igrejas seriam perseguidas. No presente, o engajamento político pentecostal ainda é maior dentro das igrejas do que nas redes sociais.

No interior das igrejas pentecostais, os pastores são capazes de mobilizar o eleitorado de baixa renda utilizando argumentos morais, sem a necessidade de compra de votos, pelo menos não nos termos que a literatura costuma tratar o fenômeno. (SILVA, 2019, p. 64).

Consideramos importante apresentar essas discussões, visto que este tópico é voltado a pensar a relação entre os valores religiosos e a disputa eleitoral para a presidência em 2022. Assim, a partir dessas considerações iniciais, vemos como a religião é um aspecto importante na vida dos brasileiros, com o protestantismo e, principalmente, a vertente pentecostal em franca ascensão e com um papel político relevante. Logo, ainda que exista uma tendência de crescimento de indivíduos que declaram não possuir uma religião, com destaque entre os mais jovens, a espiritualidade até o momento possui grande relevância no país.

Vale evidenciar que enquanto a Igreja Católica no Brasil estreitou os laços com o âmbito político desde o período colonial, as instituições evangélicas permaneceram afastadas por várias décadas, julgando as dinâmicas políticas como corruptas e profanas. Foi apenas nos anos 80, quando foram eleitos 33 parlamentares membros de igrejas pentecostais para integrar a Assembleia Nacional Constituinte, que a apatia de lideranças e instituições evangélicas demonstrou uma diminuição significativa.

No presente, as instituições religiosas cristãs possuem uma atuação política significativa, uma vez que conquistaram importante capital social e político, com ênfase para as igrejas evangélicas, que como mencionado antes, apresentam um crescimento expressivo há algumas décadas. Todavia, nas últimas eleições é sido nítido o fortalecimento de um viés religioso nocivo à sociedade, como aponta o pastor e deputado federal pelo PSOL, Henrique Vieira (2018):

O fundamentalismo religioso, por sua concepção de mundo e seu modelo de funcionamento, constitui-se em um risco a democracia, aos direitos humanos, ao Estado laico e à diversidade humana. No Brasil ocorre, ademais, a articulação entre setores fundamentalistas cristãos, especialmente evangélicos, e o poder político, institucional e midiático. Esse fenômeno está em franca ascensão e tem influenciado cada vez mais as pautas dos poderes legislativos municipais e estaduais, assim como do Congresso Nacional. (VIEIRA, 2018 p. 91).

Nessa perspectiva, Silva (2019) cita que em 2010, o pastor Silas Malafaia, presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, se posicionou contra a candidata Dilma Rousseff com a justificativa de que a petista apoiou o PL 122 de 2006, que propunha a criminalização da homofobia. Na eleição presidencial seguinte houve novamente mobilizações evangélicas contra o voto em Dilma, devido às discussões sobre a legalização do aborto, o que levou à acusação de que o PT pretendia destruir a família cristã.

Contudo, o ponto alto da mobilização cristã durante períodos eleitorais aconteceu em 2018. Vimos nessa eleição um conservadorismo moral intenso com a candidatura de Jair Bolsonaro (PSL). A campanha bolsonarista foi alicerçada em um discurso hegemônico de defesa da família tradicional, dos valores cristãos e do amor à pátria. Assim, com esse posicionamento conservador acenando para a direita cristã, o candidato conquistou uma ampla adesão de líderes de religiosos e fiéis, com destaque entre os evangélicos pentecostais. Sobre isso, Marcelo Camurça indica que:

Esta frente cristã conservadora/tradicional, por seus dogmas/princípios religiosos, contribuiu decisivamente para um projeto totalizante, organizado sob uma concepção hierárquico-autoritária da família, das etnias, das classes, da produção econômica. Estas forças deram explícito suporte e vocalizaram seus interesses através da candidatura do ex-capitão do Exército e ex-deputado Jair Bolsonaro (PSL). (CAMURÇA, 2020, p.89).

A mobilização evangélica contribuiu para difamar o candidato petista, uma vez que Fernando Haddad foi acusado de pretender agir contra a família tradicional. Para isso, o suposto plano era instaurar, como dito anteriormente, uma “ditadura de gênero” e, conseqüentemente, uma “ditadura gayzista”. Nesse sentido, uma série de *fake news* sobre a “ideologia de gênero” e o “kit gay” foram criadas com o intuito de manchar sua imagem. Com essas narrativas, a campanha de Haddad foi associada a um projeto de degeneração dos valores morais tão caros aos cristãos.

Desse modo, o segundo turno de 2018 personificou uma luta do bem contra o mal: de um lado, o candidato cristão, e do outro, o candidato que pretendia subverter a sociedade brasileira. Por conseguinte, a seguir analisamos três publicações compartilhadas em 2022 para observar as pautas mobilizadas durante a campanha eleitoral com o intuito de alertar os fiéis sobre a melhor escolha para o país, conforme os valores cristãos.



Fonte: Instagram

Figura 15

Na figura 15⁹² há uma lista de pautas que cristãos devem repudiar e não apoiar candidatos ligados a esses temas. Foi retirada de um perfil do Instagram e foi compartilhada no dia 27 de outubro de 2022, isto é, três dias antes da realização do segundo turno entre Bolsonaro e Lula. O *post* não menciona nomes, mas usa uma foto da mão do petista, facilmente reconhecível devido ao dedo mínimo amputado, além de camisetas e bandeiras vermelhas ao fundo das mensagens de alerta.

A mão de Lula está levantada, e seus quatro dedos são utilizados para indicar as pautas que supostamente eram defendidas pelo candidato petista: “IDEOLOGIA DE GÊNERO”, “ABORTO”, “LEGALIZAÇÃO DAS DROGAS” e “PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA”. Sobre a mão, há o alerta “CRISTÃO NÃO VOTA EM POLÍTICOS QUE APROVAM ESSAS COISAS! ”. Todos os escritos estão em letra maiúscula para enfatizar a mensagem que a imagem pretende transmitir. Este *post*, como os outros, foram selecionados pois representam outros milhares com o mesmo conteúdo.

A intenção da publicação é ser um *post* de alerta, com o intuito de alarmar e convencer a comunidade cristã que pudesse estar indecisa ou decidida a votar em Lula de que é incoerente e incabível que cristãos apoiem candidatos que defendam causas contrárias aos preceitos de Deus.

⁹² Obteve 2.100 curtidas e 123 comentários.

Na figura 16⁹³, assim como na anterior, há uma lista sobre questões que cristãos não devem apoiar. Trata-se de um *tweet* simples, publicado por um padre em sua conta pessoal em 29 de setembro de 2022, ou seja, poucos dias antes do primeiro turno da eleição de 2022. São apontadas de forma incisiva sete pautas que segundo o líder religioso, não condizem com a postura cristã; nessa lógica, os fiéis não poderiam votar em quem as defenda.



Fonte: Twitter

Figura 16

Assim como no *post* anterior, são citadas a defesa do aborto, ideologia de gênero e legalização das drogas, além da defesa da família, apoio ao socialismo/comunismo, não aprovação da legítima defesa e, por último, o ataque à liberdade e à prática da censura.

O padre não cita nomes de candidatos ou partidos, entretanto, considerando a construção da narrativa antipetista das eleições anteriores, qualquer pessoa que estivesse atenta ao debate e ao clima eleitoral de 2022 conseguiria identificar que o *tweet* se referia ao candidato Lula.

Em ambos os posts há a defesa de um padrão comportamental diferente e superior para cristãos em relação aos não cristãos. Ou seja, indivíduos que são verdadeiramente seguidores de Cristo não podem corroborar com a imoralidade do mundo secular. Assim sendo, as mensagens das publicações 15 e 16 podem ser eficientes em influenciar a adesão ou rejeição de candidatos e partidos.

A figura 17⁹⁴ é um *print screen* de um vídeo compartilhado no Facebook em 3 de outubro de 2022, um dia após o primeiro turno. Nesta eleição, Lula e Bolsonaro foram para um disputado segundo turno, e o candidato petista conquistou 5,23% dos votos válidos a mais do que Bolsonaro.

⁹³ O *tweet* contou com 31.400 curtidas, 1.493 comentários e foi *retweetado* 9.262 vezes.

⁹⁴ Obteve 167.000 curtidas, 35.000 comentários, 169.000 compartilhamentos e 2.400.000 visualizações.



Fonte: Facebook

Figura 17

A publicação foi compartilhada na conta pessoal do senador Cleitinho Azevedo (PSC-MG). No vídeo⁹⁵ podemos ver o senador mostrar dados sobre o resultado da votação para presidente. Ele critica de forma consternada o alto número de votos brancos, nulos e de abstenções, afirmando que quase 40 milhões de votos foram jogados no lixo. A seguir, para justificar sua tensão, expõe um vídeo do influenciador satanista Vicky Vanilla.

Vanilla aparece no vídeo vestido com uma camiseta do PT e com bandeiras do partido na parede. Ele afirma ter se unido a religiões de matriz africana e a grupos satanistas para apoiar o candidato Lula. Após essa fala, Cleitinho pausa o vídeo e clama para que os verdadeiros cristãos se posicionem ao lado do "bem", isto é, votando em Bolsonaro, que segundo o senador é um homem temente a Deus, ao contrário do candidato petista, que seria praticamente a encarnação do mal.

Esse *post* manifesta diretamente rejeição a Lula e apoio a Bolsonaro, ao contrário dos *posts* anteriores que, conforme Silva (2019), mobilizam de forma indireta ao desmoralizar uma candidatura específica, mas sem declarar explicitamente o posicionamento político. O objetivo desse vídeo é claramente demonizar Lula e o PT ao associar ambos ao satanismo. Com essa narrativa, o senador pretende aterrorizar e comover os cristãos que possam ter votado nulo, em branco ou não ter ido votar no primeiro turno. Desse modo, busca convencer sobre a importância da união cristã contra o avanço do mal no país, simbolizado pela possibilidade de vitória de Lula.

⁹⁵ Link para acessar o vídeo: <https://www.facebook.com/CleitinhoSenador/videos/786203719182139>

Cleitinho aponta a alternativa que seria condizente com um presidente com os valores cristãos: um homem de Deus. De acordo com Marina Lacerda (2022), desde 2011, enquanto deputado federal, Bolsonaro seguia uma agenda moral conservadora com acenos à direita cristã, sendo o responsável pelo sofisma do “kit gay”. Além disso, em 2016, foi batizado no Rio Jordão, em Israel, pelo pastor Everaldo. Dessa maneira, Jair Bolsonaro seria, conforme o senador, a escolha ideal visto que por ser cristão/evangélico, garantiria uma moralidade superior à de Lula.

Sendo assim, vemos nessas três publicações a intenção de perverter a imagem do candidato Lula e do partido ao induzir uma associação entre ambos a propostas de governo profanas, que contrariariam os valores cristãos. Para isso, foram utilizadas informações descontextualizadas, adulteradas e fraudulentas, mobilizando narrativas sensacionalistas e contestáveis com o objetivo de causar medo e repúdio, tentando, assim, influenciar a escolha do voto dos cidadãos cristãos.

À vista disso, foram promovidas uma série de narrativas falsas destinadas a descredibilizar Lula e o PT, afirmando que uma possível vitória petista levaria o país a um cenário de perseguição religiosa, aniquilamento da estrutura familiar cristã, supressão da liberdade de expressão e a um governo autoritário de esquerda.⁹⁶

Percebemos que os discursos foram associados em algumas publicações, entrelaçando os quatro eixos: anticomunismo, antissistema, ideologia de gênero e defesa dos valores cristãos. Certamente, essas associações visavam fortalecer a mensagem e aumentar o poder de convencimento.

Em relação a estratégia política presente na campanha bolsonarista de manipulação da linguagem por meio da criação e disseminação de narrativas falsas, o trecho a seguir aponta que:

As correntes da política fascista estão integradas entre uma emoção e uma imaginação constantemente evidenciadas por meio de uma ansiedade sexual em que necessita enaltecer a família tradicional, o macho, o pai, o branco em conjunto com os apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público. As referências de salvar e salvador surgem, principalmente, quando a conjuntura propicia expor estados de emergência, crises, tragédias e caos. Uma vez considerada a condição para reforçar o “nós” contra “eles”, é o momento da escolha e do aprofundamento da divisão [...] (BUSTAMANTE, 2021, p. 127).

⁹⁶ Isso inclui as *fake news* que se caso o PT ganhasse iria promover o fechamento das igrejas evangélicas.

Desse modo, foram criados inimigos de Deus, da pátria e da família, e a materialização desses inimigos estava condicionada à possibilidade de retorno do PT e de Lula ao governo do país. Nessa lógica, quem quisesse evitar essas investidas deveria ser favorável à reeleição de Bolsonaro. Confirmando esse ponto de vista, temos como exemplo a declaração feita durante o mesmo culto citado no tópico anterior: “– Se não falarmos em política hoje, não poderemos amanhã falar em Deus. O que peço nesse momento como cidadão é que Deus ilumine cada um de vocês para que naquele dia tome a decisão mais certa para o futuro de todos nós. – Pregou o chefe do Executivo. ” (O GLOBO, 2022).

Observamos, a partir da análise desenvolvida neste capítulo, que os memes e as *fake news* desempenharam um papel significativo na mobilização de narrativas destinadas a favorecer Bolsonaro e gerar pânico social diante da possibilidade de retorno do PT ao governo federal. Embora Bolsonaro não tenha sido reeleito, os *posts* analisados demonstram um engajamento expressivo tanto em seu apoio quanto no repúdio a Lula. O resultado apertado do segundo turno, que garantiu a vitória do petista por uma margem estreita, evidencia a força do discurso da extrema-direita e da rejeição PT. Essa influência é amplificada pela internet e pelas redes sociais, que se consolidaram como ferramentas de comunicação e disseminação de informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo tivemos como objetivo explorar narrativas mobilizadas durante a campanha eleitoral de 2022. A partir da análise de *fake news* disseminadas em três populares redes sociais no Brasil, o Twitter, o Instagram e o Facebook. Examinamos os discursos de doze memes com informações falsas, selecionados para entender como contribuíram para o antipetismo atual, assim como com a intenção de favorecer a reeleição de Jair Bolsonaro.

Assim sendo, por meio da interpretação das fontes, obtivemos esclarecimentos interessantes sobre o uso da manipulação da linguagem com o intuito de favorecer determinados propósitos políticos. Observamos que a campanha bolsonarista, assim como em 2018, foi alicerçada em narrativas que, durante todo o período eleitoral e até mesmo antes, foram constantemente utilizadas por Bolsonaro e sua base.

A ênfase em um posicionamento moralista e religioso foi constante. Tanto nas redes sociais quanto em outros meios de mídia e durante discursos, debates, comícios, etc., Bolsonaro explorou temas associados aos valores cristãos, à defesa da família tradicional. Neste aspecto, houve um destaque ao suposto projeto das esquerdas, em especial de Lula e do PT, de corromper crianças, jovens e mulheres com o intuito de perversão e aniquilamento social.

Dessa forma, notícias fraudulentas sobre propostas de implantação de banheiros unissex e legalização do aborto foram usadas como instrumentos de persuasão do público cristão e conservador. Assim, durante esse período, alguns templos religiosos funcionaram como palanques políticos. Nas redes sociais, muitos líderes religiosos utilizaram da sua influência para indicar, às vezes em tom alarmante e até mesmo ameaçador, o que um cristão deveria ou não apoiar.

Além disso, mesmo que alguns estudiosos defendam que o posicionamento antissistema tenha perdido a relevância e a força que teve na eleição de 2018, vimos que em 2022, órgãos do judiciário, representantes da mídia tradicional, além de universidades, escolas, centros de pesquisas etc., foram frequentemente acusados de estarem corrompidos e de atuar em favor de Lula e do PT.

Ocorreram muitos episódios em que os ministros e a imprensa foram deslegitimados por meio de queixas de imparcialidade política. Nesse sentido, mesmo que as decisões judiciais e a cobertura jornalística estivessem de acordo com a legislação e com o que estava de fato acontecendo, se fossem prejudiciais aos interesses da ala bolsonarista, eram classificados como

injustos e partidários. Por isso, não raramente foram rechaçados pela base eleitoral de Bolsonaro.

Ademais, o discurso antipetista, amparado pelo anticomunismo, funcionou como um alerta de perigo. Para isso, o contexto político-social de países como a Argentina, Cuba e, principalmente, a Venezuela, foi usado como exemplo do que poderia acontecer com o Brasil se Lula fosse eleito. Assim, exploraram a tática de provocar terror social para conquistar capital político. Nesse contexto, propagandas enganosas e assustadoras sobre temas sensíveis, como a possibilidade de um caos econômico que levaria a população a comer carne de seus animais de estimação, como conforme o grupo ultradireitista, ocorreu em países vizinhos, foram amplamente disseminadas.

Logo, houve um esforço para aumentar a rejeição ao Partido dos Trabalhadores, manipulando total ou parcialmente fatos e informações, e apresentando o candidato da extrema-direita como a única alternativa capaz de salvar o país do perigo iminente. Em uma conjuntura polarizada, em que a mídia digital foi amplamente utilizada, vimos, de acordo com Georges Balandier (1980), uma dramatização das visões e valores antagônicos dos dois candidatos mais relevantes, transformando o pleito de 2022, assim como o anterior, em um espetáculo eleitoral.

Em 1989, durante a primeira eleição direta após o golpe civil-militar de 1964, ocorreu um evento semelhante. Este pleito marcou a estreia de um candidato do PT e, segundo André Singer (2002), representou o primeiro confronto eleitoral polarizado do período democrático. De um lado, havia um candidato conservador, e do outro, um candidato de esquerda com reais chances de vitória. Além disso, essa eleição se destacou pela forte espetacularização política, com estratégias midiáticas desempenhando um papel crucial no embate.

Por meio de importantes meios de comunicação da mídia tradicional, como a revista *Veja* e a Rede Globo, houve um movimento de favorecimento a Collor de Melo, que teve suas qualidades morais, intelectuais e físicas destacadas. Enquanto isso, Lula frequentemente tinha seus posicionamentos, propostas de governo, formação, histórico e características físicas questionados e menosprezados. Assim, criou-se uma espécie de embate entre um “mocinho” e um “vilão”, entre o “caçador de marajás” e o “candidato operário”. De forma parecida, em 2022, tivemos um confronto entre um “cristão” e um “corrupto”, entre o “mito” e o “Lulaladrão”.

Estabelecemos esse paralelo com a eleição de 1989 por ser a estreia do PT na disputa pela Presidência. Já nesse momento, é possível identificar uma articulação do sentimento de rejeição ao partido, que viria a crescer ao longo dos anos. Além disso, como mencionado

anteriormente, trata-se da primeira eleição polarizada do período democrático, projetada por um verdadeiro espetáculo político, uma dinâmica que também marcou a eleição de 2022.

Embora Bolsonaro não tenha sido reeleito, a propagação de *fake news* foi um importante instrumento político, evidenciado pelo resultado da eleição, com 50,83% dos votos válidos para Lula contra 49,17% para Bolsonaro. Vale mencionar que logo após o resultado ser anunciado, muitos bolsonaristas não reconheceram a derrota, questionando a legitimidade do processo eleitoral e clamando por intervenção militar e até mesmo por ação de extraterrestres. Houve também protestos em frente a quartéis, paralisações de estradas e, em 8 de janeiro de 2023, alguns dias após a posse do candidato eleito, indivíduos inconformados invadiram e depredaram o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal.

Percebemos que apesar da derrota de Bolsonaro, sua postura populista, autoritária e truculenta, assim como a narrativa conservadora e antipetista e o uso das redes sociais para disseminar *fake news* ainda possuem força e adesão. Além do mais, considerando a atual ascensão da extrema-direita com a vitória de Milei na Argentina, o avanço da ultradireita na eleição para o Parlamento Europeu e a vitória de Trump à presidência dos Estados Unidos em 2024, acreditamos ser essencial que no Brasil sejam estabelecidas leis específicas para combater a desinformação provocada por *fake news*. Isso garantiria que o Poder Judiciário esteja legalmente amparado em suas decisões contra a disseminação de notícias falsas.

Além disso, é crucial engajar e promover as agências de checagem de fatos, como Lupa, Truco e Aos Fatos, para que ganhem maior reconhecimento social e, conseqüentemente, contribuam para que mais pessoas tenham acesso a informações verídicas. Sabendo que o *fact-checking* deve ser comprometido com valores como imparcialidade, apartidarismo e transparência. Acreditamos que ao agir com rigor na verificação da verdade, a checagem de fatos pode ser uma ferramenta eficaz para atenuar os prejuízos causados pelas *fake news*, confrontando-as com informações fundamentadas e confiáveis.

Também é necessário investir mais na formação docente e discente para que a sociedade possa se tornar mais consciente diante da desinformação. Com uma sólida prática de educação midiática em salas de aula, museus, eventos acadêmicos e outros espaços, os indivíduos podem gradualmente adquirir autonomia para consumir e compartilhar informações de forma mais cuidadosa e consciente, além de refletir sobre os efeitos adversos das *fake news*. Assim, a educação midiática pode se mostrar uma ferramenta crucial para a futura neutralização da desinformação. Nesse sentido, esperamos que o *e-book* produzido a partir desse estudo, voltado

a prática da educação midiática, possa contribuir de certa forma com o processo de letramento digital e, conseqüentemente, com a neutralização dos efeitos da desinformação.

Além disso, é importante que a imprensa também participe dessa ação transversal buscando recuperar a credibilidade que possuía anteriormente. Contudo, para que isso seja possível, é necessário que haja uma desvinculação da lógica atual, em que questões importantes são decididas quase que exclusivamente por algoritmos. Levando em consideração que, nessa perspectiva, engajamento e lucro são mais importantes do que a qualidade do conteúdo. Logo, a imprensa precisa voltar a investir em um jornalismo que demanda tempo, empenho e investimento para produzir notícias fidedignas que possam, inclusive, confrontar as *fake news* a partir da refutação de fatos falsos por fatos verídicos.

Outrossim, as redes sociais precisam começar a adotar critérios predefinidos e claros sobre a política de exclusão de *fake news* de suas bases, além de ampliar a ação de dispor links junto aos conteúdos fraudulentos que redirecionem o usuário para uma versão verdadeira dos fatos, ou seja, buscar combater a desinformação com informação. Contudo, ambas as ações precisam ser realizadas de forma explícita, apartidária e imparcial.

A partir dessas considerações, percebemos que lidar com a desinformação é um desafio complexo que requer não apenas tempo e investimento, mas também a colaboração entre diferentes esferas sociais e múltiplos esforços para enfrentar as *fake news*. Embora a desinformação exista há bastante tempo, os avanços tecnológicos renovaram e impulsionaram sua disseminação, sendo utilizada para promover discursos populistas e radicais, o que coloca em risco as democracias ao redor do mundo.

Apesar das importantes considerações alcançadas por este estudo, ele apresenta limitações inerentes à pesquisa sobre eventos correntes. Conforme Hobsbawm (2013), o historiador do presente lida com dificuldades relacionadas ao excesso de informação característico da era digital, além de enfrentar impasses no acesso a outras fontes. O pesquisador está também sujeito a movimentos efêmeros do clima histórico. Assim, como esta é uma pesquisa qualitativa que trabalhou com um corpus documental reduzido, apesar da vasta quantidade de documentos disponíveis, e considerando que novos desdobramentos ocorreram após a eleição de 2022, não é possível generalizar nossos achados ou aplicá-los a outros contextos.

Diante dessas limitações, pesquisas futuras poderiam ampliar a análise sobre a associação entre desinformação, antipetismo e bolsonarismo, explorando como esses fenômenos se retroalimentam e investigando suas implicações e continuidades. Consideramos

importante estudar esses movimentos, levando em conta que, segundo Jason Stanley (2018), embora o uso de discursos e métodos com aspectos fascistas não implique inevitavelmente a formação de um estado fascista, há razões consideráveis para manter a preocupação.

À vista disso, esperamos que esta pesquisa possa contribuir com a compreensão de algumas complexidades da época atual, relativas a relação da comunicação política digital e o avanço de governos radicais. Posto que, é responsabilidade dos pesquisadores buscar as fontes, analisá-las considerando a realidade, como realizamos aqui, e empenhar-se na luta por uma transformação social e política que verdadeiramente responda às necessidades da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AGGIO, Camilo de Oliveira; REIS, Lucas Dos Santos. Campanha eleitoral no Facebook: usos, configurações e o papel atribuído a este site pelos candidatos durante as eleições municipais de 2012. **Compolítica**, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <https://revista.compolitica.org/index.php/revista/article/view/48>. Acesso em: 24 fev. 2024.

ALMEIDA, Milena et al. O Movimento Político Antissistema e sua Articulação no Facebook: análise das estratégias de comunicação online dos partidos políticos PSL (Brasil) e M5S (Itália). **Intercom**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0361-1.pdf>. Acesso em: 7 mai. 2024.

ANDRADE, Hanrrikson. Em discurso, Bolsonaro chama Lula de ‘capeta que quer impor o comunismo...’ **UOL**, [S. l.], 13 set. 2022. <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/09/13/em-discurso-bolsonaro-chama-lula-de-capeta-que-quer-impor-o-comunismo>. Acesso em: 22 de mar. 2024.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia de bolso, 2013.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena: O drama**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BRAGA, Sérgio; CARLOMAGNO, Márcio. Eleições como de costume? Uma análise longitudinal das mudanças provocadas nas campanhas eleitorais brasileiras pelas tecnologias digitais (1998-2016). **Revista Brasileira de Ciência Política**, p. 07-62, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/HShqCWG3ghZ7SrdPwPGMprq/>. Acesso em: 17 fev. 2024.

BRAGA, Sérgio. O uso da internet nas campanhas eleitorais: o balanço do debate e algumas evidências sobre o Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 90, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/34012/36746/39958>. Acesso em: 29 jul. 2024.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: Vigilância e resistência na dadosfera**. 1. ed. [S. l.]: Ubu Editora, 2021.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política. Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura**. [S. l.]: Brasiliense, 2012. v. 1.

BERNARDI, ANA JULIA BONZANINI. **REDES SOCIAIS, FAKE NEWS E ELEIÇÕES: MEDIDAS PARA DIMINUIR A DESINFORMAÇÃO NOS PLEITOS ELEITORAIS BRASILEIROS**. Monografia (Bacharel em Filosofia) - UFRGS, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/197602/001097862.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2023.

BERNARDI, Ana Julia; COSTA, Andressa. Populismo e fake news na era dos pós verdade: comparação entre Estados Unidos, Hungria e Brasil. **Cadernos de Campo**, Araraquara, n. 28, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/13690>. Acesso em: 30 ago. 2023.

BUSTAMANTE, João Francisco. A linguagem fascista como estratégia. *Opinião Filosófica*, [S.l.], v. 12, n. 2, 2021. Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofil=osofica/article/view/1041>. Acesso em: 30 jul. 2024.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

_____. **Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?** 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

_____. **Discurso de ódio: Uma política do performativo.** São Paulo: UNESP, 2021.

CAMARGO, Aline; MAGNONI, Antonio Francisco; MIRANDA, Giovani Vieira. Comunicação política, internet, juventude e participação: proposta de reflexão. **Comunicação-reflexões, experiências, ensino.** Curitiba, v. 14, n. 1, p. 087-098, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/download/58286872/B4_Comunicacao_reflexao.pdf. Acesso em: 1 mar. 2024.

CAMBRIDGE DICTIONARY. [S. l.: S. N]. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/> Acesso em: 20 mar. 2024.

CAMURÇA, Marcelo. UM PODER EVANGÉLICO NO ESTADO BRASILEIRO? MOBILIZAÇÃO ELEITORAL, ATUAÇÃO PARLAMENTAR E PRESENÇA NO GOVERNO BOLSONARO. **REVISTA NUPEM**, [s. l.], v. 12, n. 25, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5597>. Acesso em: 8 abr. 2024.

CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ÓDIO COMO POLÍTICA: A REIVENÇÃO DAS DIREITAS NO BRASIL.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

CARVALHO, Lucas Borges de. A democracia frustrada: fake news, política e liberdade de expressão nas redes sociais. **Internet & Sociedade**, [s. l.], v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/a-democracia-frustrada-fake-news-politica-e-liberdade-de-expressao-nas-redes-sociais>. Acesso em: 4 set. 2023.

CASARA, Rubens. Precisamos fala da "direita jurídica". In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ÓDIO COMO POLÍTICA: A REEINVENÇÃO DAS DIREITAS NO BRASIL.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. As classes dominantes e as novas direitas no Brasil contemporâneo. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ÓDIO COMO POLÍTICA: A REEINVENÇÃO DAS DIREITAS NO BRASIL**. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. **A tragédia e a farsa: A ascensão das Direitas no Brasil contemporâneo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

CARREIRO, Gamaliel da Silva. SOBRE A LÓGICA DO VOTO EVANGÉLICO NO BRASIL: FILIAÇÃO RELIGIOSA E SEU IMPACTO NA POLÍTICA BRASILEIRA. **Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 7, n. 2, 2017. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/31908/17572>. Acesso em: 9 abr. 2024.

CASO Lava Jato. **MPF**, [S. l.], [S. D.]. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>. Acesso em: 8 dez. 2023.

CENSO 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. **Agência IBGE Notícias**, [S. l.], p. 4, 29 jun. 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>. Acesso em: 2 jul. 2024.

CESARINO, Leticia. **O mundo do avesso: Verdade e política na era digital**. São Paulo: UBU, 2022.

COELHO, Núbia. A EXTREMA DIREITA E OS MEMES DE CAVALEIROS MEDIEVAIS: POSSÍVEIS IMPACTOS NO ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL. **Convergências: estudos em Humanidades Digitais**, Goiânia, 2023. Disponível em: <https://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/7086/1/NUBIA%20CHALLINE%20DE%20LIVEIRA%20COELHO-DISSERTA%C3%87%C3%83O-PPGDIRE.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2024.

COLLINS. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/fake-news>. Acesso em: 8 dez. 2023.

CRESCIMENTO de partidos de extrema direita no Parlamento Europeu provoca preocupação internacional. **G1**, [S. l.], 10 jun. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/06/10/crescimento-de-partidos-de-extrema-direita-no-parlamento-europeu-provoca-preocupacao-internacional.ghtml>. Acesso em: 29 nov. 2024.

D'ANCONA, Matthew. **PÓS-VERDADE: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DIRETRIZES PARA O PROGRAMA DE RECONSTRUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO BRASIL: LULA ALCKMIN 2023-2026 COLIGAÇÃO BRASIL DA ESPERANÇA. TSE, [S. l.], ago. 2022. Disponível em: <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/280001607829/pje-3b1196fd-Proposta%20de%20governo.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.

DISCURSO de Bolsonaro deixa ativistas ‘estarecidos’ e leva OAB a pedir sua cassação. **BBC**, [S. l.], p. 19 abr. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro ONGS_oab_mdb. Acesso em: 4 jun. 2024.

DOS SANTOS, Fábio. Do lulismo a Bolsonaro: agonia da Nova República no Brasil. **Boletín Onteaiken**, [s. l.], ed. 26, 2018. Disponível em: <http://onteaiken.com.ar/ver/boletin26/onteaiken26-01.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2024.

DOS SANTOS, Marcelo Leandro. Victor Klemperer: a linguagem do mal e a nazificação da sociedade alemã. **Veritas (Porto Alegre)**, [S. l.], v. 63, n. 1, p. 150–189, 2018. DOI: 10.15448/10.15448/1984-6746.2018.1.29499. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/29499>. Acesso em: 21 nov. 2024.

É #FAKE que PT distribuiu mamadeiras eróticas para crianças em creches pelo país. **G1**, [S. l.], 28 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2021/10/28/e-fake-que-pt-distribuiu-mamadeiras-eroticas-para-criancas-em-creches-pelo-pais.ghtml>. Acesso em: 3 dez. 2024.

ELEIÇÃO de Barack Obama. **Jornal Nacional**, [S. l.], 12 jan. 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/reportagens-e-entrevistas/noticia/eleicao-de-barack-obama.ghtml>. Acesso em: 28 nov. 2024.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os enegenheiros do caos**. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2022.

Entenda a condenação de Lula no caso do triplex. **G1**, São Paulo, 5 abr. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/entenda-a-condenacao-de-lula-no-caso-do-triplex.ghtml>. Acesso em: 6 dez. 2023.

FALCÃO, Paula; SOUZA, Aline. PANDEMIA DE DESINFORMAÇÃO: AS FAKE NEWS NO CONTEXTO DA COVID-19 NO BRASIL. **Reciis**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/47085> Acesso em: 11 set. 2023.

FIRMINO, Inara. HISTÓRICO DE CRIMINALIZAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA COMO FUNDAMENTAÇÃO DO PRECONCEITO EXISTENTE NO “ROLEZINHO”. In: **DOSSIE ROLEZINHOS: SHOPPING CENTERS E VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NO ESTADO DE SÃO PAULO**. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: <http://www.direitorp.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/Dossi%C3%AA-Rolezinhos.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2024.

FURACÃO Milton: fake news atrapalham trabalho das autoridades nos EUA. **G1**, [S. l.], 9 out. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/10/09/furacao-milton-fake-news-atrapalham-trabalho-das-autoridades-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 29 nov. 2024.

GARRETT, Filipe. Algoritmo: entenda o que é, como funciona na internet e veja exemplos. **TechTudo**, [S. l.], 16 ago. 2024. Disponível em:

<https://www.techtudo.com.br/guia/2024/08/algorithmo-entenda-o-que-e-como-funciona-na-internet-e-veja-exemplos-edsoftwares.ghtml>. Acesso em: 28 nov. 2024.

GOMES, Beatriz. No dia da Liberdade de Imprensa, Bolsonaro sugere fechar mídia brasileira. **UOL**, São Paulo, 7 jun. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/06/07/jair-bolsonaro-imprensa.htm>. Acesso em: 9 jul. 2024.

GOMES, Wilson Silva; DOURADO, Tatiana. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s. l.], v. 16, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/84073443/41754.pdf>. Acesso em: 13 set. 2023.

GRISOLIO, Lilian Marta. Imperialismo e Anticomunismo na América Latina. **Revista Latinoamericana**, [s. l.], 2012. Disponível em: <https://www.ariadnatucma.com.ar/?p=2986>. Acesso em: 1 ago. 2024.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre História**. [S. l.]: Companhia de bolso, 2013.

INELEGIBILIDADE. **TJDFT**, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/inelegibilidade>. Acesso em: 15 jul. 2024.

ITUASSU, Arthur et al. DE DONALD TRUMP A JAIR BOLSONARO: democracia e comunicação política digital nas eleições de 2016, nos Estados Unidos, e 2018, no Brasil. **Compólitica**, Brasília, 2019. Disponível em: http://compolitica.org/novo/anais/2019_gt4_Ituassu.pdf. Acesso em: 12 jun. 2023.

JARDIM, Hallini; ZAINDAN, Phillipe. Controle de informação uma análise sobre o papel da censura e da fake news na história brasileira. **VEREBD**, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article>. Acesso em: 7 set. 2023.

JOSÉ, Caio. ROLEZINHO: O DINHEIRO CONTRA A LIBERDADE. In: SEVERI, Fabiana; FRIZZARIM, Nickole. **DOSSIE ROLEZINHOS: SHOPPING CENTERS E VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NO ESTADO DE SÃO PAULO**. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: <http://www.direitorp.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/Dossi%C3%AA-Rolezinhos.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2024.

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LACERDA, Marina. Contra o comunismo demoníaco: o apoio evangélico ao regime militar brasileiro e seu paralelo com o endosso da direita cristã ao governo Bolsonaro. **Religião & Sociedade**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/Yvgm4T74KWZHN4vYttLrxVB/?lang=pt#>. Acesso em: 2 abr. 2024

LANZ, Letícia. **O CORPO DA ROUPA A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. 2014. Dissertação (Mestre em Sociologia) - UFPR, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36800>. Acesso em: 4 ago. 2024.

LIMA, Elizabeth Christina. MISOGINIA E ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE DILMA ROUSSEFF. *Vivência: Revista de Antropologia*, [s. l.], v. 1, n. 56, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/23688>. Acesso em: 3 jun. 2024.

LOPES, Monalisa et al. "2018, a batalha final": Lava Jato e Bolsonaro em uma campanha anticorrupção e antissistema. *Civitas Revista de Ciências Sociais*, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/GsQRTNzJNvYYqZYBwjfV7jM/?lang=pt#>. Acesso em: 8 abr. 2024.

LUNA, Naara. A CONTROVÉRSIA DO ABORTO E A IMPRENSA NA CAMPANHA ELEITORAL DE 2010. *CADERNO CRH*, Salvador, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/py3FMFSxmKgKWFmpZqFJxdF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2024.

MACÊDO, Dalila Maria Silva de. OS POSTS COMO ATO DE LINGUAGEM: UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DOS DISCURSOS ANTICOMUNISTAS. *Revista FORM@RE*, [s. l.], v. 1, ed. 1, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/parfor/article/view/13569>. Acesso em: 30 maio 2024.

MAGNONI, Antonio Francisco et al. A INTERNET COMO INDUTORA DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: MÍDIA, TECNOLOGIA E ENGAJAMENTO NOS AMBIENTES DIGITAIS. *COMUNICOLOGIA*, Brasília, v. 10, n. 2, 2017. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/8130>. Acesso em: 11 jul. 2024.

MALUF, Sônia Weidner. O golpe de 2016, as mulheres e o futuro da democracia: neoliberalismo, desigualdade e misoginia. *Revista de História*, João Pessoa, v. 26, n. 45, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/59101>. Acesso em: 9 abr. 2024.

MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque et al. "Fake news acima de tudo, fake news acima de todos": Bolsonaro e o "kit gay", "ideologia de gênero" e fim da "família tradicional". *Revista Eletrônica Correlatio*, [s. l.], v. 17, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/9299>. Acesso em: 27 out. 2023.

MARI, Sergio; MICHELAN, Vanessa Silva. O MEME COMO LINGUAGEM DA INTELIGÊNCIA COLETIVA. *COMUNICOLOGIA*, [s. l.], v. 12, n. 1, 2019. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/10295/6237>. Acesso em: 24 jul. 2024.

MASSUCHIN, Michele Goulart; TAVARES, Camilla Quesada. Campanha eleitoral nas redes sociais: estratégias empregadas pelos candidatos à Presidência em 2014 no Facebook. *Revista Compólitica*, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://revista.compolitica.org/index.php/revista/article/view/87/90>. Acesso em: 14 maio 2024.

MASCARO, Alysson Leandro. **CRÍTICA DO FASCISMO**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

MATSUNO, Camila Gasques de Bari e REALE, Manuella Vieira. Estratégias utilizadas por influenciadores de direita na propagação do anticomunismo. **Tópicos de marketing no século XXI**: volume 3. Tradução. São Paulo: Edições EACH, 2023. p. 6-20. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786588503584>. Acesso em: 30 ago. 2024.

MECHI, Patrícia Sposito. Nayib Bukele: um príncipe antimoderno no século XX. In: MECI, Patrícia Sposito; DULCI, Tereza M. Spyer (org.). **Extrema-direita e neoconservadorismo na América Latina e no Caribe**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

MEDEIROS, Josué. Lugares de Memória dos Trabalhadores #20: Colégio Nossa Senhora de Sion. **Fundação Perseu Abramo**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2020/02/14/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-20-colegio-nossa-senhora-de-sion/>. Acesso em: 23 jul. 2024.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. GUERRA HÍBRIDA NO BRASIL: O CASO LULA. Perspectivas, São Paulo, v. 52, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/13232>. Acesso em: 25 set. 2023.

MIGUEL, Luiz Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ÓDIO COMO POLÍTICA: A REIVENÇÃO DAS DIREITAS NO BRASIL**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordça no parlamento brasileiro. **Revista Direito e práxis**, [s. l.], 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3509/350947688019.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MINISTÉRIO Público identifica anunciante dos adesivos infames de Dilma. **Pragmatismo Político**, [S. l.], 10 jul. 2015. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/07/ministerio-publico-identifica-anunciante-dos-adesivos-infames-de-dilma.html>. Acesso em: 2 dez. 2024.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/?lang=pt#>. Acesso em: 12 maio 2024.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. ANTICOMUNISMO E ANTIPETISMO NA ATUAL ONDA DIREITISTA. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto et al, (ed.). **Pensar as direitas na América Latina**. [S. l.]: Editora Alameda, 2019.

_____. **EM GUARDA CONTRA O PERIGO VERMELHO: O ANTICOMUNISMO NO BRASIL (1917 - 1964)**. 2. ed. Niterói: Eduff, 2020.

NIKLAS, Jan. Bolsonaro faz discurso em tom de guerra religiosa em culto evangélico: ‘Se não falarmos em política hoje, não podemos amanhã falar em Deus’. O GLOBO, [S. l.], 10 set. 2022. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/09/bolsonaro-faz-discurso-em-tom-de-guerra-religiosa-em-culto-evangelico-se-nao-falarmos-em-politica-hoje-nao-podemos-amanha-falar-em-deus.ghtml>. Acesso em: 14 maio 2024.

NOBRE, Marcos. **Limites da democracia: De junho de 2013 ao governo Bolsonaro**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2022.

NUNES, Rodrigo. **DO TRANSE À VERTIGEM: Ensaio sobre bolsonarismo e um mundo em transição**. 1. ed. [S. l.]: Ubu Editora, 2022.

Oliveira, Renata Peixoto de. A projeção internacional do Brasil em meio à convulsão democrática regional: crise da integração, neoliberalismo e Política Externa do governo Bolsonaro. In: MECHI, Patrícia; DULCI, Tereza (org.). **Extrema-direita e neoconservadorismo na América Latina e no Caribe**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

O QUE o TSE decidiu sobre a Jovem Pan. UOL, [S. l.], 13 set. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/20/tse-decisao-jovem-pan.htm>. Acesso em: 4 jun. 2024.

OXFORD Learner’s Dictionaries. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/fake-news>. Acesso em: 8 dez. 2023.

PAVANELLI, Lucas. Medida excepcionalíssima’, diz Cármen Lúcia sobre decisão do TSE contra canais bolsonaristas. **Rádio 7 Itatiaia**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/eleicoes/eleicoes-2022/2022/10/20/medida-excepcionalissima-diz-carmen-lucia-sobre-decisao-do-tse-contras-canais-bolsonaristas>. Acesso em: 4 nov. 2024.

PINTO, Céli Regina Jardim. A TRAJETÓRIA DISCURSIVA DAS MANIFESTAÇÕES DE RUA NO BRASIL (2013-2015). **Lua Nova**, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/yy7GFGFWK8tkCfLHM8TrFNM/?lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2023.

PRESSE, France. Ataque a pizzaria nos EUA mostra perigo de rumores nas redes sociais. **G1**, [S. l.], 6 dez. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/ataque-a-pizzaria-nos-eua-mostra-perigo-de-rumores-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 1 jul. 2024.

RANZANI, Luiz Henrique; CARAM, Nirave Reigota. A migração da comunicação política para o ambiente digital: Twitter de jair bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018. **Revista Multiplicidade**, v. 9, n. 9, 2019. Disponível em: <https://revistas.fibbauru.br/multiplicidadefib/article/view/432>. Acesso em: 7 fev. 2024

RECUERO, Raquel. **A CONVERSAÇÃO EM REDE: Comunicação mediada pelo computador e internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. **REDES SOCIAIS NA INTERNET**. São Paulo: Editora Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoly. Cascata de Fake News política: um estudo de caso no Twitter. *Galáxia*, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/39035/28669>. Acesso em: 19 out. 2023.

RIBEIRO, Amanda. Bolsonaro quebra silêncio nas redes para repetir mentira sobre cachorros na Venezuela. *Aos Fatos*, [S. l.], 8 nov. 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaro-mentira-cachorros-venezuela/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

ROCHA, Camila. “Imposto é Roubo!” A Formação de um Contrapúblico ultraliberal e os Protestos Pró-Impeachment de Dilma Rousseff. *Dados*, Rio de Janeiro, n. 62, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/xtmSkTyVvY4SRn3tpkNZhZR/>. Acesso em: 12 out. 2023.

_____. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ÓDIO COMO POLÍTICA: A REEINVENÇÃO DAS DIREITAS NO BRASIL**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

RODRIGUES, Rosália. **Ciberpolítica: comunicação política 2.0 nas eleições legislativas de 2009**. Beira Interior: Universidade da Beira Interior, 2010. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/bocc-rodrigues-ciberpolitica.pdf>. Acesso em 15 fev. 2024.

SÁBER, Tales AB'. **DILMA ROUSSEFF E O ÓDIO POLÍTICO**. São Paulo: Hedra, 2015.

_____. **LULISMO, CARISMA POP E CULTURA ANTICRÍTICA**. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2016.

SANTOS, Anderson dos. **O espetáculo na política brasileira: a despolitização do político através das imagens de Fernando Collor nas capas da revista VEJA (1988-1992)**. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba, 2008. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/17193/Andersondosantos.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2021.

SANTOS, Marcelo. **VAI PRA CUBA!!! A REDE ANTIPETISTA NA ELEIÇÃO DE 2014**. Dissertação (Mestre em Comunicação) -UFF, Niterói, 2016.

SANTOS, Romer Mottinha; CIOCCARI, Deysi; DE MORAES, Thiago Perez Bernardes. O clã Bolsonaro e o Twitter: comunicação política e influência na rede social. *Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, n. 10, p. 65-81, 2020. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/7838>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SASTRE, Angelo et al. A INFLUÊNCIA DO “FILTRO BOLHA” NA DIFUSÃO DE FAKE NEWS NAS MÍDIAS SOCIAIS: REFLEXÕES SOBRE AS MUDANÇAS NOS ALGORITMOS DO FACEBOOK. *REVISTA GEMInIS*, [s. l.], v. 9, n. 1, 2018. Disponível

em:https://www.academia.edu/downloadKd/56995457/A_influencia_do_filtro_bolha_na_difusao_de_Fake_News_nas_midias_sociais.pdf. Acesso em: 9 jul. 2024.

SZABÓ, Ilona. **A defesa do espaço físico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

SECCO, Lincoln. **História do PT**. 5. ed. Cotia: Atêlie Editorial, 2018.

SPINELLI, Egle Müller; SANTOS, Jéssica de Almeida. Saberes necessários da educação midiática na era da desinformação. **Revista Mídia e Cotidiano**, [s. l.], v. 13, n. 3, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38112>. Acesso em: 17 out. 2023.

SILVA, Ana Karolina Moraes da. Contrarreação hegemônica e a ascensão da direita na América do Sul: o papel do intervencionismo estadunidense. In: MECHI, Patrícia Sposito; DULCI, Tereza M. Spyer (org.). **Extrema-direita e neoconservadorismo na América Latina e no Caribe**. [S. l.]: Pedro & João Editores, 2023.

SILVA, Carla Luciana Souza da. **VEJA NA HISTÓRIA DA IMPRENSA BRASILEIRA: A CRIAÇÃO DE VEJA E O MODELO TIME - NEWSWEEK**. 2005. Tese (História) - Doutorado, Niterói, 2005. Disponível em: <https://marxismo21.org/wpcontent/uploads/2012/08/Veja-Carla-Silva.pdf>. Acesso em: 22 de ago. 2021.

Silva, Jociane. Os mandatos da antipolítica: líderes políticos digitais e a representação política na América Latina. **Compólitica**, 13(1), 171–196. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21878/compolitica.2023.13.1.686>. Acesso em: 20 de mai. 2024.

SILVA, Thiago Rodrigo da; LEHFELD, Neide Aparecida. Os lócus do jovem pobre na sociedade a partir do boom dos rolezinhos. **Revista katálysis**, [s. l.], 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/tP6qTdpvqsc3KkHLJqKWfsx/#>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SILVA, Vanile. **MEMES NAS REDES SOCIAIS: UM INSTRUMENTO DE DISPUTA IDEOLÓGICA (2016-2019)**. Dissertação (Mestre em História) - UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2022. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6325>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SILVA, Victor Augusto. **A religião distrai os pobres? Pentecostalismo e voto redistributivo no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) - USP, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-08012021-111833/pt-br.php>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SINGER, André. **Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro: A Identificação Ideológica nas Disputas Presidenciais de 1989 e 1994**. São Paulo: Edusp, 2002.

SOARES, António Goucha. Brexit: o referendo de 2016. **RELAÇÕES INTERNACIONAIS**, [s. l.], 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335739092_Brexit_the_2016_referendum Acesso em: 24 set. 2023.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. In: **Democracia em risco?** 1. ed. [S. l.]: Companhia das Letras, 2019.

STANLEY, Jason. **Como Funciona o Fascismo: a Política dos “nós” e “eles”**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2018.

TAVARES, Vitor. ‘Brasil vai virar Argentina’: como país vizinho virou ‘nova Venezuela’ nas redes bolsonaristas. **BBC**, [S. l.], 21 ago. 2022.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-62567470>. Acesso em: 12 jun. 2024

TATAGIBA, L. (2018). Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. **Lusotopia**, Disponível em: <https://ouci.dntb.gov.ua/en/works/42ZxxJK4/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo**. Belo Horizonte: Âyiné, 2021.

TRIVELLATO, Márcia. Entenda a Operação Lava Jato. **Jusbrasil**, [S. l.], 2015. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/entenda-a-operacao-lava-jato/239374690>. Acesso em: 6 dez. 2024.

TIBURI, Marcia. **Fascismo e delírio de massa**. Youtube, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/CDdCI27tNUg> Acesso em 5. Mar. 2023.

TRUMP vence em Springfield, Ohio, alvo de fake news difundida por ele sobre imigrantes comendo pets. **GI**, [S. l.]. 7 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2024/noticia/2024/11/07/trump-vence-em-springfield-ohio-cidade-de-fake-news-sobre-imigrantes-comendo-pets.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2024.

TSE desmonetiza quatro canais e suspende divulgação de documentário. **TSE**, [S. l.], 20 out. 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/tse-desmonetiza-quatro-canais-e-suspende-divulgacao-de-documentario>. Acesso em: 3 dez. 2024.

TSE indefere pedido de registro de candidatura de Lula à Presidência da República. **TSE**, [S. l.], 1 set. 2018. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Setembro/tse-indefere-pedido-de-registro-de-candidatura-de-lula-a-presidencia-da-republica>. Acesso em: 7 set. 2023.

TORRE, Bruna. Sobre Adorno, fascismos e a indústria cultural 4.0. **Outras Mídias**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/industria-cultural-a-nova-organizacao-da-ultradireita/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

VEJA. **A ESQUERDA SOBE: Lula encosta em Brizola e entra na briga pelo segundo turno**. São Paulo: Editora Abril, 18 de outubro de 1989. Nº 1101.

VIANA, N. O Significado dos Rolezinhos. **Revista Posição**, [S. l.], v. 1, n. 01, p. 4–8, 2022. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/pos/article/view/13>. Acesso em: 21 nov. 2024.

VIEIRA, Henrique. Fundamentalismo e extremismo não esgotam experiência do sagrado nas religiões. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ÓDIO COMO POLÍTICA: A REEINVENÇÃO DAS DIREITAS NO BRASIL**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

10 redes sociais mais usadas entre os brasileiros: confira o ranking atualizado! **MLabs**, [S. l.], 1 ago. 2024. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas>. Acesso em: 10 dez. 2024.

36 milhões de pessoas no Brasil não acessaram a internet em 2022, diz pesquisa. **G1**, [S. l.], 16 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/05/16/36-milhoes-de-pessoas-no-brasil-nao-acessaram-a-internet-em-2022-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2024.

60 anos do Golpe Militar de 1964: uma reflexão necessária sobre democracia e direitos. **Comunica. UFU**, [S. l.], 15 abr. 2024. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticias/2024/03/60-anos-do-golpe-militar-de-1964-uma-reflexao-necessaria-sobre-democracia-e>. Acesso em: 29 nov. 2024.



FAKE NEWS, DESINFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

*Um guia prático para promover a educação
midiática*

**Michele Kerolem
UFCAT**

Fake news, desinformação e educação:


*Um guia prático para promover a
educação midiática*

**Orientação: Dra. Lilian Marta
Grisolio**

Autora:

**Michele Kerolem
de Aleluia Batista**

Mestra pelo Programa de Pós-
Graduação em História - Mestrado
Profissional (PPGH -MP), 2025
Licenciada em História , 2021
Universidade Federal de Catalão -
UFCAT
Catalão, Goiás.



Batista, Michele
Cultura digital; Educação;
Fake news;
Redes sociais.
Catalão, 2025

SUMÁRIO

Apresentação	3
Breve reflexão sobre a educação midiática	6
Sociedade digital	8
Tempos de fake news	11
Potencialidades da educação midiática	14
Educação midiática na prática	18
Realidade ou farsa?	19
Atividade 1.....	22
Atividade 2	24
Atividade 3	26
Atividade 4	28
Atividade 5	30
Para saber mais	
Refências	
Glossário	

Apresentação

A proposta deste e-book é servir como um guia de apoio para a sociedade como um todo. Sendo assim, foi produzido com o intuito de ser um material conciso, utilizando uma linguagem simples e de fácil acesso a todos os indivíduos interessados em explorar as potencialidades da educação midiática.

Partimos do pressuposto de que a educação midiática é uma importante ferramenta para neutralizar os malefícios provocados pela atual tendência global das fake news e, conseqüentemente, da desinformação. Entendemos que ela não é a solução definitiva para o problema, dada a sua complexidade.

Todavia, acreditamos que o investimento de tempo e recursos em uma boa prática de educação para as mídias pode contribuir para a formação de cidadãos mais reflexivos, críticos e éticos, capazes de atuar no ambiente digital, bem como em outros contextos de sua vivência.

Além disso, acreditamos que, para uma efetiva mitigação dos efeitos danosos das fake news e da desinformação, é necessária uma ampla colaboração entre vários setores da sociedade, assim como o investimento do Estado, para que essas iniciativas possam se concretizar. Outrossim, estamos na chamada Era da Informação, pois a evolução tecnológica transformou a comunicação, permitindo uma abundância e velocidade de informações nunca vistas antes.

Assim, certamente, o avanço tecnológico tem promovido consideráveis benefícios sociais, como as melhorias na economia, comunicação, educação, saúde, ciências, entre outros setores.

Porém, também é iminente o caos informacional que vivemos neste século, considerando que o excesso, a fluidez e a dinâmica da comunicação digital estimulam a propagação de notícias falsas, discurso de ódio, crimes cibernéticos, além de causar ansiedade e esgotamento mental devido ao intenso fluxo de conteúdo.

Dessa forma, acreditamos que formar pessoas a partir dos preceitos da educação midiática é de extrema importância na atualidade, visando a criação de cidadãos mais habilidosos para viver e lidar com as constantes transformações da era digital.

Posto isso, a estrutura deste guia contará, após a introdução, com uma breve reflexão sobre a urgência de considerar a prática da educação midiática como uma ação essencial nos dias atuais. Em seguida, na primeira seção, será apresentada uma breve contextualização sobre o surgimento e a evolução da internet e das redes sociais.

Na seção seguinte, discutiremos as características das fake news, seu conceito e origem. Na terceira seção, abordaremos os objetivos e as potencialidades da educação midiática. Por fim, na segunda parte do e-book, apresentamos uma metodologia simples, que pode contribuir para identificar se uma informação é verdadeira ou não. Além de cinco exemplos de atividades

práticas para trabalhar com a educação midiática em diferentes contextos.

Dessa maneira, acreditamos que este guia pode contribuir para uma prática comprometida com a transformação social por meio da educação midiática. Vale mencionar que este guia é um produto social derivado da minha dissertação de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Universidade Federal de Catalão. Na dissertação, investigou-se o uso de fake news na eleição presidencial de 2022.

Com o aprofundamento do tema da dissertação, ficou evidente a urgência de uma união entre o Estado, universidades, mídias e sociedade civil para neutralizar os malefícios da desinformação. Desse modo, este e-book pretende oferecer uma modesta contribuição para essa conjuntura tão complexa.

Boa leitura!

Breve reflexão sobre a educação midiática

Levando em consideração que a desinformação provocada pela ampla propagação de fake news tem sido utilizada como uma ferramenta política e de negação da ciência, além de suas consequências danosas para a população, inferimos que é essencial buscar e aplicar medidas para atenuar esses males.

A título de exemplo, temos a recente pandemia da COVID-19, em que muitas informações inverídicas foram disseminadas na rede, o que pode ter contribuído para o aumento do número de infectados e óbitos, como alguns estudos já apontam.

Muitas dessas informações falsas questionavam a gravidade da doença e promoviam desconfiança em relação aos dados oficiais sobre os índices de contaminados e mortos. Além disso, houve uma grande quantidade de informações enganosas sobre os sintomas, diagnóstico, uso de máscaras, álcool e vacinas, incluindo o uso de coquetéis de prevenção e tratamentos alternativos, como ozonoterapia e cloroquina, por exemplo.

A desinformação durante a pandemia da COVID-19 é apenas um exemplo de como as notícias falsas podem ser prejudiciais à sociedade. Poderíamos citar aqui inúmeras notícias fraudulentas recentes que causaram efeitos negativos.

Entretanto, o propósito deste guia é servir como apoio à prática da educação midiática; portanto, não nos alongaremos em exemplificações.

Partimos do pressuposto de que capacitar as pessoas nas técnicas e nos efeitos da comunicação digital é uma ação poderosa e urgente para lidarmos melhor com o atual contexto de caos informacional.

Levando em consideração que cidadãos educados para as mídias — ou seja, com a oportunidade de acessar formação para adquirir habilidades de leitura crítica e reflexão — podem consumir informações de forma mais consciente.

Além disso, o incentivo à compreensão da significância ética ao se comunicar no ambiente digital pode estimular a formação de uma sociedade mais responsável e consciente em relação à autoexpressão e ao direito à liberdade de expressão.

Assim, considerando as fake news e a desinformação como obstáculos à cidadania e à democracia, é necessário investir em ferramentas para combatê-las. Dentre as diferentes possibilidades, consideramos aqui o potencial da educação para a transformação social.

Sociedade digital: internet e redes sociais

A internet é uma invenção relativamente recente, desenvolvida há pouco mais de meio século. Certamente, trata-se de uma inovação importante, pois tem exercido progressivamente um grande impacto nas relações políticas, econômicas e pessoais. O físico britânico Tim Berners-Lee, considerado o "pai da internet", desejava que ela fosse um meio de comunicação democrático, diferente dos outros, ou seja, sem um dono, aberto e livre.

As redes sociais surgiram junto à evolução da internet, mais precisamente no final do século XX e na primeira década do século XXI. Algumas fizeram grande sucesso, mas depois foram extintas ou substituídas por outras com formatos mais modernos.

Nos anos 2000, surgiu o SixDegrees.com, que conquistou quase 4 milhões de usuários. No entanto, não teve longa duração, mas serviu para que seu criador obtivesse uma patente do formato de rede social, o qual, segundo ele, seria o futuro da comunicação. [1]

Uma rede social pode ser definida como um espaço que permite a criação de um perfil público, semipúblico ou anônimo, possibilitando a conexão entre amigos familiares, colegas ou até pessoas desconhecidas, mas que possuem gostos semelhantes. Com o intuito de compartilhar fotos, pensamentos, informações ou diálogos por meio do chat.

O aumento dos dispositivos móveis, juntamente com o barateamento dos pacotes de dados, contribuiu significativamente para a adesão massiva e o sucesso dessas plataformas. Como resultado, o número de usuários e o tempo gasto nas redes aumentaram de forma expressiva. Nesse contexto, a internet é considerada hoje um dos principais, ou talvez o principal, ambientes de comunicação.

Além disso, com o crescimento das redes sociais, meios de comunicação tradicionais, como televisão, revistas, jornais e rádio, perderam parte da sua audiência. Atualmente, muitas pessoas buscam informação nas redes sociais, além de assistirem a eventos esportivos, religiosos e culturais por meio de lives no Facebook ou Instagram, por exemplo.

Durante mais de 50 anos, a internet extrapolou seu objetivo inicial e se transformou em um meio com amplas possibilidades, oferecendo acesso à informação, entretenimento e educação. As redes sociais, em particular, facilitaram as conexões interpessoais, pois aproximam pessoas geograficamente distantes, assim como indivíduos desconhecidos que compartilham interesses comuns.

Notas:

[1]A patente era abrangente e descrevia um serviço de rede social que matinha uma base de dados, permitindo um membro criar uma conta, e então incentivava a convidar outras pessoas para se conectarem a sua rede através de e-mail. Se as pessoas aceitassem o convite, criava-se ali uma comunicação de mão du -

pla. O que é a base das redes sociais. (KIRKPATRICK 2011 apud ROCHA; FILHO, 2016).

Tempos de fake news

Após as inovações tecnológicas proporcionadas pelo advento do computador e da internet, entramos na Era da Informação, caracterizada por uma sociedade hiperconectada. Nesse cenário de abundância e velocidade da informação, surgiram alguns contratempos, entre eles a popularização das fake news.

Vale salientar que essa prática não surgiu juntamente com o avanço tecnológico. A disseminação de informações falsas para promover desinformação existe há séculos. No entanto, foi durante a eleição presidencial dos Estados Unidos em 2016, que o termo fake news ganhou popularidade, especialmente pelo uso frequente de Donald Trump.

Durante essa disputa política, o então candidato republicano frequentemente acusava importantes veículos da mídia tradicional de propagarem notícias falsas, com o objetivo de se defender das críticas feitas por esses meios. Além disso, foi notável a disseminação de informações inverídicas por Trump e sua base de apoiadores no Twitter, atual "X", com o intuito de prejudicar seus oponentes.

Depois dessa eleição, a expressão conquistou repercussão mundial. A tradução literal do termo fake news é "notícias falsas". Entretanto, seu conceito é mais complexo; em razão disso, ainda não há um consenso epistemológico sobre o termo. De acordo com o Collins English Dictionary, fake news pode ser definida como "false, often sensational, information disseminated under the guise of news reporting" [4].

Por outro lado, o Oxford Learner's Dictionaries define como "false reports of events, written and read on web sites" [5].

Assim sendo, muitos estudiosos defendem que o uso da expressão "notícia fraudulenta" seja mais adequado, pois consegue abranger de forma mais satisfatória a complexidade que envolve o problema. Isso porque essas informações são criadas e divulgadas com o intuito de difundir desinformação.

Ademais, embora os termos desinformação e fake news sejam, frequentemente, utilizados como sinônimos, é importante observar algumas distinções. A desinformação pode ser compreendida como a prática de divulgar informações sabidamente falsas com um objetivo específico.

Ao passo que, fake news pode ser entendido como um produto gerador de desinformação, essas notícias falsas funcionam, na prática, como impulsionadoras de desinformação. Além disso, o conceito de pós-verdade está intimamente relacionado a esse contexto. Conforme D'Ancona, a pós-verdade trata-se de uma circunstância em que fatos verdadeiros têm menos relevância do que aqueles que estão em concordância com valores e emoções pessoais [6].

Dessa maneira, compreendemos que os conceitos mencionados estão entrelaçados, pois a propagação de fake news cria um cenário de desinformação e, um ambiente alicerçado em desinformação contribui para a formação do atual cenário de pós-verdade.

Notas:

[2] Mesmo antes da invenção da prensa gráfica no século XV, que possibilitou a produção em massa de livros, panfletos, jornais etc. Já era comum a prática de disseminação de informações inverídicas e, conseqüentemente, um contexto de desinformação.

[3] Nos últimos tempos, reservou-se (e, com isso, popularizou-se) o termo fake news para designar os relatos pretensamente factuais que inventam ou alteram os fatos que narram e que são disseminados, em larga escala, nas mídias sociais, por pessoas interessadas nos efeitos que eles poderiam produzir. "A expressão se refere, principalmente, aos relatos inventados ou alterados e difundidos com propósitos políticos." (GOMES; DOURADO, 2019, p. 5)

[4] Informações falsas, muitas vezes sensacionalistas, divulgadas sob o disfarce de reportagens.

[5] Relatos falsos de eventos, escritos e lidos em sites.

[6] Em 2016, o Oxford Dictionaries escolheu "pós-verdade" como sua palavra do ano., definindo-a como forma abreviada para "circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e a crença pessoal". (D'ANCONA, 2018, p. 20).

Potencialidades da educação midiática

Os sites de redes sociais, ou simplesmente redes sociais, como são popularmente conhecidos, alcançou um espaço significativo como fonte de comunicação e informação, permitindo a aproximação de pessoas distantes e a divulgação em tempo real de notícias e eventos.

Contudo, como mencionado anteriormente, apesar dos vários benefícios para a educação, comunicação, saúde, entre outros, também surgiram alguns malefícios. Destacamos a proliferação de fake news, pois, a rapidez e a fluidez das redes sociais favorecem a criação de um ambiente de desinformação, facilitando a disseminação de informações falsas.

Assim, entendemos que é fundamental buscar estratégias eficazes para enfrentar as fake news e a desinformação gerada por sua propagação. Nesse sentido, consideramos a educação um campo com grande potencial para neutralizar essas adversidades.

Acreditamos que projetos comprometidos com o processo de ensino-aprendizagem voltados para as mídias, ou seja, que ensinam técnicas de análise e interpretação de informações, podem contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e éticos no ambiente virtual.

O propósito da educação midiática é somar os conhecimentos da educação e os conhecimentos da comunicação, para, então, a partir de técnicas variadas, estimular as pessoas a realizarem uma leitura crítica e

atenta dos conteúdos de diferentes mídias, desenvolvendo assim a habilidade de avaliar a intenção das mensagens e identificar se há teor sensacionalista, manipulação ou discurso de ódio.

Além disso, é importante promover uma postura ética na criação ou no compartilhamento de conteúdo e comentários. Dessa forma, partimos do pressuposto de que a educação midiática tem o potencial de fomentar a responsabilidade no ato de compartilhar ou produzir conteúdo nas redes, incentivando os indivíduos a participar de maneira cautelosa e ética na sociedade, por meio de uma comunicação consciente.

Vale destacar, que não existe um modelo único de educação midiática; é possível adaptá-la de acordo com o contexto, a faixa etária, os recursos tecnológicos disponíveis, entre outras especificidades. Nessa perspectiva, pode ser implementada em diferentes ambientes e realidades.

Ademais, uma pesquisa realizada em 2023, exibida pelo Jornal Nacional[8], mostrou que o acesso às telas e à internet tem começado cada vez mais cedo, ainda na primeira infância. Logo, não podemos ignorar o seu papel significativo em nossas vidas desde cedo.

Diante disso, consideramos a educação midiática uma ferramenta poderosa para formar cidadãos mais preparados para lidar com o intenso fluxo de conteúdo informativo. Para tanto, é importante desenvolver as habilidades de análise crítica e ética na interação com as informações digitais.

À vista disso, o trabalho com educação midiática deve incluir atividades de análise de notícias para que possa desenvolver ou ampliar o senso crítico social.

É importante aprender a "ler nas entrelinhas": analisar elementos como técnicas de diagramação ou paletas de cores, que podem ser usadas para influir na mensagem da informação.

Também é crucial ensinar as pessoas a questionar as notícias, incentivando a verificação da fonte e dos dados apresentados, além de comparar com outras fontes para conferir a veracidade do conteúdo.

Assim sendo, acreditamos que uma prática sólida de educação midiática em diferentes ambientes, como escolas, ONGs, universidades, museus e outras organizações sociais pode, gradualmente, levar as pessoas a adquirir autonomia para consumir, produzir e compartilhar conteúdo de forma crítica e ética nas suas redes.

Nessa perspectiva, considerando o potencial de resistência e de transformação social, inerente à educação, defendemos que é possível neutralizar o avanço da desinformação por meio da formação de cidadãos mais conscientes e éticos [9].

Notas:

[7] Nessa lógica, Spinelli; Santos (2019, p. 49) afirmam que "Diante do desafio em desenvolver competências que permitam às crianças uma atitude crítica e exigente com a mídia, é fundamental que diversos atores – governo, representantes da sociedade, escolas, veículos de mídia, universidades – se unam para estabelecer políticas públicas que reconheçam na educação midiática suas vertentes interdisciplinares.

[8] "Em 2023, 24% dos entrevistados disseram ter começado a se conectar à internet antes dos 6 anos de idade. Em 2015, esse percentual era de 11%". (G1, 2023).

[9] Em concordância com Almeida (2018, p. 35) "são louváveis as iniciativas educativas que permitem apreender como ler e avaliar o contexto comunicativo, ensinando a não ser divulgadores inconscientes de desinformação, mas atores do seu desvendamento".

Educação midiática na prática

A internet e as redes sociais estão presentes em diferentes campos e contextos sociais. Atualmente, é difícil analisar um acontecimento sem considerar o papel desempenhado pelas mídias digitais. Nesse sentido, acreditamos que o letramento digital é tão importante quanto a inclusão, pois, ao navegar na rede, o internauta está exposto a uma vasta gama de informações, entretenimento e comunicação, que podem ser positivas ou negativas.

Nessa perspectiva, levando em consideração que o atual contexto de desinformação pode ser muito ruim a sociedade, acreditamos que a educação midiática é uma ferramenta poderosa, que, combinada a outras estratégias, pode ajudar a neutralizar os efeitos da disseminação das fake news.

Dessa forma, apresentamos neste tópico cinco exemplos de atividades de referência, abertas e flexíveis, para explorar técnicas de educação midiática, com o objetivo de desenvolver o letramento digital. Ressaltamos que as propostas podem ser adaptadas e aplicadas em diferentes ambientes e faixas etárias.

Realidade ou farsa?

Sugestões para identificar se uma informação é falsa:

1. Títulos alarmantes ou sensacionalistas:

Títulos ou chamadas bombásticas são frequentemente usados para atrair a atenção das pessoas. Tenha cuidado e não se deixe influenciar apenas por esse primeiro contato com a notícia. Leia, ouça ou assista a todo o conteúdo para entender do que realmente se trata.

2. Ainda tem dúvidas sobre a veracidade?

Se, após a leitura, você ainda estiver em dúvida sobre a autenticidade da informação, faça questionamentos críticos:

- Onde foi publicado?
- Quem a publicou?
- Quando aconteceu a publicação?
- Essa informação é atual?
- Foi publicada em outros lugares?
- Existem dados ou evidências nos portais oficiais, meios acadêmicos ou canais de comunicação confiáveis?

3. Consuma a notícia com atenção:

Esteja atento à linguagem utilizada. Verifique se há um tom alarmante ou sensacionalista e observe a escolha de palavras. Fique alerta a excessos de adjetivos, erros ortográficos e gramaticais em textos escritos. Em comunicações orais, sinais como tom de voz agressivo, excesso de emoções, críticas exageradas ou elogios excessivos, informalidade exagerada, xingamentos e ameaças também são indicativos para ter atenção.

4. A diagramação ou ambiente é questionável?

Além da linguagem verbal, é importante prestar atenção aos elementos não verbais. Observe aspectos da diagramação, como cores, imagens e termos em destaque, que podem transmitir uma mensagem oculta ou tendenciosa. Se for um vídeo, examine os objetos, as cores e tudo que compõe o cenário, analisando se transmitem algo implicitamente. Caso seja necessário clicar em um link, avalie o layout do site de origem. Fique atento se ele parece amador, se contém excesso de propagandas ou apresenta erros de navegação.

Dica extra:

Se, após seguir essas dicas, ainda restarem dúvidas sobre a veracidade da notícia, uma boa alternativa é consultar sites de agências de checagem, como Lupa, Truco e Aos Fatos.

Essas plataformas de fact-checking são uma maneira eficaz de confrontar as fake news, comparando-as com dados fundamentados e confiáveis.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Atividade 1

Objetivo

Estimular o desenvolvimento de uma leitura mais atenta, crítica e reflexiva de conteúdos informativos, incentivando a interpretação e o questionamento de seus componentes.

Recursos

- Data show
- Caixa de som
- Internet

Desenvolvimento

1. O instrutor deve iniciar com uma breve discussão . . . introdutória, investigando os conhecimentos prévios dos educandos sobre conceitos como educação midiática, fake news, desinformação, pós-verdade e sensacionalismo.
2. Em seguida, o instrutor deve apresentar diferentes formatos de conteúdo noticioso: imagens, textos, vídeos, artigos jornalísticos, memes, entre outros, sobre assuntos diversos da atualidade.

3. Cada conteúdo exibido será observado e interpretado de forma coletiva e oral. Nessa fase inicial, o instrutor apenas questionará os educandos sobre se a mensagem parece ser verdadeira ou falsa, sem entrar em análises mais profundas.

4. Após essa primeira interação, o instrutor deve fazer outra exposição. Pedirá aos educandos uma leitura mais cuidadosa. Nesse momento, deve ser analisado todos os componentes do conteúdo:

- Título
- Data de publicação
- Autoria e fontes
- Linguagem utilizada
- Cores e tom de voz
- Uso de estatísticas e gráficos

O objetivo é identificar possíveis mecanismos de sensacionalismo e manipulação, analisar as intenções por trás da mensagem, o público-alvo e os possíveis efeitos negativos para a sociedade.

Contribuições

Essa atividade tem como foco estimular o desenvolvimento de uma leitura crítica e autônoma, promovendo a responsabilidade social no consumo e produção de conteúdos informativos.

Atividade 2

Objetivo

Instigar o hábito de analisar, de forma cuidadosa, as notícias com a intenção de identificar possíveis vieses e manipulações da informação.

Recursos

- Dispositivo com acesso à internet
- data show

Desenvolvimento

1. Realizar uma breve introdução sobre os conceitos de fake news, desinformação e viés de confirmação.
2. Em seguida, dividir os educandos em grupos proporcionais e escolher coletivamente um tema atual e polêmico, como, por exemplo, o movimento antivacina, aquecimento global ou ideologia de gênero.
3. Cada grupo deverá pesquisar e selecionar dois ou três conteúdos informativos sobre o tema em diferentes veículos de comunicação digital: jornal, revista, site, blog, pequenos documentários etc.
4. Os integrantes do grupo devem fazer uma leitura coletiva das notícias com atenção, analisando como o assunto foi abordado pelos diferentes veículos de

informação, destacando as possíveis diferenças, vieses e manipulações. Em seguida, deverão discutir se e como a cobertura midiática pode influenciar a opinião pública acerca do tema.

5. As considerações e apontamentos deverão ser apresentados de forma oral por cada grupo.

6. A seguir, o instrutor da atividade pode fazer algumas observações, destacar pontos relevantes apresentados pelos grupos, a fim de complementar a compreensão sobre como diferentes perspectivas sobre um tema podem conduzir o consumidor da informação para um ponto de vista distinto.

Contribuições

Desenvolver habilidade e autonomia para ler notícias com criticidade.

Atividade 3

Objetivo

Desenvolver uma leitura crítica a partir da análise de notícias.

Recursos

- Material impresso
- dispositivo com acesso à internet

Desenvolvimento

1. Realizar uma exposição oral a respeito de fake news, desinformação, ferramentas de impulsionamento de notícias falsas, como filtro bolha, bots, trolls, etc., e formas para identificar se um conteúdo informativo é falso.
2. Em seguida, pedir que os educandos formem duplas e distribuir a tabela classificatória.
3. Enviar o link de algumas notícias previamente selecionadas para que as duplas leiam e classifiquem se são ou não são fake news. Estabelecer um tempo para a realização da atividade.
4. Por último, fazer uma correção e discussão coletiva sobre a classificação de cada notícia.

Exemplos de critérios para criar a tabela:

- Possui título chamativo ou sensacionalista?
- Foi publicado em outros veículos de informação?
- Possui muitos erros ortográficos e gramaticais?
- Possui opinião explícita ou disfarçada?
- A data de publicação coincide com a data em que o fato ocorreu?
- O site é verdadeiro?

Contribuições

Estimular a prática de uma leitura cuidadosa e analítica com o intuito de identificar narrativas fraudulentas e não contribuir com a disseminação desses conteúdos.

Atividade 4

Objetivo

Pesquisar hashtags em redes sociais sobre assuntos polêmicos da atualidade para análise e discussão.

Recursos

- Dispositivo com acesso à internet.

Desenvolvimento

1. Definir um tema atual e polêmico que seja alvo de fake news, como vacina, aquecimento global, terraplanismo, etc. Pedir que os educandos pesquisem em suas redes sociais, YouTube e Google publicações sobre o assunto.
2. Pedir que leiam ou assistam com atenção o material midiático selecionado.
3. Propor um debate coletivo a partir de questões, como:
 - Como as mídias sociais podem contribuir para promover narrativas falaciosas?
 - A propagação de informações fundamentadas e corretas pode contribuir para a neutralização das fake news?

- Que linguagem e estratégias de convencimento foram utilizadas? (dancinhas, fala tendenciosa, estatísticas e dados estranhos ou alarmantes, referências bibliográficas não confiáveis, etc.)
- Qual discurso (anti ou pró) apresentou mais engajamento e concordância do público, com base nas interações?
- Quais são as consequências da disseminação desses conteúdos?

O instrutor deve garantir que o debate seja um momento reflexivo e respeitoso, promovendo o compartilhamento de ideias de maneira construtiva e equilibrada.

Contribuições

Estimular a reflexão crítica sobre o papel e o potencial da comunicação digital.

Atividade 5

Objetivo

Analisar conteúdos midiáticos com narrativas falsas e discurso de ódio, a fim de refletir sobre a origem, fundamentos e efeitos sociais desses conteúdos.

Recursos

- Data show
- caixa de som

Desenvolvimento

1. Escolher previamente textos, imagens, vídeos, etc., que contenham narrativas fraudulentas e discursos de ódio. Exemplos incluem materiais que abordam a ideologia de gênero de forma distorcida, como os mitos sobre “kit gay” e “banheiro unissex”.
2. Realizar uma breve introdução sobre os conceitos de fake news e discurso de ódio.
3. Exibir o material selecionado para os educandos.
4. Solicitar que os educandos pesquisem sobre a origem e os fundamentos que impulsionaram a fake news e a argumentação que justifica os discursos de ódio presentes nas publicações ou nos comentários.
5. Promover uma discussão sobre os conteúdos midiá-

ticos que propagam boatos e ódio nas mídias sociais e explorar as possíveis consequências sociais desses conteúdos.

Contribuições

Desenvolver uma leitura crítica e uma postura reflexiva em relação às fake news e ao discurso de ódio.

➡ Importante:

No final de cada atividade, o instrutor pode propor um feedback rápido por meio do preenchimento de um questionário, da produção de um texto ou de uma discussão oral. O objetivo é coletar as impressões dos educandos, tanto positivas quanto negativas, sobre a atividade, além de receber sugestões para melhorar a eficácia.

Para saber mais

Sites:

Projeto Comprova

<https://projetocomprova.com.br>

Fakecheck

<https://www.fakecheck.com>

Agência Lupa

<https://lupa.uol.com.br>

Boatos.org

<https://www.boatos.org>

Fato ou Fake

<https://g1.globo.com/fato-ou-fake>

Aos Fatos

<https://www.aosfatos.org/>

Educamídia

<https://educamidia.org.br>

Agência Pública - Truco

<https://apublica.org>

Livros:

5 Contribuições da Educação Midiática à Convivência e à Paz

EducaMídia - Programa Palavra Aberta

5 Contribuições da Educação Midiática aos Direitos Humanos

EducaMídia - Programa Palavra Aberta

5 Contribuições da Educação Midiática à Educação Antirracista

EducaMídia - Programa Palavra Aberta

5 Contribuições da Educação Midiática à Liberdade de Expressão

EducaMídia - Programa Palavra Aberta

5 Contribuições da Educação Midiática à Democracia

EducaMídia - Programa Palavra Aberta

5 Contribuições da Educação Midiática aos Direitos da Criança na Internet

EducaMídia - Programa Palavra Aberta

Isso é Fake News?

LAPIN

Guia da educação midiática

EducaMídia - Programa Palavra Aberta

JORNALISMO, FAKE NEWS & DESINFORMAÇÃO, UNESCO.

Pós-Verdade: A Nova Guerra Contra os Fatos em Tempos de Fake News. [Matthew D'Ancona](#) - Faro Editorial

Referências

ALMEIDA, Tadeu Lourenço de. **INICIATIVAS DE ENFRENTAMENTO DAS FAKE NEWS NAS ELEIÇÕES DE 2018: UMA ANÁLISE DA RESOLUÇÃO 23.551, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2017, DO TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL**. 2018. Monografia (Bacharel em Direito) - UFCG, Sousa, 2018. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br> Acesso em: 11 out. 2023.

COLLINS. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/fake-news>. Acesso em: 8 dez. 2023.

D'ANCONA, Matthew. **PÓS-VERDADE**. 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

Estudo mostra que crianças brasileiras estão acessando a internet cada vez mais cedo. *Jornal Nacional*, [S. l.], 25 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornalnacional/noticia/2023/10/25/estudo-mostra-que-criancas-brasileiras-estaoacessando-a-internet-cada-vez-mais-cedo.ghtml>. Acesso em: 29 out. 2023.

Geralt. **Fake news** [imagem]. 2018. Disponível em: <https://pixabay.com/illustrations/fake-news-mediafake-information-lie2127597/>. Acesso em: 17 set. 2024.

GOMES, Wilson Silva; DOURADO, Tatiana. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s. l.], v. 16, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/84073443/41754.pdf>. Acesso em: 13 set. 2023.

OXFORD Learner's Dictionaries. Disponível em:
<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/fake-news>. Acesso em: 8 dez. 2023.

ROCHA, Glauco Capper da; FILHO, Veridiano Barroso de Souza. **Da guerra às emoções: história da internet e o controverso surgimento do Facebook**. IV Encontro Regional Norte de História da Mídia – , Rio Branco, 2016. Disponível:http://www.alcarnorte.com.br/wpcontent/uploads/alcar2016_da_guerra_as_emocoes_historia_da_internet_e_o_controverso_surgimento_do_facebook.pdf. Acesso em: 1 ago. 2023.

SPINELLI, Egle Müller; SANTOS, Jéssica de Almeida. **Saberes necessários da educação midiática na era da desinformação**. Revista Mídia e Cotidiano, [s. l.], v. 13, n. 3, 2019. Disponível:<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38112> . Acesso em: 17 out. 2023.

GLOSSÁRIO

Crime Cibernético: condutas criminosas cometidas na internet.

Desinformação: compartilhamento de informações sabidamente falsas com a intenção de manipular a opinião pública.

Discurso de ódio: fala preconceituosa e ameaçadora contra alguém ou um grupo, comum na internet, principalmente, nas redes sociais.

Educação midiática: conjunto de saberes que ensina os indivíduos a ler, escrever e interagir de forma crítica no ambiente digital.

Engajamento: interação que o público tem com o conteúdo postado em uma rede social, como curtidas, comentários, compartilhamentos, etc.

Fact-checking: verificação de fatos.

Fake news: termo utilizado para se referir a informações falsas, geralmente, disseminadas em sites de redes sociais.

Liberdade de expressão: direito fundamental do ser humano de expressar e compartilhar suas opiniões e ideias sem temer retaliação, desde que não provoque efeitos negativos individuais ou sociais.

Live: transmissão ao vivo de vídeo em sites de redes sociais.

Mídia: dispositivo de comunicação e informação em diferentes ambientes e formatos.

Mídias sociais: dispositivos de comunicação e informação na internet. Exemplos: Blogs, fóruns, plataformas de conversação e/ou compartilhamento como o Youtube.

Mídias tradicionais: dispositivos convencionais de comunicação e informação que ocorrem de forma vertical, isto é, a mensagem é criada e transmitida pelo o emissor para o receptor: Exemplos: Televisão, rádio, jornal, revista.

Pós verdade: distorção deliberada da realidade.

Sites de redes sociais: ou apenas redes sociais, são plataformas criadas para a interação de pessoas na internet. Exemplos: Instagram, Facebook, TikTok, Twitter.

Sensacionalismo: notícias e informações expressas de forma exagerada.